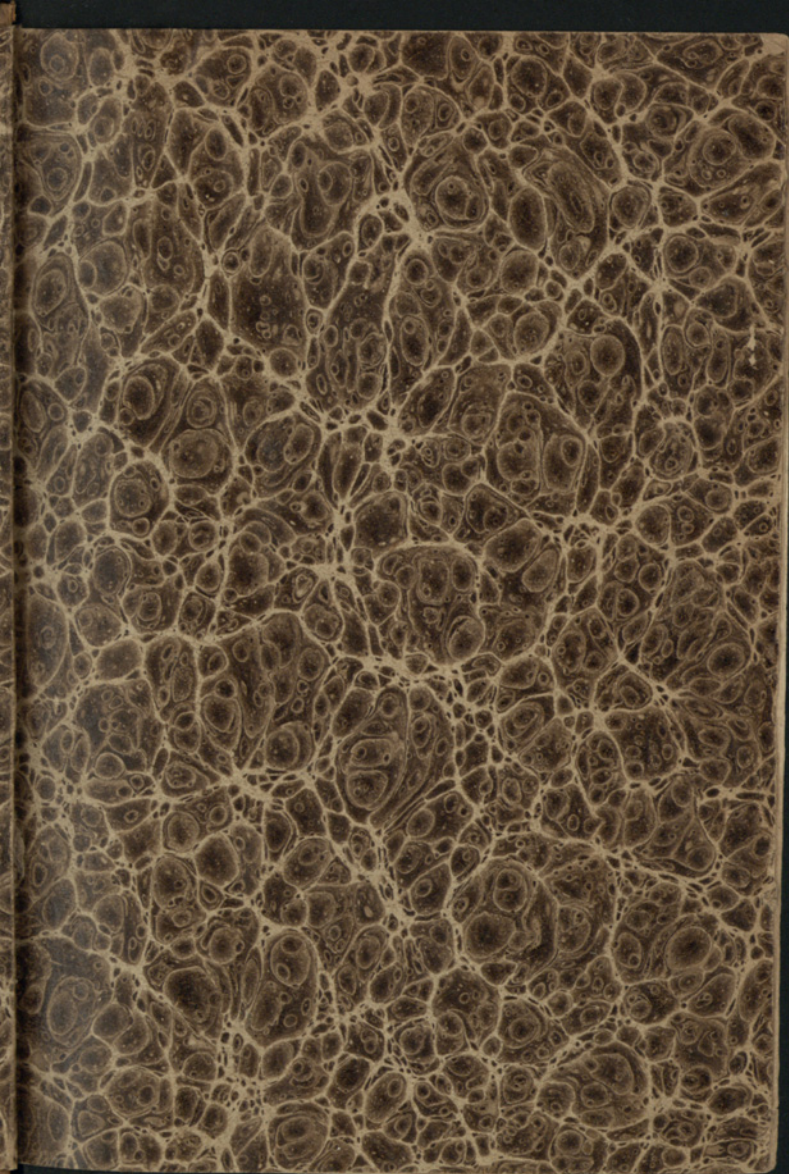
The image shows the front cover of a book. The cover is bound in a dark brown, marbled paper with a complex, organic pattern of swirling, cell-like shapes. In the center, there is a rectangular white label with a double-line border. The text on the label is centered and reads:

LIVRARIA
DE
FIALHO DE ALMEIDA

1912



~~FA 1850~~



MARIA MOYSÉS

GRAND CHAIN

ROYAUME DE FRANCE

MEMOIRE

VI

MARIE MOYSES

DE

MEMOIRE PARTIE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

FIALHO

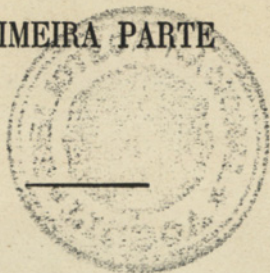
NOVELLAS DO MINHO

PUBLICAÇÃO MENSAL

VII

MARIA MOYSÉS

PRIMEIRA PARTE



LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^a

68-Praça de D. Pedro-68

1876

Res
4996

A propriedade d'esta obra pertence a Henrique de Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

A

THOMAZ RIBEIRO

São passados dez annos depois que vieste aqui. Foi hontem; e a pedra onde gravei o teu nome está denegrida como a dos tumulos antigos. Debaixo d'ella estão dez annos da nossa vida. Jazem ali os homens que então eramos. Estou vendo Castilho encostado ao frizo da columna tosca; estou ouvindo os teus versos recitados em nome de meus filhos.... Ah! é verdade.... tu não os recitaste porque tinhas lagrimas na voz e no rosto. Que faria de ti a politica, meu querido, meu poeta da patria e da alma?

S. Miguel de Seide, novembro de 1876.

PHYSIOLOGIA PART II

The human body is composed of various parts, each of which performs a specific function. The organs of the body are arranged in a systematic manner, and their actions are regulated by the nervous system. The study of physiology is essential for understanding the health and disease of the human body. The following chapters will discuss the functions of the various organs and systems of the body.

PRIMEIRA PARTE

O pequeno pegureiro contou as cabras á porta do curral; e, dando pela falta de uma, desatou a chorar com a maior boca e bulha que podia fazer. Era noute fechada. Tinha medo de voltar ao monte, porque se affirmava que a alma do defuncto capitão-mor andava penando na Agra da Cruz, onde apparecera o cadaver de um estudante de Coimbra, muitos annos antes. O povo attribuiria aquella morte ao capitão-mor de Sancto Aleixo de além-Tamega, por vingança de ciumes, e propalava que a alma do homicida, de fraldas brancas e rossagantes, infestava aquellas

serras. O moleiro das Poldras contrariava a opinião publica, asseverando que a aventesma não era alma, nem a tinha, por que era a egua branca do vigario. A maioria, porém, poz em evidencia o factó psycologico, divulgando que o moleiro era homem de máos costumes, tinha sido soldado na guerra do *Russilhão*, não se desobrigava annualmente no rol da igreja, nem constava que tivesse matado algum francez.

Era por 1813, meado de agosto, quando o pastor chorava encolhido a um canto do curral, e pedia ao padre Santo Antonio com muitas lagrimas que lhe deparasse a cabra perdida.

João da Lage, o amo, assomou á porta da córte, e bradou:

—Perdeste alguma rez?

O rapaz tartamudeou, tiritando de medo:

—Perdeste, ladrão? vai em cata d'ella, e olha lá: se a não trouxeres, não me appareças mais, que te arranco os figados pela bocca.

E deu-lhe dois valentes pontapés á conta.

Este João da Lage era homem de principios

menos maus, assentados em religião e patria; havia matado dois francezes doentes nas ambulancias retardadas, e acreditava que o fantasma era a alma do capitão-mor e não a egua branca do vigario.

O rapazinho deitou a correr, e lá foi caminho da serra. Tendo de optar entre os maleficios da alma penada e a biqueira do tamanco do amo, preferia encontrar o defuncto capitão-mor. Ainda assim, ia resando alto quanto sabia da cartilha: os *Peccados mortaes*, as *Obras de misericordia*, os *Sacramentos da Sancta Madre Igreja*, tudo. Á sahida da aldeia, recuou estarecido. Vira um fantasma branco a destacar das trevas, e agachado na raiz de um castanheiro.

—Ó Zé da Monica, és tu?— perguntou o suspeito fantasma.

—Sou eu, tia Brites— respondeu o rapaz suspirando offegante — Credo! que medo vossê me fez!

—Tu onde vás a esta hora?!

—Vou á cata de uma cabra. Vossê viu-a?

—Eu não. Olha lá, a tua ama Zefa tambem anda á procura da cabra?

—Ágora! A senhora Zefinha está doente ha mais de mez e meio na cama.

—Isso sei eu; mas havia de jurar que a vi saltar agora o portelo da cortinha do rio! Se não era a Zefa, era o demo por ella!

O rapaz tornou a tolher-se de medo, e perguntou a meia voz:

—Seria a alma?

—Do sr. capitão-mor? Não me pareceu; que ella ia de saia escura, e levava um saiôto pela cabeça.

N'este comenos, descia o moleiro do lado da serra pela barroca escura com dois jumentos carregados de folles, e vinha cantando:

*Já fui canario do rei,
Já lhe fugi da gaiola,
Agora sou pintasilgo
D'estas meninas d'agora.*

—P'ra pintasilgo estás muito fanhoso, ó Luiz!
—disse galhofando a Brites do Eirô.

—Ó lá, sua bruxa, que feitiços está vossê a fazer ahi?— respondeu o veterano do 2.º regimento do Porto—Não me metta medo aos burros que elles já estão estacados a olhar p'ra vossê. Deixe passar os parentes.

—Eu não sou da tua familia, ouviste, jacobino?— replicou a velha, e fazendo-lhe duas figas, accrescentou;—toma, que te dou eu, he-reje!

—Ó tio Luiz!— perguntou o pegureiro—vossemessê viu ahi na Agra da Cruz uma cabra?

—Não a vi, rapaz, mas ouvi-a berrar lá para o rio. Mette ahi pela cangosta do Estevão, e vae pela beira do rio abaixo que a topas lá para a Varzea das poldras ou na Insua.

—Está mesmo indo . . . — intreveiu a tia Brites—Boa hora é esta para um rapazinho se metter á cangosta do Estevão!

—Então que tem?

—Que tem?! Vai perguntal-o á Zefa do João da Lage que ficou lá tolhida uma noite, e nunca mais teve saude.

—Sim, sim, tia Brites; vossê lá sabe d'esses tolhiços, e eu tambem sei como as raparigas se tolhem nas cangostas. Tens medo, rapaz?

—Tenho, sim, senhor.

—Espera ahi que eu venho já.

E, tangendo os burros que espontavam o tojo dos valados, foi descarregal-os, encheu-lhes a mangedoura de herva, gargalaçou da borracha uma vez de vinho, e voltou onde o esperava o pastor, a quem a tia Brites contava casos varios de almas penadas.

—Vamos lá, pequeno — disse o moleiro — Conheço bem o teu amo, e sei que elle á conta da cabra, se tiver meio quartilho de aguardente no bucho, é capaz de te quebrar os braços; por isso é que eu t'a vou ajudar a procurar. De que tens tu medo, rapaz? É da alma do capitão-mor? Não sejas tolo. As almas boas dos que morrem são de Deus, não fazem mal a ninguem; e as más são do diabo, que as não larga das unhas.

—Arrenego-te eu! este homem está vestido

e calçado no inferno! — murmurou a tia Brites, erguendo-se indignada, benzendo-se de hombro a hombro, e do alto da cabeça ao umbigo.

—Que está vossê a rosnar, mulher! Que este rapazelho seja parvo, tem desculpa; mas vossê, com mais de setenta annos na carcassa, já tinha tempo de ter juizo n'esses cascos. Vossê já viu almas, ó creatura?

—A mim não me impecem, graças a Deus!
—respondeu Brites com desvanecimento — El-las bem sabem com quem se mettem.

— Não se mettem no seu corpo? Podera . . .
—redarguiu o veterano sempre risonho — Eu, se fosse alma penada, topando com vossê, desatava a fugir. A alma que se metesse n'esse corpo, devia sahir suja como a ratazana d'um cano.

—Vai-te, vai-te, jacobino; cruces, diabo, cruces! — exorcismou a tia Brites com dois dedos em cruz, e metteu-se em casa ás arrecúas.

*

* *

—É o que te digo, rapaz. Deixa lá asneiar o povo. Olha se te guardas de alguma sacholada de teu amo, que das almas do outro mundo te livro eu.

O moleiro ia conversando com o pastor pela pedregosa cangosta do Estevão. Apesar das palavras animadoras do veterano, o rapaz, ao passar nos lanços mais escuros do pedregal, ia orando mentalmente fragmentos da Cartilha. Os vagalumes phosphoreavam entre os silvedos, e ás vezes um melro assustado batia as azas na ramagem das sebes. O pastor então maquinalmente agarrava-se ao braço do moleiro, que lhe mettia a riso a covardia.

Ao fundo da viella, que desembocava no rio, havia dois portelos, um á direita para uma varzea de milho espigado com grande folhagem, outro á esquerda para um panascal que entestava

com a corrente do Tamega. Sahia então do rio para a cangosta um grande vulto alvacento chofrando na agua com pernadas longas e mezuradas. O rapaz expediu um ai rouco, e, agarrando-se aos suspensorios de couro do moleiro, gritou:

—Ó tio Luiz, ó tio Luiz! . . .

—Que é?

—Vossemessê não vê?

—Vejo, pedaço d'asno, vejo: é a alma do capitão-mor que anda a pescar bogas com chumbeira. . . Não vês que é um homem em fralda? Abre esses olhos, bruto!

Era o cazeiro da quinta de Santa Eulalia, que vinha batendo com a chumbeira as angras do rio por onde o escallo costumava acardumar-se.

—És tu, ó Francisco Bragadas? — perguntou o moleiro.

—Sou.

—Ouviste por hi berrar uma cabra?

—Ha pedaço, berrava ali no bravio do Pi-

menta; mas já depois a ouvi lá p'ra baixo na Insua.

—O peixe cai? Dá cá duas bogas para eu cear.

—É má noite. O peixe metteu-se aos poços. Anda coisa má por aqui... Vou-me chegando a casa.

—Coisa má? Topaste algum avejão no rio? Olha que a alma do capitão-mor anda na serra; mas talvez viesse tomar banho, que a noite está quente.

—Homem—volveu o pescador escrupuloso—deixemo-nos de graçolas. Ahi bem perto d'onde tu estás, para lá d'esses salgueiros, ouvi eu, quando passei p'ra riba, uma cousa que parecia uma creatura a chorar e a gemer.

—Isso era coruja ou sapo — replicou o mo-leiro com a intemerata certeza das sciencias naturaes.—Se tens medo, vou contigo; mas has-de repartir do peixe que levas... Lá está a cebra a berrar, ouves, rapaz?

—Já passou para além do rio — disse o da

chumbeira — havia de ser pelo açude. Tendes que fazer. Adeus, Luiz.

— Má raios partam a cabra! — praguejou o moleiro.—Temos de ir passar ás poldras. Olha que espiga! Eu antes queria pagar a rez a teu amo que ir agora além do rio!

N'este momento, ouviram gemidos, que pareciam pouco distantes, á beira do rio.

O pastor, com as mãos fechadas sobre a bocca, e pondo-se de cocoras, disse:

—Ai Jesus!

—Aquillo é cousa! — observou o veterano com pachorrenta reflexão.— Bem dizia o outro. Não é coruja nem sapo . . . Ágora é!

—Então que é, tio Luiz? — perguntou o rapaz com a rouquidão aphonica do pavor.

—É uma mulher a chorar, tu não ouves? Vamos ver quem geme antes de mais nada.

Transpoz o moleiro de um pulo o valado, tossindo de maneira que significava coragem n'este bravo do Roussilhão; mas que em outros bravos que tossem não tem sempre o mesmo significa-

do. O pequeno seguia-o tão de perto que o trilhava nos calcanhares.

Seguiu bem rente a ourela do Tamega; de vez em quando ouvia os gemidos, mas pareciam-lhe mais longe ao passo que mais se avisinhava, porque a voz ia esmorecendo em soluços abafados. Ao cabo do hervaçal adensava-se uma moita de alamos e salgueiros, e lá no interior o rio espraiava-se, formando lençol de agua murmurosa, onde os pescadores colhiam com a chumbeira as bogas no tempo da desóva. Ao chegarem alli, ouviram estas palavras :

—Quem me acode, que eu morro sem confissão !

—Ella é a senhora Zefinha ! é a minha ama ! Valha-me Deus !—exclamou o pastor, e com incrível animo rompeu a direito por entre a ramaria do salgueiral, e saltou, sem arregaçar-se, ao rio, que lhe dava pelo joelho. O moleiro seguiu-o. Com meio corpo na agua e os braços enroscados no esgalho de uma arvore, entreviram, mal distincto na escuridão cerrada pela ramagem,

aquelle vulto de mulher, que repetia as palavras :

—Quem me acode, que eu morro sem confissão !

— Ó senhora Zefinha ! — disse o rapaz — é vossemecê ? — e deitou-lhe os braços ao peito erguendo-a para si. — O' tio Luiz, ajude-me que eu não posso !

— Eu cá estou — disse o moleiro, levantando-a a custo, porque ella tinha as mãos recurvas e os braços rijamente hirtos no tronco do salgueiro como se em ancias de asfixia se houvesse agarrado n'elle.

— Isto que foi, Josefa ? — perguntou Luiz, tomando-a nos braços, e galgando a custo o valado que se esbarrondava cedendo aos pés vacillantes de Luiz, molhados pela agua que escorria dos vestidos.

A filha de João da Lage, estorcendo-se nos braços do moleiro, dizia com palavras soluçantes :

— Não me leve para casa, pelas almas bem-ditas. Deixe-me deitar na terra, e vá chamar o

sr. vigario para me absolver, que eu estou a expedir.

—Tem paciencia, moça; aqui não te deixo que estás toda ensopada em agua, e tens a cara a arder... Tu cahiste ao rio, Josefa? que vieste aqui fazer tão de noite?

—Jesus valei-me! Jesus acudi-me! Jesus salvai-me!—murmurava ella perdendo o alento, e tiritando em calefrios.

Luiz, receiando que a convulsa rapariga lhe expirasse nos braços, atirou-a para o hombro direito, e apertou o passo por entre o hervaçal, dizendo ao rapaz que fosse adiante avisar o amo.

No momento em que transpunha o portello com o embaraço do pezo e do estorvo que lhe fazia o vestido molhado, teve de colher as saias com a mão esquerda; e, n'este lance, sentiu nas costas da mão um contacto de liquido quente como fartum enjoativo de sangue. Então pensou que ella estivesse ferida, e perguntou:

—Tu feriste-te, Josefa?

Ella não respondeu, nem gesticulou levemen-

te. Os braços pendiam inertes ao longo das costas do moleiro, e a cabeça balançava machinalmente conforme os movimentos variados que elle lhe dava ao corpo ageitando-o para saltar a parede escadeada. Vencida a difficuldade, e conseguindo assentar o pé no trilho pedregoso, por onde viera, sentou-se esbofado no respaldo de uma fraga; e, como gelado do terror do cadaver que lhe parecia resfriar nos braços, tremia, descendo do hombro para o regaço a mulher que effectivamente estava morta.

Chamou-a, agitou-a, invocou as almas á mingua dos recursos humanos; e, encostando-a á ribanceira, enxugava com a rama de fetos secos o suor que lhe gotejava das faces ao peito.

Poucos minutos depois, João da Lage, o vigario, e outras pessoas attrahidas pela curiosidade ou pela compaixão, desciam a cangosta do Estevão com fachos de palha accesos. A Brites do Eirô, que os vira passar, ajuntou-se ao grupo dizendo que, ao toque das Trindades, tinha visto Josefa saltar para o campo da Lagôa e met-

ter para o lado do rio, com o saioto pela cabeça.

Na extrema da viella encontraram o Luiz moleiro sentado á beira de Josefa que, vista á luz dos archotes, parecia viva porque tinha os olhos abertos.

—Que é isso, rapariga?—perguntou o pae.

—Não lhe pergunte nada, João, que ella está com Deus—respondeu Luiz.

O vigario, apalpando-lhe as mãos e o rosto, confirmou:

—Está coberta de suor frio. Que foi isto?—ajuntou elle voltando-se para o João da Lage—vossê hade saber pouco mais ou menos porque esta boa rapariga se deitou a afogar!

—Eu não sei—respondeu o pae com a serenidade de um estranho narrador.—Ella estava doente ha mais de mez e meio; mandei chamar o boticario de Friume; elle receitou-lhe não sei que barzabum de xaropadas que a rapariga nem p'ra traz nem p'ra diante. Ora vae hoje ali pela sesta fui achar a minha Maria a chorar, mas nada me disse. Depois, fui regar um campo de mi-

lho, e quando tornei a casa á noite, e perguntei por minha mulher, soube que ella estava ainda no palheiro. Fui-me onde a ella, perguntei-lhe o que tinha, e ella já me não respondeu, porque estava sem accordo; peguei n'ella e deitei-a na cama; e agora quando lá chegou o rapaz com a noticia, ia eu mandar chamar o barbeiro das Vendas Novas a ver se m'a sangrava.

N'esta conjunctura, voltaram-se todos para um dos campos por onde vinha correndo a mãe da morta, chamando a filha a grandes brados.

Os archotes erguidos ao alto alargaram a penumbra e condensaram mais a treva por onde o vulto da mulher vinha crescendo com as mãos na cabeça. A Brites aconchegava-se do vigario a fim de, no caso de intervenção diabolica, se encostar á columna da egreja. Luiz meditava nas revelações do lavrador, e João esperava quieto, silencioso e estúpido a chegada da mulher.

Ella saltou do campo á barroca por cima do tapume de espinheiros e silvas, foi direita á filha, deitou-se sobre ella a beijal-a, a sacudil-a,

a chamal-a com gritos de louca, e ali perdeu os sentidos entre os braços brutaes do marido que se esforçaram por desprendel-a da morta.

*
* *
* *

Vinte e quatro horas depois, o cadaver de Josefa de Santo Aleixo, a loura mocetona, desceu á cova, porque o fodor da podridão obrigára a alterar o estylo das quarenta e oito horas sobre terra. Maria da Lage, a mãe, diziam que dava em louca, porque não comia, nem bebia, nem chorava; e, durante a noite, fugira para o lado da serra. O pae da defuncta, aborrecido dos interrogatorios impertinentes que lhe faziam os visinhos e parentes ácerca das causas que levaram Josefa a matar-se, fechou-se na adega; e, nas seccuras da sua ardente afflicção, é natural que bebesse.

O leitor urbano mal imagina como são estes paes e maridos ruraes quando lhes mor-

rem as filhas ou as mulheres. Os mais lugubres, se estão seis horas no forçado jejum a que os obriga a funeral lareira apagada, começam a cahir n'um sentimentalismo de burros com fome. Nunca vi uma lagrima luzir n'estas caras. Ás vezes, morrem mães que deixam um grupo de creanças ali a chorar n'um canto da cosinha. Os viuvos olham para os pequeninos de travez, e ralham-lhes brutalmente. A estupidez é mais valente que a morte. Se falta a luz que adelgaça e rompe a treva do homem barbaro, á mistura com a velhacaria que a civilização lhe tem dado, o cerebro e o coração são umas empadas de massa inerte, umas substancias granulosas ou fibrosas contidas em sacos membranosos. Não ha nada mais bestial que o homem sem a alma que se faz na educação. A mulher já não é assim. A maternidade é uma illustração que lhe dá a intuitiva intelligencia do amor e das grandes tristezas. Essas, em toda a parte, a chorar, são mulheres; e, ainda na derradeira curva que atasca em lama a espiral da degradação, é-lhes conce-

dido remirem-se pelas lagrimas. Estas reflexões não são todas minhas: quem fazia algumas era um escrivão do juiz de paz, que fôra desanojar o João da Lage; e, posto a um canto do sobrado, conversava com um minorista da Povoá, que assistira aos responsos.

—Vossê conhecia esta rapariga, padre Bento?
—perguntou o funcionario ao minorista.

—Vi-a uma vez na romaria de S. Bartholomeu, fez um anno em 24 de agosto. Assisti-lhe aos exorcismos na capella do santo.

—Ah! conte-me isso . . . ella tinha demonio no corpo? Note vossê, padre Bento, que os espiritos maus quasi sempre se ferram nos bons corpos!

O tonsurado entreabriu um sorriso de forçada complacencia, e não deu azo a que o espirito-forte abrisse a valvula dos sarcasmos, por causa dos quaes havia sido expulso de um convento graciano onde noviciava, e tambem porque sabia francez, e lia *O Citador* de Pigault Lebrun, e chamava á carniceria da revolução franceza a

grande operação da catarata social. Dizia cousas como os socialistas de hoje, que estão a chocar o ovo de uma cousa peor, que hade ser os socialistas de amanhã.

—Bonita era ella...—concordou o estudante de theologia dogmatica; e, movendo pausadamente a cabeça como quem confirma uma recordação dolorosa, accrescentou: — Bem sei eu quem foi a causa d'este suicidio...

—Sabe? e está calado com isso...

—Estou, e... estarei—respondeu discretamente.

—Já sei quem foi a causa de se suicidar a Josefa—acudiu o escrivão.

—Sabe?... então quem foi?

—Foi vossê, padre!

—Não me diga isso nem a rir!—acudiu o theologo com semblante mortificado.

—Estou a brincar, padre Bento. Sei quem é o meu amigo; sabe-o toda a gente; mas conte-me essa historia se confia em mim.

—Lembre-se que essa pobre mulher ainda

está quente na terra. Conversaremos outro dia.

O minorista ergueu-se, quiz despedir-se de João da Lage, que se fechára na adega com a sua dor, e sahiu acompanhado do escrivão, que o não largou até lhe arrancar o segredo ás reluctancias do escrupulo. O futuro presbytero comprehendia christãmente o dever da caridade; mas, vencido pela pertinacia do amigo, disse o que sabia, encarecendo o melindre da revelação. Summariamente contou o seguinte:

Que Josefa, quando foi exorcismar-se á capella de S. Bartholomeu, a Cavez, não tinha no corpo o espirito immundo; e accrescentou em parenthesis que não duvidava da existencia de demonios succubos e incubos.⁴

⁴ A profunda certeza de que o corpo humano está exposto ás invasões diabolicas, entra no Minho, em capacidades de bachareis. Vinte e oito annos depois que o minorista professava crenças em obsessos, por 1841, na freguezia de Ribas, concelho de Celorico de Basto, um moço de lavoira requeria ao juiz de paz—que o era dos orphãos tambem—n'este sentido: «Que a alma de certa pessoa se lhe met-

E demonstrou que havia obsessos, auctorisado com S. Gregorio, Santo Athanasio, Santo Hilarião, que luctou com elles em fórma de mulheres. O escrívão replicava que todos os homens eram Hilariões, e cada qual era o demonio de si mesmo;

era no corpo, e o não deixava dormir, exigindo-lhe um sermão e certo numero de missas; e, como elle supplicante era pobre, requeria que esta despeza fosse feita á custa da caixa dos orphãos.»

O juiz de paz ponderou seriamente e conscienciosamente a justiça do pedido; mas não quiz ainda assim decidir sem consultar pessoa de maiores theologias. Mandou, pois, ouvir o doutor curador dos orphãos; o qual respondeu «que se ouvisse previamente o conselho de familia.» O conselho reunido deliberou que, visto o doutor curador não impugnar, era de parecer que se concedesse á alma a graça que requeria, e se aliviasse o rapaz do vexame. Em consequencia, prégado o sermão e ditas as missas, o rapaz ficou são e escoreito. (Veja o *Periodico dos Pobres no Porto* de Maio de 1842, e a *Revista Universal Lisbonense* do mesmo anno, pag. 430). O doutor curador de Celorico provavelmente está hoje no supremo Tribunal de Justiça a lavrar accordãos. Um semelhante magistrado, se conservar ainda no espirito as velhas crenças até certo ponto christãs, de certo não fará justiça de moiro.

porém não citava auctor digno de credito; todavia a sua erudição n'este importante assumpto era um fragmento de má e velha poesia franceza que dizia assim :

*On se livre à la volupté
Parce qu'elle flatte et qu'on l'aime;
Et si du diable on est tenté,
Il faut dire la vérité :
Chacun est son diable à soi-même.*

O minorista, ouvindo a traducção da quintilha confundiu o adversario com latim; e, a respeito da filha de João da Lage, continuou :

—Não era possessa; era a paixão que a desnor-teava. O sr. Mauricio conhece o morgado do Cimo de Villa?

—Se conheço! aquelle cadete de cavallaria de Chaves que estudou primeiro para frade cruzado, e assentou praça quando ficou senhor da casa por morte do irmão... Esse rapaz foi paixão a côrte com o pae... Foi elle então quem se apaixonou...

—Foi. Ha quem os visse no bosque de amieiros da Insua, defronte da Granja. O senhor sabe . . .

—Conheço esse bosque. O meu padre-mestre de latim chamava-lhe a *Ilha dos amores*; foi lá que todos os bons latinistas meus condiscipulos leram a *Arte de amar* de Ovidio; e o cadete, pelos modos, applicou as theorias do Sulmonense . . .

—Não vamos tão longe, sr. Mauricio—emendou o minorista.—O que se diz é que elle passava o Tamega nas poldras, com a canna de pesca e o cacifro; depois, mettia-se na Insua, e a Josefa ia lá ter.

—Tudo isso é innocentemente pastoril. Depois elle fazia de *Felicio* e ella de *Florisa*, como os pastores de Fernão d'Alvares d'Oriente, e alpercavam os seus queixumes ao som do arrabil... Vamos ao fim do conto: a rapariga fragil e bonita . . .

—Devagar—atallhou o prudente moço.—Não inventemos culpas, attidos á logica dos delictos.

É necessario attender aos temperamentos das pessoas, quando não quizermos extremal-as pela virtude.

—Padre, eu não o percebo. Quer dizer que elles se amavam honestamente? Diga isto assim pelo claro, que eu acredito tudo quanto ha virginalmente extraordinario em um cadete de cavallaria de Chaves.

—Digo o que sei e presumo sempre o melhor quando não tenho provas do peor. E, quando as tenho, calo-me. O que affirmo é que o morgado de Cima de Villa, chegando ha dois mezes de ferias de Coimbra, onde estuda mathematica, pediu ao vigario de Santa Marinha que o cazasse com Josefa de Santo Aleixo. O vigario recusou-se e avisou Christovão de Queiroz, pae do cadete. O fidalgo sahiu, como o senhor sabe, com o filho para a capital; e lá, como o cadete quizesse fugir-lhe, ou mesmo recusasse obedecer-lhe, metteu-o no Limoeiro. Entretanto, Josefa suicida-se. Agora, seja qual fôr a causa que levou esta mulher morta á desesperação, a caridade o

que ahi vê é uma desgraça, e a religião chora uma alma condemnada.

—Adivinhei o que o padre não sabe . . .

—Nem quero saber—acudiu o minorista, e retirou-se, agitando rapidamente ambas as mãos com gestos negativos.

*

* *

A nossa curiosidade n'esta epoca de escarpello, vae além dos limites que o theologo abalisou á sua. Desenterre-se o cadaver, e venha para o amphitheatro anatomico.

Josefa não fôra calumniada pelo escrivão, quando elle lhe malsinou a innocencia nos sinceiraes da Insua. Uma cousa verdadeira, que os maus homens quasi sempre tem, é a critica mordaz dos costumes. Percebem e farejam os actos mais absconditos da sociedade, como se a sociedade fosse obra d'elles. As pessoas candidas e boas vivem constantemente logradas, e andam tão

vendidas n'esta feira de peccados, como o *Serafim* do auto de Gil Vicente. Enlevadas no especulativo, pairando ao de cima d'estas ambulancias em que todos gememos amputados na alma ou no corpo, quando cuidam que é virtude e resguardo a ignorancia das cousas mundanaes, vem o *Mercurio* do poeta jogratesco de D. Manuel, e diz-lhes :

*Muitos presumem saber
As operações dos ceus,
E que morte hão de morrer,
E o que hade acontecer
Aos anjos e a Deus,
E ao mundo e ao diabo.
E o que sabem tem por fé;
E elles todos em cabo
Terão um cão pelo rabo
E não sabem cujo é.*

Isto que diz aquelle grande realista do seculo de quinhentos, é verdade. Os que se derem a parafulzar operações do ceo, quando mal se precatarem, são filados, onde quer que seja, pelo mastim da ironia que lhes crava o dente canino da

chufa. Estes bons corações passam entre nós mordidos, espavoridos, com os dedos no nariz, e vão deixando os paletós nas mãos incontinentes das Zuleikas.

Mauricio, o escrivão, tinha no corpo a nevrose que augmenta o calibre da retina, e lhe espelha imagens atravez de corpos opacos. Raciocinou com a logica dos corruptos, que é a arte de pensar bem. Quem pensava mal era o theologo, imaginando que o cadete e a loura de Santo Aleixo, emboscados no choupal da Insua, eram mais innocentes que os passaros. Não se póde ser perfeito hoje em dia sem se ser um bocadinho idiota. A esta saudavel ignorancia das misérias do proximo chama o meu padre Manuel Bernardes «trevas clarissimas».

*

*

*

Ora vamos á historia, já que me coube em sorte arpoar com penna de ferro, no fundo lo-

doso d'este tinteiro, as phrases do meu tempo.

Era pescador e caçador Antonio de Queiroz e Menezes. Viu no monte a filha do lavrador de Santo Aleixo. As serras tem sombras do infinito. O coração ahi é maior que as dimensões do peito. O homem como se vê só, no cabeço de um fragoêdo, dá-se grandeza extraordinaria, mede-se pelo comprimento de horisonte a horisonte. Se o amor lhe rutilou ahi como um relampago que fulgura n'uma vasta cordilheira de montes, é um amor olympico, titanico, immenso, que disparado sobre a modestia e singeleza de uma rapariga montezinha, faz lembrar Camões:

..... *Qual será o amor bastante
De nympa que sustente o d'um gigante?*

Andava elle cursando rethorica em Coimbra para ir vestir o habito de frade fidalgo em S. Vicente de Fora. Tinha vinte e dois annos, e aspecto pouco de bernardo. Era magro e pallido, da pallidez dos que amam, segundo o preceito ovidiano: *Paleat omnis amans*. Tinha extasis

nos pincaros das serras, como se ouvisse as harmonias das esferas. Sentia o grande vazio que a rethorica lhe não enchia. Queria o amor, não queria tropos; preferia uma mulher feia, se as ha, á mais nitida metaphora de Cicero ou Vieira.

N'estas idéas o encontrou Josefa da Lage, nos montados da sua freguezia. Córaram ambos. Este rubor era o primeiro lampejo do incendio. Depois, á volta de poucos dias, o fogo levou de assalto aquelle combustivel edificio de innocencia, cheio de fluidos inflammaveis. A serra tinha penhascaes, bosques, cavernas, insinuando o amor selvagem. Rodeava-os uma natureza contemporanea do homem vestido da pelle do seu confrade em civilisação, o grande urso e o grande veado. A forma selvatica e antiga do prosce-nio deu-lhes geitos de antigos actores da vida animal. Ninguem que os visse, ninguem que lhes lesse os grandes livros do padre Sanches, ácerca do matrimonio. Oh! a solidão, entre dois amantes, faz os poetas; mas talvez primitivos de mais, algum tanto gaelicos, normandos, alheios de tu-

do o que é epistolographia amorosa,—pelles-vermelhas no rigor antropologico, á vista do modo como a gente em honesta prosa costuma cazar-se.

Assim seria; mas elles adoravam-se.

—Não serás frade! — disse-lhe o coração a elle.

—Assim que meu pae morrer — disse elle á filha do lavrador—caso contigo. Vou sentar praça, quer meu pae queira quer não. Sou o morgado, porque meu irmão mais velho morreu.

Ella, para ser feliz até ás lagrimas, não precisava d'estas esperanças. Preferia tel-o, e amal-o nas mattas chilreadas, nos desfiladeiros dos montes, no sinceiral da Insua, nas alcovas de ramagem que só elles e os rouxinoes conheciam nas margens do Tamega.

Foi por ahi que deslisaram tres mezes do estio e outono de 1812. Elle foi para Coimbra, com farda de cadete.

O velho fidalgo de Cimo de Villa ponderou na mudança de idéas do filho. Escodrinhou razões secretas que o movessem; todavia, não o

contrariou. Tinha meninas para conservar a raça dos Queirozes e Menezes; mas a casta varonil iria pelas gerações além menos sujeita a reparos de genealogicos.

Nas suas pesquisas descobriu que o filho, vindo a ferias do Natal, passára o Tamega, e caçara nos montados de Santo Aleixo. Foi visto. É que os arvoredos estavam desfolhados; os choupos da Insua mostravam as grimpas curvadas á flor da corrente arrebatada; nos reconcavos das penedias, em vez dos froixeis de relva, havia lençoes de neve, palmilhada pelos lobos. Como não tinham florestas confidentes, foram vistos á beira do rio, alli mesmo, na cangosta do Estevão, sentados n'aquella fraga, onde o Luiz moleiro encostou o cadaver de Josefa. O velho não deu a minima importancia á denuncia, logo que lhe disseram quem era a rapariga.

—Antes por lá que pelas criadas da casa— disse o assizado fidalgo.—É rapaz, e precisa de se divertir.

No ultimo quartel da vida, os paes... e até

as mães—santo Deus!—dizem aquillo. *Precisam divertir-se* os filhos: levem a deshonra onde quer que seja; mas não corrompam a disciplina domestica, não embarrem pelas creadas, não perturbem o serviço da casa. Com que zelo estas matronas veneram a moral da cosinha, da salgadeira e da dispensa!

*

* *

Nas ferias de Paschoa, Antonio de Queiroz viu chorar Josefa. Não eram lagrimas de amante magoada, nem de filha malquista de seus pais: eram lagrimas de mãe. Entrara-se de uma terrivel vergonha e confusão. Ninguem a suspeitava: e ella, se alguem a encarava a fito, estremeia. A mãe era cruel com as mulheres manchadas. No seu serviço não entrava jornaleira de má nota. Não se ajoelhava na igreja á beira de creatura de ruim vida. Dava-lhe este direito haver sido filha humilde e esposa honrada do

homem com quem a casaram, o João da Lage, que era vêsgo, cambado, lanzudo e bebado.

O pai viu de longe, uma tarde, Josefa a conversar em uma barroca com o fidalguinho, e disse-lhe:

—Se tua mãe o sabe, dá-te cabo do canastro, rapariga.

Não lhe bateu, porque estava sempre ás avessas da mulher. Se elle imaginasse que a mãe fechava os olhos ás toleimas da moça, então com certeza lhe dava.

A rapariga tremia pois da mãe, e queria fugir; mas o cadete, cheio de bons propositos, jurou-lhe que viria casar com ella, antes de cinco mezes. Dizia o cirurgião que o velho tinha uma anazarca, e não viveria mais de trez. O estudante contava com isto, e dizia-o com uma sosegada fleuma como se se tratasse da esperançosa morte de um parente desconhecido para onde houvesse de lhe vagar a administração de um vinculo. Pobres paes! A verdade é que o fidalgo tinha as pernas inchadas, e promettia não incomodar muito tempo a sua familia.

Passados os cinco mezes aprazados, Christovão de Queiroz desinchou, ao contrario da Josefa da Lage. Parecia castigo um pouco zombeteiro! O estudante, quando recebeu esta nova com os parabens do cirurgião, foi á terra; e, como já disse o minorista, expoz ao vigario o estado melindroso da rapariga, e pediu-lhe que os recebesse. Já sabem que o vigario denunciou ao velho o proposito do joven doido que pensava em envergonhar seu pai, não só descendente de Bernardo del Carpio, illustrissimo gallego, sobrinho d'el-rei D. Affonso, o Casto, mas tambem representante de Fernão de Queiroz, castelhano que entrou em Portugal a servir el-rei D. Fernando contra o de Castella,—um renegado da patria. O fidalgo, quando tal ouviu, mandou sellar as mulas dos lacaios e pôr aos varaes da liteira a parelha dos nedios machos. O filho recebeu ordem de acompanhar seu pai á côrte, onde não havia côrte n'esse tempo. A surpresa abafou a reacção do moço; mas o velho, em todo prumo da sua soberba, se o filho reagisse, iria á sua

panoplia—que era um feixe de montantes e partazanas ferrugentas encostadas a um canto da tulha—e seria capaz de lhe metter um ferro de lança no degenerado peito! Assim fizeram sempre Queirozes, *os bons*, entenda-se; porque ha em Portugal outros Queirozes, que não vem de Bernardo del Carpio—o qual matou o rei dos Longobardos em Italia—e estes fazem o que lhes parece, porque não são dos bons, nem tem diplomas de assassinos desde o seculo X.¹

Chegados á capital, o solarengo provinciano, sem consultar o filho, agenciou-lhe noiva entre as mais estremes do sangue germanico das Asturias. Isto de esposas, quanto mais barbaras na origem, melhores. Quem poder hoje provar, com trinta e seis quarteis, que seu trigesimo avó era celta, ibero, huno, vasconio, ou gepida, tem

¹ Como agora se está operando em Portugal um renascimento de estudos proveitosos, indico á mocidade a leitura attenta de tudo que entende com Bernardo del Carpio, e principalmente a *Historia verdadeira do mesmo em idioma lusitano por Antonio da Silva, mestre de grammatica*, Lisboa, 1745, 4.º

barrigadas de orgulho de raça; mas bom será que tenha d'outras para a digestão. Os arabes eram intelligentes, civilisados, e finos: porém vão lá filtrar em uma neta de Pelagio ou Cid uma gota de sangue mussulmano! É uma arvore podre, uma genealogia estragada; porque póde ser que alguma d'essas Urracas, Ortigas ou Gelo-rias antigas passasse pelo harem do amir de Cordova, Al-horr-Ibn-Abdur-rahman-Ath-Thakefi, sugeito que foi muito amado pela melodia suavissima do seu nome.

Não estava no rol das infelizes senhoras de raça mixta a destinada esposa de Antonio de Queiroz. Era Telles de Menezes, mas *dos bons*, oriundos de uma D. Ximena, filha de Ordo-nho 2.º, que fugiu ao pai com um cavalleiro, que a abandonou em um bosque, d'onde a mi-sera foi dar ao sitio que hoje é Turguêda, na comarca de Villa Real, e ahi casou com Telo, lavrador do casal de *Menezes*.¹

¹ Os linhagistas contam assim a origem d'esta illustre familia. Do rarissimo *Nobiliario* manuscripto de

—Escolhi-te mulher—disse Christovão.—É ainda tua parenta por Menezes. Não é herdeira; mas o irmão morgado está ethico, e o segundo-genito é aleijado e incapaz para o matrimonio. Virá ella por tanto a herdar os vinculos. É preciso que a visites hoje commigo.

Damião de Goes damos o traslado da original e romantica formação da familia *Menezes e Telles*. «Os Telles e Menezes ha-se por certeza descenderem de el-rei D. Ordonho II de Leão, pela infanta D. Ximena, a qual, enamorada de um cavalleiro da côrte de seu pai, determinou fugir com elle; e, tomando de suas joias e vestidos o que pôde, certa noute executaram este intento, tomando-a elle nas ancas do seu cavallo; e, como as terras não eram tão povoadas como agora, e havia grandes mattas, elles se embrenharam n'ellas, por fugirem de quem os buscava. O cavalleiro, reconhecendo o mal que tinha feito, ou por temor ou por força do fado, com o pretexto de que ia buscar mantimento, se foi, e nunca mais tornou. Vendo a dita infanta sua tardança, e conhecendo sua fugida, com muitas lagrimas começou a caminhar por aquellas mattas com grande risco e trabalho, e no cabo de alguns dias foi ter a um cazal que se chamava *Menezes*¹ onde morava um lavra-

¹ No termo de Villa Real, freguezia de Turgeda, junto da grande serra do Marão.

—Meu pai—respondeu Antonio com respeitosa serenidade—póde v. s.^a dispôr da minha vida; mas do meu coração já eu dispuz. Ou heide casar com uma rapariga de baixa condição a quem prometti, ou não casarei nunca.

dor que se chamava Tello, com sua mulher, os quaes espantados d'esta novidade por este seu casal estar mettido em uma grande montanha, compadecidos das lagrimas da hospeda, e agradados da sua grande formosura a recolheram em sua casa, na qual a infanta, despindo os seus ricos saios, se vestiu de saial, e, occultando quem era, os ficou servindo como criada, até que, morrendo a mulher d'este lavrador, este casou com ella, pensando fazer-lhe n'isso esmola. E d'este matrimonio tiveram filhos. D'ali a muitos annos, andando el-rei D. Ordóño, correndo a sua terra, já esquecido de sua filha, foi ter áquelle casal, onde Telo com sua filha morava, e onde o lavrador o agazalhou como pôde. A infanta vendo ali seu pae, a toda a pressa fez do brocado dos seus vestidos que ainda guardava, dois pelotes a dois filhos que de seu marido tinha, que parecendo-se com ella, eram muito louros e formosos, e logo guizou umas malpassadas que era a maneira de comer de que seu pae se pagava, e n'ellas deitou um anel que o dito seu pae lhe dera; e, feito isto assim, mandou este guizado pelos filhinhos

O velho poz a mão convulsa nos copos do espadim, arquejou largo espaço, e disse:

—Duvido que vossê seja meu filho. Prohibo-lhe que se assigne *Queiroz de Menezes*. Adopte o appellido de algum dos meus lacaios.

que com muita graça apresentaram na mesa d'el-rei os pratos; o qual, vendo esta novidade, perguntou a Telo que mulher era a que tinha; e, contando-lhe elle o successo passado, de como ali tinha vindo aquella mulher, o dito rei se levantou da meza, logo, e se foi onde ella estava, que, prostrada em joelhos com muitas lagrimas, foi recebida de seu pai com grande piedade e contentamento, e trazendo comsigo para a côrte a filha, marido, e meninos fez ao genro muitas mercês, e dos dois meninos se affirma procederem os *Telles e Menezes*, formando os ditos apellidos do lavrador e do cazal.»

Até aqui o celebrado chronista d'el-rei D. Manoel. Se o amigo de Luthero e Erasmo era tão veridico historiador como genealogico, mui graves contas hade ter dado a Deus, depois de as cá ter dado ao conde da Castanheira que lhe bateu directa e indirectamente, por causa de sua bisavó D. Maria Pinheira, de Barcellos. Convem saber que o rico-homem Tello Peres, oriundo das Asturias, e quinto neto de D. Fruella II, foi senhor de *Menezes*, na Navarra, por troca de Malagan que fez com Affonso VIII,

Antonio levantou o rosto e redarguiu:

—Não se ultraja assim a memoria de minha mãe.

O velho nutava entre a colera e a vergonha. Estendeu o braço, e apontou-lhe a porta, rugindo:

na era de 1217, (anno de Christo 1179). Menezes era na Navarra, e não em Turguêda, nas faldas do Marão. D'este Tello descende D. Affonso Telles que casou, em segundas nupcias, com D. Thereza Sanches filha illegitima de D. Sancho I e de D. Maria Paes, a Ribeirinha. D'esta vergontea é que abrolharam ao diante flôres como Leonor Telles. Quanto ao annel que fazia parte do guizado de Ordonho II encontra-se memoria d'elle nas armas de todos os Menezes, bons: Cantanhedes ou Marialvas, Taroucas ou Penalvas, etc. Não se comprehende que a fabula da fugitiva filha do rei asturiano seja regeitada como patranha, e nos timbres das armas de Menezes appareça uma figura de mulher de cabellos soltos com um escudete de ouro e um annel perfilado de vermelho com um rubi engastado. Eis aqui um bonito assumpto para os sarãos litterarios da Academia real n'este inverno. E quando estes estudos não valham muito para a historia patria, são assaz aproveitaveis para uma Fauna Lusitana bem methodica.

—Espere as minhas ordens no seu quarto.
Ao outro dia, um mandado da regencia ao intendente geral da policia ordenava a prisão do cadete de cavallaria, Antonio de Queiroz e Menezes, no Limoeiro.

*

* *

Josefa esperava confiada, mas afflicta. Não sabia escrever, não tinha ninguem a quem pedir a esmola de uma carta. A mãe olhava para ella com attenção, mas sem desconfiança. Fazia-lhe umas perguntas da maior naturalidade, e inferia das respostas que a rapariga não estava sã. O cirurgião da terra, que matava pelo *Portugal Medico* e pelo *Mirandella*, receitava-lhe implastos de ervas orjavão e sempronia, fervidas em um quartilho de aguardente. Ao fim de quatro mezes, João da Lage, que matava o bicho, todos os dias, e tão copiosamente como se tivesse no estomago a arca de todas as bes-

tas-feras diluviaes, queixou-se rusticamente das sangrias que soffrera o pipo. A mulher refilou; e, no apuro da sua indignação, bradou-lhe:

—Ainda eu te veja como está a rapariga!

—Salvo tal lugar!—retrucou.—Rebentada te veja eu a ti!

O cirurgião continuou até ao quinto mez; depois, sorrindo com certa velhacaria, tocou brandamente na face da doente, e disse-lhe a meia voz o que quer que fosse muito semelhante ao que uma comadre, pela boca de Gil Vicente, havia dito tres seculos antes a Rubena:

*Isto é cousa natural,
E muito aconcedeira.
Se nunca fôra outra tal,
Disseramos que era mal,
Por serdes vós a primeira.*

A vida intima é cheia de passagens ridiculas. A gente, que escreve casos tristes, se lhes não joeirasse a parte comica, não arranjava nunca uma tragedia. Estava alli aquella desgra-

çada mulher sobre as brazas do seu supplicio, e á volta d'ella a bruta vida de seus pais— elle a esconder o pipo da aguardente de medronho, a mãe a pisar a erva sempronia, e a pedir sinceramente ao ceo que lhe levasse o marido em uma das suas frequentes borracheiras.

Josefa já não sahia da cama, afim de evitar que a vissem. Expedia gritos de indizível angustia, estorcia-se em phrenesis. Tinha alanciada a alma pelo tormento da desesperação. Antonio de Queiroz não chegava!

Um dia, porém, uma mulher não conhecida de Maria da Lage, muito velha e bem agraciada de semblante devoto, perguntou-lhe no adro, ao sahir da missa, como estava a sua Josefa. A lavradeira disse mal humorada o que sabia da doença, e perguntou-lhe quem era. A curiosa respondeu que era d'além-Tamega, e viera áquella freguezia por causa de um sonho que tivera. E, dizendo isto, levantou os olhos para e ceo, e baixou-os logo para a terra com humildade de pessoa indigna das merces do alto.

—Então que sonhou vossê, tiazinha?—perguntou Maria da Lage aconchegando-se da mulher com bastante fé.

—Em sua casa lh'o direi, pois que a sua casa é que venho.

E deixou cair uma das contas de páo preto, que batendo na immediata do rosario, fez o soído de umas castanhetas.

Quando entraram no quinteiro, sahia o lavrador da adega, onde pela terceira vez fôra matar o bicho, aquella hydra de Lerna que botava cabeças todo o santo dia no bucho herculeo de João da Lage. Vendo a companheira da esposa, perguntou-lhe:

—Quem é essa creatura, ó Maria?

—Que te importa? Se havias de ir á missa, ficaste a beber, borracho! Entre cá p'ra dentro, santinha.

—Guardo-o Deus, sr. João—disse a hospeda.

—Vossemecê não é a Rosaria, a mulher do Manoel Tocha, caseiro do sr. sargento-mór da Temporan?—perguntou João, infitando-se n'ella.

—Sou, sim senhor.

—Valha-a o demo! Custou-me a conhecê-la! Vossê vem assim a modo de quem anda a pedir p'ra uma missa! Se quer beber, entre cá. Vossê parece esmaleitada, mulher!

—Deus lhe dê saude; agora não é preciso. Vou cá dentro conversar com a sua companheira á conta d'umas meadas.

—Meadas? Vossês lá as arranjam. . .—disse ironicamente João, ao que a mulher retorquiui:

—Vai-te deitar.

Elle não se offendeu, porque, em verdade, foi-se deitar, como quasi sempre ia, nos fenos do palheiro, onde tinha visões como nunca tiveram os narcotizados khalifas de Damasco, resupinos em almofadas da Persia.

Entretanto, a mulher de Manoel Tocha revelava á mãe de Josefa que sua filha estava doente de morrer, se lhe não acudissem. . .

—Tenho-lhe posto cataprasma de orjavão e sempronia, ha quatro mezes a oito todas a noites—atalhou Maria da Lage.

—Isso não lhe faz nada; é o mesmo que pô-las na barriga d'aquella cadella,—e apontava para uma perdigueira que uivava, ouvindo tocar ao longe uma requinta.

—Raios partam a cadella! isto é agouro!—exclamou a dona da casa, remessando-lhe um canhoto ás pernas com grande colera.

—Sua filha está infeitiçada, tia Maria—proseguiu a outra.

—Eu já a levei ao sr. São Bartholomeu—contraveio Maria.

—O santinho tira o cão tihoso, mas não desfaz os bruxedos—replicou Rozaria Tocha.—Vamos ver se ainda lhe podemos valer.

—Deu-lhe p'ra inchar!—observou a mãe da infeitiçada.

—Não qu'elle é isso quando o feitiço adrega de pegar d'ostrução—explicou sufficientemente Rozaria.

—Vejam vossês!—volveu a outra assomburada, cruzando os braços.—Quem m'a tolheu?

—Isso agora!—e olhou para o tecto—Vamos.

Leve-me onde a ella, que eu preciso requerel-a. Aqui levo as *arreliquias* p'ra lhe deitar ao pescoço.

E mostrou dependuradas de um negalho surrado e sebaceo as seguintes, entre outras cousas cabalisticas: duas figas de azeviche, duas pontas de vacca loira, um canudinho de latão como um agulheiro, outro como um dedal, o *sino-saimão* aberto em placa de chumbo. Dizia ella que os canudos continham ossos das sete irmãs santas naturaes de Basto, de S. Cucufate de Braga, de S. Pascasio, bracharense tambem, e de S. Rozendo, do Porto, cidade que ainda não deu outro santo, nem promette. E, exhibidas as reliquias, accrescentou:

—Preciso ficar sósinha com a doente, e vossemecê em quanto eu lá estiver não me corte o ar, entende?

—Olhe que eu não sei o que vossemecê diz, santinha, lá d'isso de cortar o ar, salvo seja.

—Não abra a porta do quarto em que a tolhida estiver commigo, percebe agora?

—Ah! quanté isso, vá descansada. Feche-se por dentro no sobrado, que ninguem lá vae. Venha d'ahi com Deus.

E, encaminhando a supposta benzedeira ao sobrado alto em que estava a filha, entrou com ella e disse a Josefa :

—Aqui te trago a saude, rapariga! Mal haja quem te metteu no corpo o feitiço! Tantos diabos o levem. . .

—Credo! credo!—atalhou a benzedeira.—Vá vossemecê rezar sete salve rainhas, e não falle no berzabum. Nada de chamar quem está quêdo.

*
* *
*

Fechada com Josefa, Rosaria escutou á fechadura os passos da outra que descia; e, abeirando-se á doente assustada pela inopinada visita, disse-lhe com o maior e mais desbeato desempenho :

—Eu venho aqui com um recado do fidalgo novo de Cima de Villa.

—Elle onde está?—exclamou Josefa em ancias de alegria.

—O sr. Antoninho está preso em Lisboa.

—Ai! meu Deus! prezo!

—Não barregue, falle baixo, que se nos ouvem, lá vae tudo co'a breca. Eu lhe conto, Josefinha. O fidalgo escreveu de Lisboa ao filho do meu amo, que é o sr. sargento-mór da Temporan, a dizer-lhe que o pae o metterá em ferros d'el-rei porque elle não quizera casar com uma menina de lá, e diz que o não tira da cadeia em quanto elle teimar que não casa. Olhe que diabo de homem, Deus me perdoe! E vae ao depois, o sr. Antoninho escreveu ao meu patrão novo a contar-lhe isto e aquillo e aquell'outro, pr'aqui, p'racolá, e escreveu-lhe então a dizer-lhe que a sr.^a Josefinha estava n'esse estado, e coisas e tal, como o outro que diz, que em bom panno cae uma nodoa. E vae depois o meu amo foi onde a mim, e contou-me réz véz tudo, e até me leu a carta, que as bagadas me cahiam quatro a quatro por esta cara abaixo (e alimpava a cara en-

xuta ao avental). O' filha, as mulheres nasceram para os trabalhos! Não chore, creatura, que eu vou dizer-lhe ao que venho e vossemecê vae ficar alegre como uma levandisca. O meu patrão mandou-me chamar, leu-me a carta, e disse-me que viesse eu fallar com vossemecê, custasse o que custasse, e lhe dissesse que fugisse quanto antes de casa e fosse ter á quinta do Enxertado, que é do sr. Antoninho, e lá seria recolhida pelo feitor até elle vir de Lisboa. Ora aqui tem.

—Pois sim—exclamou Josefa com exultação e profundamente abalada. —Eu fujo ámanhã, porque tenho medo que minha mãe me mate, se desconfia. O peor é que eu não sei o caminho para o Enxertado.

—Não tem que saber. . .

E explicou-lhe o trilho que devia seguir passadas as poldras do Tamega; mas, para se não enganar, disse que mandaria o rapaz das cabras esperal-a na encruzilhada do Matto, ao pé da caixa das alminhas, e não descobrisse ella quem era ao rapaz, e que lhe dissesse sómente: «anda lá».

Rosaria embiocou o rosto no lenço, enfiou as camandulas no pulso esquerdo, e desceu as escadas. Maria da Lage sahi-lhe da porta da cosinha com a bocca aberta e cheia de interrogações :

—Então ?

—É o que eu lhe dizia, creatura—respondeu Rosaria. — Pegou-lhe deveras; mas tem cura. Vá vel-a que já não parece a mesma; tem outro duairo na cara, está com uma pelle de rosto que parece uma rosa, benza-a Deus !

—Pois ella sãsinha e escorreita é como não ha muitas; e então virtude ? isso é que nenhuma, nem na mais pintada ! As outras por ahi na freguezia todas tem rapazes que lhe rentam, e algumas... sabe Deus o que ellas fazem. Cala-te boca ! (e, estendendo os beiços, esbofeteava-os). A minha Josefa nunca tolejou tanto como isto. Andaram ahi atraz d'ella os fidalgos de Agunchos, a mais os filhos do sr. capitão-mór, Deus lhe falle n'alma, que é um que dizem que anda a penar na Agra; vossemecê hade ter ouvido dizer...

—Sim, sim, Deus o despene!

—Pois é verdade, e a rapariga teve bons casamentos fallados, e lá quem na tirasse das suas devoções, de ir lavar ao rio, e de guardar as ovelhas era matarem-na. Pois olhe que esses feitiços são invejas das desavergonhadas que não podiam levar á paciencia a virtude da minha Josefa. Havia de ser a bregeira da Rosa da Fonte e aquella tinhosa da Bernarda do Manel Zé! Cala-te, boca! Em fim, vossemecê agora hade mastigar um bocado de presunto para beber uma pinga do velho.

—Deus lh'o accrescente, sr.^a Maria; eu jejuo para ganhar o jubileu. Vou-me indo que são horas. Adeusinho, se fôr preciso que eu cá torne, não tem mais que mandar-m'ó dizer.

Maria galgou as escadas, e foi topar a filha sentada na cama a desengrenhar os seus loiros e bastos cabellos com uns meneios largos de braços e um atirar de tranças para traz que parecia uma alegre amante a pentear-se para ver passar o noivo amantissimo.

—Ora ainda bem!—exclamou a risonha velhota. —Foi o meu padre Santo Antonio que trouxe cá a santa da mulher! Vaes-te prantar a pé, rapariga? Ha cinco semanas, fal-as ámanhã, que não sahes d'esse ninho! Queres tu comer? Vou-te buscar uma tigella de caldo, uma posta de presunto e um pichel de vinho. Bebe-lhe, cachopa, e mal hajam as invejosas que te fizeram a mandinga. Hão de roel-a! Sabes quem foi?

—Quem foi o que, senhora mãe?

—Quem te fez o feitiço? ninguem foi senão a Bernarda do Manel Zé que te veio aqui pedir um dia, lembras-te? o teu jaqué amarello com botões azues. Foi para te fazer o feitiço no jaqué.

—Ágora foi, coitada da pobre rapariga que é tão boa!—contradisse Josefa.

—Então quem foi?—interpellou a mãe com azedume—quem foi?

—Eu sei lá, senhora mãe! quem foi o que?

—A mulher que aqui esteve contigo não te disse que era feitiçaria o teu mal?

Josefa, caindo em si, respondeu balbuciante:

—Ah! sim, isso disse ella, mas. . .

—Mas quê? Não foi outra senão aquella ty-sica que não quer que haja outra mais bonita na freguezia. Pões-te a pé ou não?

Josefa com o pente na mão direita descahida e inerte, e a cabeça encostada á mão esquerda, sentia-se como cançada, esvahida de alento, e esmorecida como se o subito incendio de felicidade fosse um lampejo de estopas que se inflamam e nem faulhas deixam. É que ella n'esse momento sentira uma dôr physica, desconhecida, não forte, mas acompanhada de um calefrio. A mãe, vendo-a mudar de côr, attribuiu o desmaio a fraqueza, e correu a trazer-lhe uma farta malga de caldo fumegando por entre uma floresta de couves recheadas de feijões vermelhos. Quando entrou no quarto, viu a filha fóra da cama, vestindo as saias com agitação febril, e chamando Jesus, com os dentes cerrados.

—Que tens tu, mulher?—exclamou a mãe.

—Estou afflicta, muito afflicta! Jesus, valeime!—dizia Josefa entre gemidos, sentando-se,

erguendo-se, e fazendo até uns gestos diante da mãe como se quizesse ajoelhar-se-lhe com as mãos erguidas.

—Que tens, mulher?—bradava a mãe, seguindo-a espavorida n'aquelles tregeitos phreneticos.—Doi-te alguma cousa?

—Tenho uma dôr muito grande... muito grande...

E, como levasse as mãos aos quadris no impeto da dôr aguda, a mãe quedou-se como estupefacta a olhar para ella. N'este instante fez-se-lhe luz na alma a um clarão infernal. Aquelles gritos e contursões recordaram-lhe que havia sido mãe: viu, como nunca vira, os signaes exteriores do crime nem sonhado; os modos supplicantes da filha confessavam o crime.

Fez-se uma desfiguração improvisa e medonha nas feições de Maria da Lage, quando, crescendo para a filha, com as mãos fincadas nas fontes, bramiu:

—Tu que tens? tu que fizeste, amaldiçoada?

Josefa ajoelhou-se, com as mãos no rosto lavado em lagrimas, e murmurou:

—Deixe-me chorar, minha mãe, que eu á noite vou-me embora.

—Vais-te embora, malvada? Então p'ra onde vais tu? Morta te veja eu antes de á noite! P'ra onde queres tu ir? Quem foi que te botou a perder? Respondes, mulher perdida? Olha que se me gritas de modo que alguém oiça, dou-te com o olho de uma enxada na cabeça! Pois tu! pois tu! . . . Ai! que eu indoideço! ai que eu indoideço! . . .

E, com as mãos na cabeça, partiu a fugir escaada abaixo, e foi sumir-se no palheiro, dando gritos com a cabeça mettida no feno para os abafar.

Entretanto, João da Lage, entrando á cozinha para jantar e não vendo ninguem, foi bater á porta da filha.

—Que é de tua mãe, rapariga?—perguntou de fóra, porque a lingua da chave estava corrida.

—Não está aqui, sr. pai.

—Hoje não se come? Cá vou ver o que está na panella: quando ella vier, diz-lhe que eu cá m'arrangei.

E, de feito, extrahindo do pote um naco de toicinho com que fez uma enorme e pingue sandwich entre duas talhadas de broa, foi para a adega, sentou-se ao pé da cuba, e murmurou: «Aguenta-te João, que tua mãe não faz outro.»

Este homem tinha em si algumas faiscas do genio de Diogenes, um tudonada do espirito de Epicuro, e o mais era espirito de vinho. Viveu assim largos annos, reformando-se sempre para peor, e morreu aos 80, como lá dizem, coberto de musgo, que era o sarro interior que lhe po-rejava na casca. Com alguma sentimentalidade no coração e frugalidade no estomago, morreria na flôr dos annos.

*

* *

Com toda a certeza, Maria da Lage soffrera

punhalada que rasga profundas fibras em peitos de mães honradas. Era dura de condição, tinha o orgulho selvagem da honra, comprehendia barbaicamente o dever da mulher, e julgava-se com direito a murmurar de todas as frageis, sem discriminar as infelizes. O seu odio ás mães tolerantes com os desatinos das filhas era intrahado, convicto e implacavel. Da caridade christã só intendia o preceito da esmola. O confessor não lhe ensinara outra interpretação da terceira virtude theologal. Não perdoava cegueiras de amor porque não amára nunca. Se imaginava que a filha podia desvairar uma vez, sentia nas mãos as crispações nervosas de quem estrangula um pescoço. Como era deslingoada e mordacissima nas fraquezas alheias, impunha tacitamente á filha o dever de a sustentar na sua soberba inexoravel. Uma ligeira camada de verniz social não sei o que faria d'esta mulher. Ainda um d'estes dias contavam as gazetas de uma illustre dama parisiense que matou a ferro frio uma neta que conspurcára a sua raça em

amores abjectos. Em tempos tenebrosos, os mosteiros portuguezes eram o dragão com os colmiellos abertos para esta especie de victimas que os pais lhe atiravam: se o cubiculo claustral as não amordaçava, havia o tronco, a enxerga e a fome; depois a sepultura; mas o braço limpo. Se ha inverosimilhança na crueldade das mães como Maria da Lage é lá onde são raras as que pódem ler ás filhas o livro da sua vida honesta.

Ao intardecer d'aquelle dia de agosto, a mãe de Josefa, segundo o marido contou ao vigario na cangosta do Estevão, foi levada em braços para a cama; e n'aquelle lance, João, ouvindo dizer que o pegureiro perdera uma rez, deixou a mulher a escabujar no catre, e foi interpellar o rapazinho, reclamando-lhe a cabra ou os figados.

Ao mesmo tempo, Josefa era mais um dos innumeraveis exemplos da força prodigiosa da mãe, quando a soledade e o desamparo a obrigam a socorrer-se de si mesma. Ninguem lhe ouviu os ultimos gritos d'ella nem os primeiros va-

gidos da creança. Quem ler, em um tratado de obstetricia, as regras, conselhos e desvelos que a sciencia agrupou á volta de uma puérpara, e souber da inutilidade da arte e dos preceitos, quando o infortunio ou o acaso interceptam o menor auxilio á mãe, nivelando-a n'esse lance ás especies irrationaes, convence-se de que a mulher do periodo quaternario (vou assim longe porque na Biblia se conhecem de nome as parteras Seffora e Fua) não carecia de mais assistencia que a loba das cavernas. E observa tambem que os encarecimentos, e demasias da arte a enfraqueceram e melindraram, privando-a da confiança pessoal, da consciencia da força propria e de algum modo estorvando as influencias directas da natureza.

Josefa, quando descia de manso a escada do seu quarto, amparando-se á parede, trazia debaixo do braço um berço com o filho: era o mesmo berço em que a mãe a creára, uma canastrinha de verga urdida tão densa e solidamente, e com o fundo fasquiado de madeira tão

impermiavel, que poderia estancar a agua sem transudar. Um saio de baeta dobrado envolvia a creança, deitada sobre a velha enxerga de serradura.

A mãe era robusta; sentia-se esvahida, mas contava comsigo, se tomasse algum alimento. Na cosinha não estava ninguem, quando ella atravessou de passagem para o quinteiro. Olhou para a lareira a ver se acharia um pouco de caldo. Não o queria para si; era para o converter no leite da sua filha. Pousou o berço no escano; ia levantar o testo do pucaro; mas n'este instante ouviu os brados da mãe, cuja cama era na tulha, no mesmo plano da cosinha. Estremeceu, cuidando que fosse apanhada; pegou da creança, e fugiu, lançando a saia de pano azul pela cabeça, e apertando o berço contra o peito.

O seu destino era o abrigo que o pai de sua filha lhe dera. Da parte d'além-Tamega, logo á ourela do rio, pediria que a fossem guiar no mão caminho da grande legua que a distanciava da quinta do Enxertado. Lembrou-se de José da

Monica, o pastorinho que lhe era muito affeicoado; mas, ao atravessar o quinteiro, ouviu a voz do pai a praguejar contra o rapaz, que perdera a cabra. A Brites do Eiró reconheceu-a a saltar para o campo da Lagôa: o pescador da chumbeira ouviu-a chorar na Cangosta do Estevão, quando amamentava a creança, e lhe parecia que a filha, não achando leite, se lhe estirava hirta nos braços como morta. Atormentavam-na dôres outra vez, e sentia-se torvada, desfallecida e sem forças para transpor as poldras que não estavam perto. Havia de atravessar o hervaçal que o moleiro e o pastor precorreram um quarto de hora depois. Quando ouviu vozes, ao longe, no alto da barroca, ergueu-se cambaleando, saltou a valla, invocando o auxilio das almas bemditas. Era o Luiz moleiro que vinha descendo com o rapaz. Ao avistar as poldras que alvejavam poídas e resvaladiças ao lume d'agua, teve vertigens, e disse entre si: «Eu vou morrer.» Poz o berço á cabeça, esfregou os olhos turvos de pavor, e es-

perou que as pancadas do coração socegassem. Depois, benzendo-se, pisou com firmeza as quatro primeiras pedras; mas d'ahi em diante ia como cega; a corrente parecia-lhe caudal e negra. Quiz sentar-se em uma das poldras; e, na precipitação com que o fez para não cahir, escoregou ao rio. A agua era pouca, e a queda de nenhum perigo; mas o berço cahiu na veia da corrente, que era bastante forte para o derivar. Quando ella estendeu o braço já o não alcançou. Arremessou-se então ao rio; mas os altos choupos da margem, encobrando a baça claridade das estrellas, escureceram o berço. N'este lance, perdido o tino, a desgraçada cortou de travez para a margem, onde um claro de areia se lhe afigurou o berço. Quando ahi chegou, cahiu; e, na queda, agarrou-se ao esgalho do salgueiro em que o pastor e o Luiz moleiro a encontraram moribunda.

Sabem os successos posteriores, desde que ella expirou nos braços do veterano até que o escrivão do juiz ordinario nos deu o exemplo da

dissecção d'aquelle cadaver. Viram que Maria da Lage, rompendo sósinha pelo escuro da noite, quando ouviu dizer que a filha se afogára, foi mãe n'aquella já tardia explosão de angustia e amor. O remorso pôde mais com ella que a selvageria da sua virtude; mas ainda viveu seis annos com revezes de demencia, e morreu em casa dos seus irmãos em Santa Maria de Covas de Barroso, repellindo o marido desde que lhe ouvira dizer: «A rapariga faz-me falta porque não tenho quem me governe a casa.»

*

* *

Antonio de Queiroz soube no Limoeiro, por carta do seu amigo da Temporan, que Josefa de Santo Aleixo se suicidára no mesmo dia em que elle conseguira enviar-lhe o aviso para a fuga. O informador, espantado do successo, attribuia á demencia repentina a resolução da infeliz que ainda na manhã d'esse dia se mostrára conten-

tissima com a deliberação da fugida para a quinta do Enxertado.

O vigario de Santa Marinha tambem avisou Christovão de Queiroz do suicidio da rapariga. O fidalgo conferenciou com a regencia, e o intendente geral da policia mandou passar alvará de soltura ao cadete de cavallaria.

—Vamos para a provincia, se não quer casar—disse Christovão ao filho.

—Nem caso nem vou para a provincia, meu pae—respondeu Antonio de Queiroz.

—Tornará para o Limoeiro.

—Irei já em quanto lá tenho a minha bagagem.

—Para onde quer ir?

—Para o Rio de Janeiro: seguirei lá a vida militar.

—Sabe que é o successor dos meus vinculos?

—Disponha v. s.^a d'elles se quer e se póde; a mim me bastariam a felicidade, a mocidade e a alegria que me matou.

—Com quem cuida vossê que falla?—inter-

pellou o fidalgo com Bernardo del Carpio ás cavalleiras que lhe esporeava as ilhargas com o direito de avô. Afuzilavam-lhe os olhos, como ao seu antepassado quando matou o rei dos longobardos em Italia.

—Com quem cuida vossê que falla?—repetiu o convulso velho.

—Com v. s.^a, um homem que eu sinceramente temo, porque tem a minha liberdade e o Limoeiro á sua disposição.

—Não é meu filho! Vá para o Brazil, vá para onde quizer. Sua mãe teve cinco mil cruzados de dote. D'essa sei eu que vossê é filho. Recebel-os-ha hoje, e ámanhã partirá!

FIM DA PRIMEIRA PARTE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVELLAS DO MINHO

PUBLICAÇÃO MENSAL

VIII

MARIA MOYSÉS

SEGUNDA PARTE

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^a

68-Praça de D. Pedro-68

1877

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY 101

WALTER DILL KATZ

Final report of a project of the
philosophy department at the
University of Chicago. The
project was directed by Walter
Dill Katz. The report is
divided into two parts. The
first part is a survey of
the philosophy of language
and the second part is a
survey of the philosophy of
mind. The report is written
in a clear and concise
manner and is suitable for
use as a textbook in
philosophy courses.

SEGUNDA PARTE

Francisco Bragadas, o timorato pescador de chumbeira, despedindo-se do moleiro, com certas apprehensões agoirentas, teria dado trinta passos rio abaixo com a rede já enrolada, quando ouviu no recanto escuro ou angrasinha da corrente, que espraia para dentro de um algar, o choro abafado de uma creança. Á primeira, esfriou de medo; mas esperou a reacção do bom senso. Pé ante pé, acercou-se do logar sombrio d'onde vinha a toada incessante d'aquelle rispido chorar. Elle, que era pae de muitos pequenitos, não podia confundir os vagidos de um

menino com os guinchos das desdentadas bruxas, as quaes, por via de regra, costumam cacarejar casquinadas de riso quando lavam nas claras aguas das ribeiras os seus indecentes arcaboijos.

Estendendo a mão, tocou na face tepida da creança. O berço quedára-se enleiado na rama-gem de um salgueiro vergado pelo pezo de uma rede ou pardêlho, como lá dizem, que d'alli, atado n'elle, atravessava para a margem da Insua,—um bosque de choupos assim chamado. As boias arfadas pela corrente chofravam nos flancos do berço. Francisco Bragadas exclamou levantando a canastrinha:

—Oh! pobre menino! atiraram-te ao rio! Ainda eu mais verei n'este mundo! — E, apalpando-lhe o corpo por debaixo do saio, disse maravillado:—E nem sequer está humido! isto é milagre!

Como a chumbeira lhe pezava, escondeu-a em uma lura do vallado, e deitou a correr para casa, com o berço debaixo do braço.

A mulher de Bernardo, sentada á porta da

cosinha, embalava uma filha com o pé, em quanto amamentava a mais nova.

—Cá tens mais um, mulher!— disse elle, quando a avistou.

—Um quê, homem?

—Um creanço que pesquei no rio.

—Tu estás tolo, Bernardo?

—Aqui o tens tal qual o topei engasgado n'um amieiro, berço e tudo. Olha que desgraça, ó Isabel!

A mulher benzia-se; foi buscar a candeia; convenceu-se que era uma creança viva, poz as mãos, olhou para o ceo com profunda magua, e exclamou:

—Ó homem, o mundo está a acabar!

—Dá-lhe o peito quanto antes, senão o mundo acaba-se para elle. Aqui t'ó deixo, que eu vou contar aos fidalgos este caso.

—Ai!—exclamou ella examinando a creança —é uma menina, e ainda não tem cortada a *invide!*

Queria dizer que ainda não estava ligado o cor-

dão umbilical. Isabel tinha a sciencia pratica de mãe de onze filhos, todos nascidos sem mais auxilio que o do seu homem e o da sua serena coragem n'aquelle acto. Confessava-se na vespera, comungava de madrugada, e depois com o maior socego d'alma e muita conformidade com as dores, matava uma gallinha, e dizia ao marido:

—Vamos a isto, Bernardo.

Depois, lá prestava os cuidados á creança, ella mesma a lavava, não na queria enfaixada; dava-lhe aos braços toda a liberdade, todo o alento aos pulmões. Era como as mulheres de Israel, de quem as parteiras egypsiacas diziam ao Pharaó: «As mulheres dos hebreus não são como as dos egypcios; porque ellas mesmas se sabem partejar, e, antes de nós chegarmos, párem.» (*Biblia, Exodo, cap. 1.º, v. 19*). E, dois dias depois, mandava o homem para a lavoura, e ella ia para a labutação da cozinha, dos cevados, da maceira, com umas cores rosadas que parecia uma noiva na vespera de ser esposa.

O cazeiro atravessou um campo de hortas e

pomares na extrema do qual estava a casa nobre, onde os fidalgos de Santa Eulalia costumavam passar o estio para se banharem no Tamega.

Esta familia era do Arco de Baulhe, gente nobre e antiga. Duas senhoras de outros tempos com seu irmão desembargador aposentado, homem erudito em historia patria, sabendo de cór a *Monarchia* de Brito. Estava hospede na casa o conego de Braga João Correia Botelho, ainda frescal, grave, fallava muito no Pentateuco, e asseverava que o primeiro e mais veridico historiador do genero humano fôra Moysés—asserto que ninguem lhe contestava. D. Maria Tiburcia e D. Maria Filippa eram solteiras. Passavam dos cincoenta, idade em que o sexo principia a descharacterisar-se, periodo equivoco em que a mulher, se não tem filhos que lhe affirmem uma serventia retrospectiva, parece que foi sempre assim, uma cousa melancolica, embalsamada, e presa á bisca sueca pelo espirito e á caixa do esturrinho de 1813 pelo nariz.

Haviam sido feias de modo e feitio pouco vul-

gar, mas muito honestas, posto que não antipathissem com Cupido. Gostavam de alguns sujeitos que fingiram ignorar o sentimento involuntario que accendiam. Ellas tinham fogo latente no peito; mas, por causa da má cara que possuíam, tornaram sagrado aquelle fogo de que ellas mesmas eram as vestaes. Para estas senhoras não tinham significação estas palavras do padre Manuel Bernardes: «Mui ingremes e costa arriba são as veredas da castidade!» Eram castas estas duas irmãs como as melancias são frescas e os tremoços semsaborões:—era o seu fei-tio e a sua natureza. Na folha de inventario ca-bia a cada uma dez mil cruzados; porém, nunca exigiram quantia notavel de seu irmão, senhor de grandes prazos, o doutor Theotonio de Val-ladares, que tambem era solteiro, mas menos casto que as manas. E era isso não pequeno desgosto para ellas. O mano doutor tinha servi-do logares da magistratura, desde juiz de fóra até corregedor, em varias comarcas, e por todas ellas deixára prole illegitima. Umas filhas eram

freiras franciscanas, outras eram mães; alguns filhos seguiam as lettras, outros as armas: tinha filhos para todos os officios e artes. Era o D. Sancho *povoador* de seis comarcas, mas povoador de sua lavra, moto-proprio e propagação pessoal.

*
* *
*

Quando o cazeiro, a deitar os bofes pela bôca, appareceu a dar noticia do achado da creança no Tamega, estavam as senhoras e mais o conego e o irmão a jogar a sueca. Largaram as cartas a um tempo. O conego ergueu os oculos de tartaruga para a testa, e exclamou:

—Parece um caso biblico!

—Ha factos analogos na historia da Lusitania—observou o desembargador, recordando-se.

Em quanto os dois pilares da historia sagrada e profana porfiavam em erudições respectivas ao caso, D. Maria Tiburcia disse ao ouvido de D. Maria Filippa:

—Olha que isto é marosca, mana!...

—Marosca?

—Sim. Deixemo-nos de trêtas... A creança é filha do mano Theotonio.

—Credo! tu que dizes, mana Tiburcia? O mano doutor não mandava atirar ao rio a creança...

—Isso sei eu; mas arranjava esta comedia com o cazeiro. O Bragadas vem ensaiado por elle, e talvez pelo conego.

—Eu sei! — duvidou a outra. — O mano Theotonio não precisava de estar com estas indróminas... E quem hade ser a mãe?

—Faltam ellas por ahi...

—É necessario — disse o conego Botelho — baptisar a creança ámanhã, que não vá ella morrer, que é o mais natural. Madrinha hade ser uma de vossas senhorias, minhas senhoras; padrinho hade ser o sr. desembargador.

—Promptamente! — annuiu o doutor Theotonio.

—Vês? não é elle o pae — disse D. Maria Filipa á irmã a meia voz.

—Será elle o conego?—redarguiu D. Maria Tiburcia.

—Não sejas má lingua! Olha quem! coitado do homem! . . .

—Então qual é madrinha?—perguntou o padre.

—Póde ser a mana Filippa—disse a outra.

—Serão vossas senhorias ambas, porque madrinhas tem logar de mães, ou mãesinhas, que é o diminutivo de *madres*, *mães*.

—*Matricula*, de *mater*—acrescentou conspiciuamente o doutor.

—Isso—confirmou o conego, em quanto as duas irmãs estavam a ver se percebiam o modo como eram mães por um figurado esforço de latinidade.

—E na qualidade de mães substitutas que o sacramento lhes confere, visto que a recém-nascida não tem mãe conhecida, tem de ficar a creancinha a cargo de seus padrinhos, pois que o Francisco Bragadas tem onze filhos. . .—acrescentou o conego.

—Serão doze—atalhou o agricultor—mas se vossas senhorias tomarem conta da engeitadinha, boa esmola lhe fazem.

—Sim, Francisco—disse o desembargador—tomaremos conta da engeitada. Amanhã iremos a S. Salvador baptisal-a.

O cazeiro sahiu alegre, a pensar que Deus lhe olharia pelos seus pequenos, em paga de elle acudir áquella creança que, depois de baptisada, se morresse, já teria azas que a levantassem até ao paraizo. Elle não era theologo, nem conhecia o limbo.

—Como hade ella chamar-se?—perguntou o conego.

—*Maria*, já se vê—respondeu D. Tiburcia
—A mana é *Maria*.

—Bem sei, minha senhora; mas hade accrescentar-se-lhe um sobrenome indicativo da circumstancia em que foi encontrada, n'um berço sobre o rio. Muito bem sabe o sr. desembargador o que a Biblia refere. O impio Pharaó mandára matar as creanças do sexo masculino, di-

zando: «Lançai no rio todo o que nascer macho, e não reserveis senão as femeas».

—Sim, conveio o desembargador, vae o conego contar-nos o caso de Moysés.

—Justamente. Moysés foi achado no rio, e vinha á flor da corrente deitado n'um berço. Parecia-me, portanto, que a menina se chamasse *Maria Moysés*, em commemoração de tão estranho successo.

—E porque não hade chamar-se *Maria Abidis*?—perguntou o doutor.

—*Abidis*?!—disse o padre invocando a memoria—que é isso de *Abidis*?!

—É um caso semelhante da historia portugueza, sr. conego. Leia, leia o meu Bernardo de Brito. Não lhe tenho eu dito cem mil vezes que a nossa historia é um thesouro de ricos acontecimentos applicaveis philosophicamente a tudo quanto ha mais extraordinario?! Eu lhe conto de memoria; e, se ella me falhar, irei buscar o tomo 1 da *Monarchia Lusitana* que é livro que nunca me larga.—E tomando do esturrinho de

D. Tiburcia, continuou com emphase:—Gorgoris, rei da Lusitania, no anno 2806 da creação do mundo, foi o inventor do mel.

O conego sorriu-se.

—O senhor ri-se?—acudiu o doutor.

—Eu cuidei que o inventor do mel houvesse sido o inventor das abelhas—explicou o padre.

—Essa não me parece de homem que lê! Esse casaco que o senhor tem vestido, quem o inventou? quem é que inventou os casacos, pergunta a minha curiosidade?

—Eu não sei.

—Se o conego quer que o inventor do mel haja sido o inventor das abelhas, responda que o inventor dos casacos foi o inventor dos carneiros que dão a lã dos estófos.

—Tem razão—conveio ironicamente o conego—Vamos á historia de Gorgoris.

—Que por inventar o mel se chamou o *Melicola*.

—*Meli e colo*: não o inventou, *cultivou-o*: são coisas diversas—reguingou o padre.

—Inventou, de *invenio*—*eu acho*. Achou-o.

—Ai! que fazem somno á gente com a secca dos latinorios! . . . — atalhou D. Maria Filippa

—V, mano, conte lá a historia.

—O melhor — obtemperou o hospede — Eu não interrompo mais seu mano, minhas senhoras.

—Interrompa quanto quizer, que eu cá estou. O rei da Lusitania Gorgoris teve uma filha que se apaixonou por um homem de baixa extracção. O que denunciou estes amores foi, diz Bernardo do Brito em uma palavra de cunho portuguez de lei, foi a «*emprenhidão*».

—Credo! que palavra! — exclamou com engulho D. Maria Tiburcia.

—Não parece palavra de pessoa ecclesiastica! — notou a outra senhora não menos escandalisada.

O mano Theotónio, como tinha piscado o olho direito ao conego, ria-se; e o conego, com a maior gravidade, disse:

—Minhas senhoras, os antigos faziam as coisas e diziam-nas; hoje em dia a civilidade não

permittte dizel-as. Ande lá com a filha de Gorgoris, sr. desembargador.

—Deu ella á luz um menino, que o avô atirou ás feras; e, como as feras o não comesem, atirou-o ao Tejo. Foi o menino encontrado no sitio que hoje chamam Santarem; e, como quer que uma corça lhe desse o primeiro leite, chamou-se o menino *Abidis*, e d'ahi veio chamar-se ao logar *Esca Abis* (manjar de Abiães), e, corrupto, *Scalabis*, etc.

—Tudo isso me parecem vocabulos corruptos e interpretações corruptissimas,—objectou o conego Botelho—e, ainda que as entendesse, fabulas de Brito não me engodam. Esse frade, se não inventou o mel como Gorgoris, inventou *Laimundus*, e *Mestre Menegaldo* e *Pedro Alladio*, que existiram tanto n'este mundo como o tal Abidis. Em fim, sr. doutor Theotónio de Valladares, permitta-me que eu repugne a que a engeitada tenha um sobrenome procurado na fabula

¹ O desembargador entupiu; mas eu não me calaria nas rasões do conego, nem ás de João Pedro Ribeiro, nem á le

*
* *
*

Quando os sinos de S. Salvador festejavam com tres repiques o baptisado de Maria Moysés, os sinos de S. Aleixo dobravam a finados. A creança sahia da pia baptismal, ao mesmo tempo que o esquife da mãe, posto no lagêdo da igreja, entre quatro cirios, era responsado por alguns clerigos que franziam os narizes offendidos dos miasmas da carne pôdre. A opinião dos padres e dos assistentes ao officio era que a suicida praticara aquelle crime porque devia ter chagas de lepra que a corroíam. O vigario consen-

Schœfer, nem ás dos srs. A. Herculano, Hubner e Pinheiro Chagas. Creio em Bernardo de Brito como nos Lunarios Perpetuos e nos Discursos da corôa, desde que li na *Monarch. Lusit.*, t. 1.º, pag. *mih* 109, estas linhas que são do meu bernardo e mestre, as quaes encerram um programma de lealdade que só pode ceder á lizura do manifesto de um deputado garraio : *O historiador que presume de verdadeiro e quer authoridade em suas cousas, mais seguro lhe é ficar falto por escrupuloso que dizer muito com perigo do seu credito.* É o mais que podia dizer Hallan, Herder, Martinez Marina, Niebuhr ou Thierry.

tia que a enterrassem em sagrado, por que a moribunda, segundo o testemunho do moleiro, pedira fervorosamente a confissão.

Quando a familia de Santa Eulalia ia caminho de casa com a afilhada, o conego, ouvindo alem-Tamega o tanger a finados, disse:

—Uns nascem e outros morrem... Não saberei eu dizer quaes são os mais felizes...

—Eu cá por mim antes queria nascer que morrer — disse D. Maria Tiburcia com a energia explosiva dos dizeres sentenciosos e finos.

Conversaram a respeito da engeitada, até toparem um homem de Santo Aleixo a quem perguntaram quem lá morrera. Contou elle que se deitara ao rio a filha do João da Lage.

—A Josepha?—perguntou Isabel, a mulher do Barradas que levava a menina—Vossê que me diz, homem? A Josefa, que era a virtude em carne e osso! e então bonita, fidalgas? Faz p'rá semana santa dois annos que ella foi de Madanela na procissão do enterro. Ai, senhoras, que eu não quero que haja mais lindo anjo do ceu!

—Por que se matou ella?—perguntou o desembargador.

—Saberá vossa senhoria que até esta manhã não se dizia nada ao certo. Uns diziam que ella não podia aturar o pai que, com licença de v. s.^{as}, é um bebado.

—Eu dou licença—disse o conego rindo.

—Outros—proseguiu o informador—dizem que lhe subira o flato ao miolo; mas o que por lá corria agora é que ella... Emfim, morreu, acabou-se... Deus lá sabe.

—Mas que é que dizem?—instou o doutor.

—Emfim, v. s.^a manda... O que dizem é que ahí pelo verão ia por lá um fidalgo... o sr. Antoninho de Cimo-de-Villa...

—Não queremos saber d'isso... Miserias, miserias... Vamos embora...—atalhou D. Maria Tiburcia.

—E abandonou-a?—perguntou o conego.

—Nada; o que dizem é que o fidalgo velho metteu, á conta d'ella, o filho no Limoeiro, e ella então, isto é o que dizem, atirou-se ao rio.

Eu digo o que ouvi, que eu não sei nada... Sim, eu não sei se isto que dizem, se assim é nem se não é. Deus lá sabe.

O desembargador foi discorrendo ácerca da corrupção dos costumes, que attribuiu a Voltai-re, a Rousseau e a Helvetius, posto que nunca os lesse, o que elle confessava com honrada jactancia. Deu como prova da corrupção das aldeias um suicidio e uma tentativa de infanticidio no mesmo dia e na área de um quarto de legua. Fez ao proposito reflexões politicas e até propheticas. Previu o advento monstruoso das idéas jacobinas. Disse que, na qualidade de desembargador, lavraria a sentença de morte dos portuguezes que militavam na França com o tigre da Corcega. Citou os generaes portuguezes que deviam ser enforcados; e, n'um raptó de vidente, exclamou: «Quem viver dez annos hade ver cahida a inquisição, ó sr. conego!»

—Deixal-a cahir—disse o padre.

—Deixal-a cahir? E a fé?

—Qual fé? a estatua que está no frontal da

Inquisição no Rocio? Deixal-a cahir tambem, com tanto que nenhum de nós esteja debaixo.

—Fallo na fé, no dogma, sr. conego!

—Ah! isso é outra coisa... Cuidei que me fallava da Fé de pedra, sr. desembargador.¹

*

* *

Este conego, cujo retratro eu vi ha dias, em Braga, na galeria dos bem-feitores do hospital de S. Marcos, não era, como se vê, um estrenuo defensor do Santo Officio, nem acreditava nas invencionices de Bernardo de Brito, mas dava aos pobres invalidos e enfermos parte de suas

¹ A estatua da Fé, que estava encimando a fachada do palacio do Santo Officio no Rocio, foi derribada com uma corda e despedaçada em 1821. Na manhã do dia seguinte os inimigos da revolução liberal afixavam nas esquinas este pasquim :

ESPERANÇA não ha ;
FÉ já não temos ;
E CARIDADE ?
Nós lh'a faremos...

E fizeram.

rendas, e estimulava, como hapouco presenciá - mos, a caridade dos seus hospedeiros amigos, em beneficio da engeitada. Folguei de vêr aquelle ridente aspeito em que reluzem uns olhos sagazes, posto que já desvidrados pelo puir dos setenta annos. Estava ao pé de mim o nonagenario provedor da Misericordia que me disse ter ainda conhecido aquelle alegre ancião com a sua cabeça veneranda á jealousy de uma casinha da rua d'Agua. Foi elle quem recolheu no convento das Therezinhas de Braga, aos quinze annos, Maria Moysés, quando já eram fallecidos o desembargador, e uma das irmans, a madrinha da engeitada.

Pelo que respeita a D. Maria Tiburcia, não sei se me acreditam, mas a minha obrigação é atirar para ahi com as perolas da verdade sem me preoccupar com o destino d'ellas. D. Maria Tiburcia, preenchidos os cincoenta e sete annos, casou com um mancebo, que estudava theologia moral com tanta incapacidade, que preferiu D. Tiburcia com 10:000 cruzados, ao Mes-

tre Larraga com a sciencia do ceo. Este moço fazia sonetos e madrigaes. Conhecia toda a symbolica das flôres; mas não as comia como Esdras, a unica pessoa, que eu saiba, que se sustentou quatorze dias de flôres. *Manducabis solummodo de floribus*, disse-lhe o anjo; deu-se bem o floriphago, e—acrescenta Isidoro de Barreira—tornou a comer outros sete dias flôres e a sustentar-se.¹ A hyndiosincrasia do marido de Tiburcia não eram flôres: era boi e leitão, frigdeiras de Braga e murcellas de Arouca.

O desembargador quiz pôr a irmã por demente; mas ella, que prefazia quatro emancipações completas, não lhe refileu os dentes, por que os não tinha, mas safou-se de casa, e desmaiou cheia de pudor e denguiçe nos braços do seu bardo e marido.

A outra, D. Maria Filippa, injuriou-a até ao extremo de lhe dizer, cara a cara:

—Estás uma carcassa e queres casar! Não

¹ *Esdras*, 4. 9. Isidoro de Barreira, *Tratado da significação das plantas*, etc. pag. 21.

tens vergonha! Põe um caustico n'essa cabeça, doida!

Depois, fez testamento, e deixou 5:000 cruzados a sua afilhada Maria Moysés, representados na quinta de Santa Eulalia, na margem direita do Tamega.

O tutor e director da recolhida, o conego Botelho, desejou residir um verão na quinta de Santa Eulalia para repassar tristemente na memoria os vinte estios que ahi folgára com o seu amigo Theotonio e com as duas irmãs, que elle, em dias de alegre humor, chamava as duas biscas, como quem diz que só tinham prestimo para a sueca. Maria, a herdeira da quinta, acompanhou-o, resolvida a não tornar para o convento. Ideara um viver muito diverso do monastico. Não podia conventualmente exercitar umas extranhas humanidades que lhe agitavam o coração desde que sua madrinha lhe legara recursos para as realizar.

Assim que chegou a Santa Eulalia revelou ao conego o seu pensamento: era crear meninos engeitados!

Era bom e caridoso o padre; mas achou tão original e extravagante aquella idéa em uma menina de dezoito annos, que lh'a desapprovou em termos energicos. Sabia o conego que uma anonyma viuva franceza abrira um asylo de expostos perto de Saint-Landry; não ignorava que uma respeitavel matrona, Isabel Lhuiller, auxiliára S. Vicente de Paulo em dar abrigo ás creanças abandonadas; mas uma menina solteira a lidar com engeitados figurou-se-lhe exercicio menos consentaneo com a pureza e candura de annos tanto em flôr. Além d'isso, Maria Moysés, sósinha, sem familia, sem auxiliares, e desprovida de recursos bastantes, em que especie de serviço aos engeitados empregaria a sua caridade? Indo buscar-os á roda para os crear em sua casa? Assoldando amas para a criação physica, e mestres para a criação moral? mestres para as lettras e para os officios? Em que veios de imaginario ouro se alimentara esta utopia que poderia ser virtuosa se não fosse indiscreta?

Ella ouviu silenciosa o conego, e depois de

muito instada a explicar o seu proposito, disse singelamente :

—O meu desejo é dar aos engeitados a caridade que eu recebi.

—Mas tencionas procural-os ?

—Isso não ; espero que a divina Providencia os leve onde eu estiver.

—És uma virtuosa creança, Maria—replicou o padre—mas vieste tarde á procura d'um mundo que passou. Exercita a caridade quanto as tuas forças t'o permittirem ; porém, não vás além do que te rende esta quinta. Oito carros de milho, quatro pipas de vinho, e dez almudes de azeite é o teu rendimento. Contam-se milagres de multiplicação que talvez se possam repetir no teu pouco ; mas o mais prudente é contares pela arithmetica que eu te ensinei. Quem tem seis por anno e gasta sete, ao fim de seis annos tem só um. Gasta os seis, Maria, os seis sómente em obras justas de misericordia, e não dês alento aos costumes depravados tomando a teu cargo os filhos que as mães abandonam.

—Tambem eu fui abandonada—disse ella.

Ora, passados alguns dias, Maria Moysés tinha em casa dois meninos na primeira infancia. O velho Francisco Bragadas, que era agora cazeiro da engeitada que encontrou no rio, contou-lhe que a moleira da Trofa, viuva de um soldado que estava lá para as Ilhas com o irmão do sr. D. Miguel, morrera de *cambras* deixando dois filhos pequenos, que não tinham migalha de pão.

—Vê, sr. conego?—disse ella—Já tenho dois!

—Esses dois iria eu buscar-t'os, se o rheumatismo me deixasse, menina.

—Então vou eu?

—Pois vae, Maria, vae... Assim, acredito eu que a divina Providencia t'os mande. E olha que são mais dignos de compaixão os orphãos que viram morrer sua mãe, do que os engeitados que a não conheceram.

*

* *

A filha que Izabel, mulher do Bragadas, amamentava, quando o marido lhe levou a engeitada, era agora uma guapa môça de quem Maria se affeiçoára fraternalmente. Joaquina, posto que pobre, fôra pedida por um lavrador abastado de Cavez; deviam casar no S. Miguel, depois das colheitas; mas na noite de 24 de agosto, quando em Cavez se festeja o S. Bartholomeu, os festeiros do Minho brigaram com os de Trazos-montes, segundo o barbaro estylo d'aquella romagem. O tiroteio de ambas as margens do Tamega principiou ás dez da noite. Ao romper da alva, os turbulentos accommetteram-se peito a peito de clavinas engatilhadas, e dos dois valentés que cahiram mortalmente feridos na ponte, um era o noivo de Joaquina. A rapariga ainda o viu moribundo; quiz despenhar-se da ponte, e foi levada sem alento para casa da mãe do

morto, que a tratou com o amor que tinha ao filho. Volvidos alguns dias, tornou para casa de seus pais. Maria Moysés deu-lhe uma cama em sua casa, e fez-se a sua enfermeira moral; todavia as angustias da rapariga recresciam, e o proposito do suicidio revia-lhe nas meias confidencias á sua bemfeitora.

Uma noite, acorçoada pelo amoroso desvelo de Maria, a filha do Bragadas, com mais lagrimas que expressões, revelou que estava perdida, porque o pai de seu filho já não podia remediar a sua deshonra.

A engeitada quedou-se a olhar para Joaquina com muita tristeza e espanto. Do seu proprio nascimento inferia ella uma desgraça semelhante á de Joaquina; mas o pudor, a religião, a repugnancia congenial da sua vida pura soffreram uma dôr intima com a inesperada confissão. O coração decerto as tinha, mas não lhe inspirou de prompto palavras confortadoras. Separou-se d'ella fundamente magoada e pensativa; mas não adormeceu. Alta noite ouviu ringir a porta

do quarto de Joaquina. Ergueu-se alvoroçada pelo presentimento de que a infeliz rapariga ia matar-se. Não a encontrou no quarto; correu á porta da sala de espera que ella n'esse momento abriera. Reteve a desvairada, e disse-lhe abraçando-a:

—Onde vaes?

Joaquina, com a vista vaga e turva de quem chorou até que a demencia lhe seccasse as lagrimas, sentindo-se apertada ao seio d'aquella a quem se confessara mãe deshonrada e perdida, balbuciou:

—Não diga a ninguem a causa da minha morte, que meu pae está muito acabado; e, se elle o souber, morre de paixão. . .

—Falla baixinho, que não ouça o sr. conego —disse Maria apontando para o quarto do hospede— Vem para o meu quarto, Joaquina, e lembra-te que eu sou aquella engeitada que teu pae poz no collo de tua mãe quando tu lá estavas. Vem; e, se és minha amiga, não chores, nem me assustes.

*

* *

No começo do inverno, Maria Moysés sahiu de Santa Eulalia, e pediu aos seus caseiros que deixassem ir com ella a sua filha.

—Para onde vai a senhora então?—perguntou o Bragadas.

—Vou passar o inverno em Braga, onde tenho as minhas amigas do convento. Aqui lhe deixo os meus orphãos, que já podem ir á escola. Trate-os como costuma tratar os filhos que não tem mãe, sim?

—Vá descansada, mas ó senhora, isto de eschola p'ra que monta? Eu tambem não sei ler, nem nunca me fez minga. Lá se elles tivessem que comer, vá; sabendo ler, não era máo; mas o que elles carecem é de se pegar ao trabalho, guardarem uns sevados em quanto não podem ir para o monte com a rez, e depois é agarra-rem-se á enchada e á rabiça do arado.

—Não quero, sr. Francisco. Quero que aprendam, e depois veremos. Talvez os mande para o Brazil.

—Ah! a senhora está a ler! quel-os fazer brasileiros? Boa vae ella! Se vae n'esse modo de vida, queira perdoar-me, mas a minha ama dá conta do que tem. Olhe que os milhos este anno quasi que não espigaram, e as oliveiras estão tolhidas da ferrugem. Vinho, então, não se enche a cuba pequena.

—Paciencia. Para nós e para os pequenos sempre hade chegar.

Na primavera seguinte, Maria e Joaquina voltaram á quinta. O caseiro, quando viu apear uma mulher desconhecida com uma creança nos braços, perguntou á filha:

—Aquillo que é, ó moça?

—É uma engeitada de que tomou conta a senhora. Pozeram-na no pateo da nossa casa, e a senhora não a deixou deitar á roda.

—Está bem aviada a senhora!—tornou o Bragadas com bastante rabugice e algum zelo

pelas commodidades da sua ama—E tem de pagar e dar de comer á mulher que a cria?

—Pois ella! . . .

—Ora adeus, adeus! isto assim vae tudo pela agua abaixo. O melhor é dizer que a quinta dos fidalgos do Arco é agora a roda dos engeitados. Esta senhora carece de tutor, quando não, d'aqui a poucos annos, está a tocar ao viatico.

—Olhe que ella ouve, meu pae.

—Deixal-a ouvir . . .

—Ralhe, ralhe, tio Francisco, que eu não me offendo — disse Maria Moysés, sorrindo. — Que tem que eu morra pobre? Acabarei como comecei. Já nasceu alguém mais pobresinha que eu? Não se arrependa de ter sido quem deu causa a que eu fosse a dona d'esta quinta. Se eu ficar sem ella, tio Francisco, é porque a reparti por muitos pobres; mas a melhor porção hade ser a minha, porque o prazer de dar é muito maior que o de receber.

—Sim, sim . . . — obtemperou ironicamente o Bragadas, com o seu frio egoismo de velho. —

A senhora lá sabe o que lhe convem. O que eu lhe digo é que, se se espalhar a noticia de que a senhora recolhe os engeitados, verá que lhe chovem em casa como a praga do Egypto. E olhe que está em terra azada para metter em casa mais garotos do que andam na eschola do Farripas em Santo Aleixo. Isto por aqui é um louvar a Deus de mulheres perdidas. . . Já não ha pais que saibam crear as filhas com pão e pau. . .

Joaquina afastou-se com os olhos marejados de lagrimas, e Maria Moysés, retirando-se, cortou a diatribe que o pae austero vociferava contra a dissolução dos costumes.

*

* *

O conego Botelho, no estio de 1835, fez a ultima visita á quinta de Santa Eulalia.

—Venho despedir-me — disse elle — despedir-me de ti, e d'estas arvores que eu vi plantar. Este olmo que ainda tem um signal de letras, fui eu que o plantei ha vinte e tres annos.

Chamava-se a arvore do conego. Lá pela vida fóra, Maria, quando te sentares n'este banco de cortiça, lembra-te do teu amigo. E, para que possas mais alguns annos possuir a tua quinta e ser a dona da arvore do conego, saberás que no meu testamento reparto entre ti e a Misericordia de Braga os meus poucos haveres. Receberás quatro mil cruzados. É o mesmo que deixal-os a um hospicio de infancia desvalida. applica-os segundo o teu plano caritativo; mas não sacrifiques o passadio da tua velhice. A esmola é boa, mas a prodigalidade é má, ainda quando se quer justificar com o titulo usurpado de caridade. De vez em quando, Maria, vem sentar-te aqui onde agora estamos, quando eu já estiver dormindo o somno eterno, e imagina que me ouves estes conselhos que te deixo.

*

* *

Falleceu o conego João Correia Botelho em 1836. Maria Moysés, n'este anno, transcendia

de jubilo, porque a profecia de Francisco Bragadas se realisára: tres expostos lhe pozera a Divina Providencia no pateo, durante o anno. Como conforto á saudade do seu bemfeitor, de-ra-lhe Deus a alegria dos tres engeitados, pobremente enfaixados em pedaços de lençoes velhos e baetas rapadas. Lavava-os e vestia-os, baptisava-os e alimentava-os com leite de ovelha em quanto não appareciam amas. As amas desciam das terras de Barroso, vermelhaças, grossas, de grandes peitos e quadris. O velho Bragadas dizia que a patifaria era tal que as amas eram as proprias mães dos engeitados que regateavam o ordenado da criação antes de darem os seios exuberantes aos filhos. E declamando contra a estragação dos costumes, exceptuava sempre as suas filhas, dando-as como exemplo. Joaquina ouvia com a alma confrangida as exclamações do pae; mas a dor e a vergonha eram bem remuneradas pelo prazer de abraçar um gordo rapaz que lhe chamava tia.

Por toda a corda de Basto e Ribeira de Pen-

na, por todo o Barroso e Cerva, d'aquem e d'alem Tamega, propalou-se que uma senhora de grande riqueza e caridade acceitava engeitados em sua casa. Onde chegou a nova foi tambem o sobre-nome da senhora : chamavam-lhe *a santa Moysés*, sem respeito a processos de canonisação. Da confluencia de expostos á quinta de Santa Eulalia póde inferir-se que a virtude e a castidade de uma mulher era um aphrodisiaco para a fecundidade das outras.

Principiou a inquietar o animo de Maria o receio de não poder com tamanho encargo. Assaltavam-na a cada passo as reflexões do conego Botelho. Quando se assentava á sombra do olmo, ouvia-o com saudade, e pedia a Deus que a ensinasse a responder aos argumentos do padre, e lhe dêsse meios para ver creados os dez engeitados que tinha em casa, e os que mandára crear fóra.

Os filhos da moleira já tinham ido para o Brazil ; outros andavam na eschola ; as meninas tinham mestras, que eram Joaquina em cousas de costura, e Maria no ler e escripta.

A herança do conego e os rendimentos da quinta, na verdade mal administrados, suppriram ainda assim as despezas no transcurso de dez annos. Maria, com a sua fama de santa, era ha-vida em conta de tola pelos velhacos. A falsa piedade explorava-a. Festas de capellas, votos de missas pedidas, resplendores para uns santos, capas para outros, esmolas para entrevados de longe, esmolas para aleijados que iam a caldas e ao mar, esmolas para rapazinhos que iam para o Brazil, para cabaneiros a quem o incendio devorou a choça—com verdade ou impostura—ninguem ia da sua porta com as mãos vasiaas.

—Eu tambem sou pobre—dizia ella.

—Tem a graça de Deus que lhe dá tudo—respondiam os pedintes, com a certeza de que ella já havia pedido alguns centos de mil réis sobre a quinta.

As irmandades, que lhe emprestavam o dinheiro a juro, pediam-lhe donativos para reformar paramentos de sachristia, e madeiras para os vigamentos das egrejas.

Como só de per si já não podia cuidar na educação dos engeitados, Maria Moysés pedia ás pessoas abastadas que a auxiliassem; não com dinheiro, mas com a caridade de se encarregarem de alguns. Assim foi que o abbade de Pedraça tomou para si aquelle pequenino, que se chamou Alvaro, e depois legou ao filho natural do visconde de Agilde o farto ouro que parecia trazer comsigo o condão de virtude da engeitada de Santo Aleixo.¹

*

* *

Em 1850, trinta e oito annos depois que sahira de Portugal, chegou á sua casa de Cimo de Villa em Ribeira de Penna, Antonio de Queiroz e Menezes, reformado com a patente de general no imperio brazileiro. Tinha sessenta annos. Não cazára, nem grangeára familia de ordem nenhuma. Viera só, mais velho que a sua idade, cheio de condecorações e mais nada. Antonio de Quei-

¹ Veja o FILHO NATURAL.

roz era rico em Portugal. Os vinculos não pôde o pae desvial-os da linha varonil, nem os mordomos por elle encarregados da fiscalisação dos grandes bens lh'os depreciaram. As irmãs, casadas com pequenas legitimas, assim que chegavam navios brazileiros com a noticia das febres devastadoras, sentiam um vago contentamento na hypothese de ser Deus servido levar-lhes o mano general. Como viviam cazadas com uns fidalgotes de meia escudela, fragueiros, brutos e forçados, á mingua de recursos, a matarem coelhos para matarem o tempo, aquellas senhoras mandavam deitar as cartas a uma creada velha para saberem se lhes viria alguma herança. Entretanto, o irmão, de vez em quando, ordenava ao mordomo que lhes desse porção das suas rendas superfluas.

O general chegou inesperadamente, recolheu-se á casa onde nascera; e tão funda amargura o avassallou que se arrependeu de voltar á terra natal, onde lhe entraram redivivas e pungentes ao amago da alma as recordações de Josefa de

Santo Aleixo,—a sombra plangente que lhe seguira todos os passos da vida.

Perguntou pelos seus amigos da mocidade: todos eram mortos, exceptuado Fernando Gonçalves Penha, da casa da Temporan, aquelle que, a seu pedido, enviára a astuta cazeira a Santo Aleixo com o recado da fuga. Este mesmo, que seguira a carreira das lettras, era juiz em uma das Relações do reino. Escreveu-lhe Queiroz, noticiando-lhe a sua chegada. *Vem, para que eu não morra sem ver um amigo da juventude* — dizia elle.

Gonçalves Penha foi pressurosamente. Os dois velhos abraçaram-se a chorar. Reconheceram-se pela voz. Era tudo o mais uma transformação em que os vermes do sepulchro já pouco teriam que destruir. Antonio de Queiroz, o esbelto cadête de cavallaria que o outro conhecera de cintura feminil, e olhos negros docemente ameigados por alma apaixonada, era agora um ancião de grandes barbas brancas, olhos apagados, e faces angulosas, a tiritar de frio, no amplo casacão de baeta.

—Ha quantos annos me não escreveste?—
dizia Gonçalves Penha.

—Ha trinta e sete. Recebi duas cartas tuas,
que ainda tenho, datadas de Coimbra.

—Só duas? Escrevi-te mais; porém, depois
que teu pae morreu me disseram teus cunhados
que entre os papeis d'elle appareciam cartas que
eu te escrevera fallando-te d'aquella rapariga de
Santo Aleixo. A omnipotencia de teu pai chegou
a subornar o fiel do correio de Villa Pouca de
Aguiar. Parece-me—proseguiu o desembargador
reparando na commoção de Antonio de Queiroz
—que ainda te sangra o coração...

—Ainda. Nunca, nunca se fechou a ferida.
Está essa infeliz diante dos meus olhos como a
vi, tal qual ella era, ha trinta e oito annos. Que
me dizias tu n'essas cartas que eu não li?

—Posso lá lembrar-me agora!... isso vae tão
longe... Só me recordo... deixa-me ver se reu-
no umas ideias vagas... Sim... eu mandei lá
a minha caseira...

—Recordo-me, e Josepha respondeu alegre-

mente que fugiria para o Enxertado na noite do dia seguinte; mas, n'esse mesmo dia á noite, 27 de agosto de 1813, suicidou-se.

—Ah! vou-me lembrando . . . Esse suicidio é que eu punha em duvida nas minhas cartas que não recebeste.

—Porque? então mataram-na?!

—Já não vive ha muitos annos o cirurgião que a tratou; eu sahi d'aqui ha trinta e cinco e nunca mais o vi; se elle vivesse, poderia ajudar-me a recordar. Espera lá . . . Como a velhice nos barre tudo da memoria! Ah! uma circumstancia . . . o apparecimento de uma creança no rio . . .

—O quê?

—Espera, Antonio, não me quebres o fio das recordações.

Gonçalves Penha tapou a cara com as mãos, curvou-se bamboando a cabeça, ergueu-a com impeto, e disse:

—Parece que vejo reviver o passado . . . Olha, Queiroz, na mesma noite em que essa rapariga appareceu moribunda no rio, um homem

que andava á pesca encontrou uma creança viva n'um berço levado á tona d'agua. Fallando eu a este respeito com o cirurgião, me disse elle que a Josepha talvez não se suicidasse ; mas que morresse quando ia a fugir com a creança para tua casa.

—Não pode ser—atalhou Antonio de Queiroz.

—Porque não pode ser ?

—Era cedo para ter já nascido o filho.

—Isso mesmo disse eu ao cirurgião, contando-lhe o que sabia da tua carta escripta do Limoeiro, por que tu, se bem me lembro, dizias-me que . . .

—Faltava um mez.

—Justamente ; mas o cirurgião convenceu-me de que bastava a alegria de fugir, quando se julgava abandonada, para lhe produzir um forte abalo. E espera . . . outra circumstancia . . . a minha caseira foi disfarçada a uma quinta onde estava a creança que appareceu, e soube com certeza que fóra achada n'essa mesma noite, e que . . .

—Onde era essa quinta?—interrompeu o general.

—Ó filho! isso é que eu não te posso dizer já; mas deixa estar... a cazeira deixou filhos que ainda são meus caseiros. É natural que elles a ouvissem muitas vezes fallar do caso milagroso da creança que appareceu deitada n'um berço de junco. Eu te direi o que souber. Ó Queiroz—exclamou o juiz com enthusiasmo—e se tu descobrias agora o teu filho!

—Não me passa pelo espirito esse devaneio, meu amigo. Eu quizera antes que a morte d'essa infeliz não fosse um acto de desesperação; mas, pensando bem, Gonçalves, por que havia de suicidar-se ella?...

—Sim, tendo-me dito a cazeira que a rapariga chorava de alegria? Antonio... recordo-me eu agora perfeitamente de que, nas minhas cartas, te dizia que o teu filho podia existir... E foi por isso mesmo que teu pai as subtrahiu... Não te parece?

—É possível; mas... que novas dôres a es-

perança me está gerando na alma! A esperança! . . . que posso eu esperar das transformações de trinta e sete annos, meu amigo?

—Tens rasão... Ainda mesmo que o pequeno encontrado fosse o teu filho, ha que annos terá morrido o homem que o encontrou no Tamega? Que destino levaria o rapaz? Ainda assim, olha que eu sei de casos de mais difficil-tosa averiguação que se tiraram a limpo. Os processos por causa de successões estão cheios de factos que parecem novellas, e nas genealogias ha muitos d'essa especie.

*

* *

Ao outro dia, o general Queiroz de Menezes sahio, pela primeira vez, do seu carrancudo solar, e caminhou a pé e sósinho na direcção do Tamega. Os homens antigos, quando o viam ao longe, descobriam-se e paravam. Elle parava tambem diante d'elles, mandava-os cobrir, e perguntava

quem eram. Alguns haviam sido seus companheiros na caça, outros brincaram com elle na infancia, e lembravam-se das travessuras do fidalguinho. O general recordava-se d'aquelles nomes, dava esmola generosa aos necessitados, e offerencia a sua amizade aos outros.

Chegando á ourela do Tamega, parou defronte da Insua. Era alli que Josepha esperava o juvenil aspirante embrenhada no choupal. Um conhecido amieiro de tronco esgalhado em ramos recurvos já não existia. N'esse logar estava uma azenha, com uma barca de passagem amarrada a uma argola de pedra chumbada na parede.

Á porta do moinho appareceu a moleira a perguntar-lhe se queria passar para além.

—Quero.

Já dentro da barca, perguntou-lhe se aquella azenha alli estava ha muito.

—Ha nove annos, meu senhor. Alli mais arriba havia um moinho que a cheia me levou. Fiquei com dois filhos pequenos sem modo de

vida nem uma choupana; mas a mãe dos pobres acudiu-me. V. S.^a hade conhecer a senhora da quinta de Santa Eulalia.

—Não conheço.

—Então, ainda que eu seja confiada, não é de cá.

—Sou; mas tenho estado longe.

—Lá isso, sim; que dez leguas em arredor toda a gente conhece a senhora de Santa Eulalia. Não ha outra assim no mundo. Só de engeitadinhos tem onze de portas a dentro.

—Onze!

—É o que lhe eu digo, senhor.

—Bom é que haja uma santa onde ha tantas mães que abandonam os filhos.

—Não que elle tambem ha muita desavergonhada por esse mundo de Christo. Mulheres más por aqui é uma casa sim e outra não á ida para cima; mas á vinda para baixo são todas.

O general sorriu-se, e disse:

—Bem faz vossê em viver perto da ilha; quando a corrupção fôr geral, fuja para lá.

—Podéra ! mas a mim já me não pega o andaço. Tomara eu pão para os meus filhos. Trabalho muito, e o corpo não me pede folia. Tenho esta barca a metter agua, e Deus sabe quando terei outra. A mãe dos pobres já me prometeu a madeira ; mas eu até já tenho vergonha de lá ir.

—Pois não vá. Amanhã vá vossê á casa de Cimo-de-Villa, pergunte pelo Queiroz, e receberá dinheiro para a sua nova barca.

—Bemdito seja Deus ! Então V. Ex.^a é o sr. general que chegou ha dias ?

—Adeus, appareça, mulherzinha.

Saltou á margem.

—V. Ex.^a quer que eu espere ? —perguntou a barqueira.

—Não, que vou passar ás pôldras de Santo Aleixo.

E caminhou pela orla do Tamega até saltar o combro que descia para a Cangosta do Estevão. Como ia fatigado, sentou-se, enxugando o suor, na fraga a que o moleiro encostára o cadaver de

Josepha, e lembrou-se que alli mesmo haviam estado sentados ambos em uma tarde de julho. Em baixo murmurava a corrente agitando as franças dos salgueiros, coaxavam as rans, e ás vezes um scalo de ventre prateado saltava á flôr d'agua. Elle parecia ver e ouvir; mas via e ouvia no passado o rosto e a voz de Josepha, e embebia no lenço as lagrimas.

Subiu o ingreme barrocal da Çangosta. Entrou na aldeia de santo Aleixo, e sentou-se no adro. O cansaço anciava-o. Da casa da residencia sahiu então um clérigo ancião, apoiado na bengala, e sentou-se á sombra do platano do adro, com o breviario debaixo do braço. Reparando no desconhecido, cortejou-o e offereceu-lhe a sua residencia.

—É o reitor d'esta freguezia?—perguntou o general.

—Sim, senhor. V. S.^a não é d'áquem-Tamega?

—Não sou. Está aqui reitor ha muitos annos?

—Ha vinte e sete.

—Aqui é aldeia de ricos lavradores, ao que parece.

—Ha proprietarios muito ricos, os Pimentas, o tenente coronel, o antigo capitão-mor, etc.

—Se lhe não custa, sr. reitor, pois que é tão attencioso com os forasteiros, iremos dar um passeio por esta aldeia que me parece muito pittoresca.

—Da melhor vontade.

O reitor dizia-lhe os nomes dos possuidores dos melhores edificios. Chegaram a um recanto onde se viam ruínas de uma casa de lavrador muito espaçosa. O general parecia querer reconhecer o sitio e a casa.

—Aqui—disse o vigario—morou um lavrador que morreu ha tres annos com mais de oitenta. Chamava-se o João da Lage. Bebia um quartilho de aguardente todos os dias, e chegou a idade tão propecta! Fiem-se lá nos medicos! D'esta casa tenho eu uma recordação muito funesta. Ha que annos isto vai!... Perto de qua-

renta... Em 1813, quando eu era minorista, vim aqui assistir com a minha sobrepeliz aos responsos de uma pobre rapariga que se afogou no Tamega, uns disseram que por vontade propria, e outros disseram que por desastre. Era uma flôr a môça. Ainda me recordo que, morrendo ella á noite, foi preciso enterral-a ao outro dia, porque não se podia soffrer o cheiro do cadaver. Como a morte em poucas horas transformára uma creatura linda como os anjos n'um charco de podridões!

—Que motivo se deu para o suicidio?

—Não tenho a certeza; tenho a suspeita; porém, *perdoai aos mortos*, dizem os livros sagrados. O nosso dever é orar por elles, e não os chamar a contas.

O reitor, que assim fallava, era aquelle padre Bento da Pova que já em annos de indiscretas verduras queria que o escrivão respeitasse o cadaver ainda quente da suicida.

O general absteve-se de interrogações; todavia, o padre accrescentou:

—Esta casa vai desaparecer d'aqui. João da Lage morreu pobre. Devia tudo ás irmandades e á fazenda. Gastou trinta mil cruzados, desde que a mulher lhe morreu de paixão lá para Barroso. Um brasileiro comprou esta quinta, que esbeixa lá em abaixo com o rio, e está arrazando a casa para fazer um palacete. Ainda acolá se vê de pé um sobrado onde eu vim para acompanhar a morta á egreja. Alli é que ella dormia. Parece que V. S.^a está magoado com a historia da pobre môça. . . — disse o vigario attentando nas lagrimas reprêzas do ancião.

—Todos os velhos são faceis em chorar. . . Continuemos o nosso passeio, sr. vigario. D'aqui desce-se para as pôldras?

—Sim, senhor, por esta viela; depois, lá ao fundo, salta-se ao campo da direita. Eu acompanho-o até lá, porque vou ver uma doente que mora á beira do rio.

Quando chegaram ás poldras, perguntou o general:

—O sr. vigario nunca ouviu dizer d'uma

creança que appareceu por aqui n'um berço ao de cima da corrente?

—Foi muito perto d'aqui, talvez cem passos, onde o rio faz uma enseada. Essa creança recordo-me eu muito bem que appareceu na mesma noite em que a Josepha da Lage se afogou. Deu muito que pensar e que suspeitar tal coincidencia; mas eu reprovei que se fizessem juizos temerarios. Esta terra, ainda mal, que teve sempre peccadoras das que cuidam esconder-se aos olhos de Deus, quando podem apparecer, sem os filhos que engeitaram, aos olhos do mundo.

—Ouvi dizer que a creança fôra salva.

—Sim, senhor, foi encontrada sã e enxuta n'um berço de canastra por um homem que andava pescando: era o cazeiro dos Valladares de Santa Eulalia. Deitaram-se muitas inculcas, mas nunca se soube quem era a mãe.

—O homem que encontrou a creança já é fallecido?

—Nada, não é; chama-se o Bragadas, e nasceu n'esta freguezia. Ainda ha dias vi no livro

dos baptisados que elle já fez oitenta annos. Mas ha aqui um caso que parece conto de romance. O Bragadas é hoje cazeiro da mesma engeitada que elle achou!

—Como?! — exclamou Antonio de Queiroz.

—Tem rasão de se espantar, meu senhor; mas a verdade é esta. O engeitado era uma menina de que tomaram conta os fidalgos, que a baptisaram com o nome de Maria Moysés, por ter sido achada no rio como o santo legislador dos hebreus. Depois, uma das senhoras, que foi madrinha, deixou-lhe a quinta de Santa Eulalia. Sahiu um anjo a creatura de Deus; chamam-lhe a mãe dos pobres; e recolhe, ensina e dá modo de vida a quantos orphãos e engeitados a mão da desgraça lhe leva ao seu regaço...

—Parece—atalhou o general—que são muitas as probabilidades a confirmar a hypothese de que essa engeitada seja filha de Josepha... Não concorda commigo?

—Eu já disse a V. S.^a que todos os juizos temerarios são venialmente peccaminosos quan-

do redundam em desdouro de vivos, e muito mais de mortos que não podem justificar-se. Não sei... E o que eu não sei, para mim é apenas possível. Seja de quem fôr filha, Maria Moysés é uma mulher que faz lembrar as antigas santas.

—Conhece-a, sr. reitor?

—Nunca a vi; mas ouço dizer que tem no rosto a formosura da alma, e que parece ter vinte annos, andando já perto dos quarenta; sim, não hade ir longe... de 1813 a 1850...

—Trinta e sete...

—É isso, trinta e sete. Pena é que os poucos recursos lhe não permittam ir tão longe como o coração lhe pede. Alargou mais do que podia a área da caridade. Acudia a todas as desgraças com mais liberalidade que prudencia. A santa cegueira não a deixava prever os limites das suas medianas posses. Os rendimentos da quinta são escassos e talvez mal pagos pelo cazeiro a quem ella não pede contas, ou acceita as que elle quer dar-lhe, porque foi elle quem a salvou. A pouco

podiam montar. Verdade é que um conego de Braga, santo homem que eu conheci, lhe deixou alguns mil cruzados com que ella costeou por bastantes annos as despezas de alimentação e educação de engeitados e orphãos. Afinal, o dinheiro acabou-se, mas a caridade na alma da santa mulher é que não esmoreceu. Não pede nada; mas, se sabe que um fidalgo ou abbade rico ou viuvo sem filhos está no caso de poder acceitar-lhe um orphão ou engeitado, escreve-lhe a pedir pelo amor de Deus que o acceite e sustente com as migalhas da sua meza. E assim tem conseguido arranjar bastantes; e d'alguns se conta que foram para o Brazil e lá estão bem encaminhados.

—Sabe então o sr. reitor que Maria Moysés está pobre agora?

—Pobre de todo não direi, porque a suprema riqueza é a graça de Deus; mas necessitada de recursos para continuar a sua santa dedicação aos infelizes, com certeza está; porque eu sei que ella deve mais de tres mil cruzados a vaas.

confrarias; e na porta da minha igreja está um aviso annunciando que quem quizer comprar a quinta de Santa Eulalia falle com a dona da mesma. É uma bonita propriedade; mas ninguém lhe dá o que ella vale, porque não ha dinheiro, e quem o tem fecha-se com elle, por medo das revoluções que são umas atraz das outras. Os cabralistas querem dinheiro, os patuleas querem dinheiro, agora dizem que os saldanhistas vão sahir com a procissão porque querem dinheiro, e quem não fôr uma das tres cousas ha de pagar para todos os tres partidos. Eu não sei com quem tenho a honra de fallar, mas sou franco; o que eu digo é que Deus traga o sr. D. Miguel I a ver se Portugal se endireita de vez.

O general ouvira apenas a toada confusa das fortes razões porque o inoffensivo reitor de Santo Aleixo queria o sr. D. Miguel. Era febril o desasosiego de Antonio de Queiroz; como que o affligia o sobressalto da esperanza; sentia na sua ancia a alegria desconnexa de um sonho feliz, mas com o inverosimil e desatado das felicidades so-

nhadas. Abraçou o padre, e convidou-o a passar um dia o Tamega para ir a sua casa.

—Mas eu não sei com quem tenho a honra de fallar. . . —disse o vigario.

—Eu sou Antonio de Queiroz e Menezes, da casa de Cimo-de-Villa.

—Santo Deus! —exclamou o reitor — com quem eu tenho fallado! . . . V. ex.^a não estava na America?

—Estive: ha oito dias que cheguei.

—Eu conheci-o em rapaz, sr. Queiroz! Olhe que somos ambos da mesma creação, e ainda fomos condiscipulos alguns mezes de 1809 em latim na aula do padre mestre Simão no Valle de Aguiar, quando v. ex.^a estudava para cruzio, antes de sentar praça. Veja se se lembra do Bento Fernandes, da Povia.

—Bento Fernandes. . . —repetiu o general.

—Que v. ex.^a e outros patuscos chamavam *Beatus Benedictus, ora pro nobis.*

E o bom velho casquinava a rir; mas, de su-

bito, reveste o semblante de uma gravidade mysteriosa, e diz como em segredo :

—Agora é que eu comprehendo as suas lagrimas de ha pouco, em frente do quarto onde viveu e foi amortalhada Josefa. V. ex.^a procura sua filha? Suspeita que Maria Moysés seja a sua filha? É, tenha a certeza que é.

—A certeza? a certeza? Veja o que me diz, sr. vigario!—exclamou o general apertando-lhe as duas mãos nas suas com arrebatada alegria.

—Folgo de o ver assim excitado por um sentimento que me demonstra que tem sido infeliz e nunca esqueceu a desgraçada Josefa. Deus me perdoará, se eu n'esta hora transgredir o sigillo da confissão; mas, n'este caso, seria absurda a observancia de um preceito que envolveria um segredo prejudicial á sua felicidade e á de sua filha. O sr. Queiroz denunciou ao vigario de Santa Marinha a gravidez de Josefa, quando lhe pediu que o cazasse clandestinamente...

—É verdade.

—O vigario denunciou a seu pae o bom in-

tento de v. ex.^a D'ahi resultou a sua ida para a capital, e depois a prisão. O vigario, pensando que me dava o exemplo de um bom feito, contou-me o que fizera. Fiquei eu sabendo um segredo que nunca revelei, postoque, fallecida Josefa, se divulgou por boca do cirurgião e de uma cazeira da casa da Temporan. Para mim era ainda duvidoso se Josefa já era mãe quando acaso se afogou ou determinadamente se matou; mas, em 1817, fui eu mandado parochiar na freguezia de Santa Maria de Covas de Barroso, onde vivia com seus irmãos a mãe de Josefa. Esta mulher tinha intermittencias de loucura; mas, nos periodos de lucidez, passava mais amargurada porque chorava sempre pela filha. Em 1818 fui chamado para ouvil-a de confissão, nas vinte e quatro horas que precederam a sua morte. Estava a moribunda então no perfeito uso das suas faculdades; e, coberta de lagrimas, me disse que sua filha, na tarde do dia em que morrera, dera á luz uma creança. Perguntei-lhe se era menino ou menina, lembrando-me do apparecimento de

Maria Moysés. Respondeu-me que não sabia, mas que tinha a certeza que ella, quando fugiu de casa, levava uma creança, porque, indo ao quarto da filha depois que a vira morta, achára no sobrado uns embrulhos que estavam dentro de um berço de vime, e, procurando o berço, não o achára. Perguntei-lhe se não ouvira dizer que n'essa mesma noite fóra encontrada uma menina no rio dentro de um berço de vime; respondeu que, apenas dera pela falta do berço, cahira como morta, e quando voltára a si, fugira para casa dos irmãos, onde não sabia como viveu muitos mezes, e passára temporadas de que não lhe restava a menor lembrança. Para mim—concluiu o vigario—está provado que Maria Moysés é filha de Josefa.

O general estreitou ao peito o padre Bento, beijou-lhe as cans, e exclamou com a alegria de uma creança:

—Havemos de ter uma velhice muito feliz... Eu heide viver muitos annos, e o padre Bento, o meu condiscipulo, vai ser o meu

capellão, e o director da caridade de minha filha!

*

* *

Ao outro dia, Antonio de Queiroz e Menezes, acompanhado do desembargador Fernando Gonçalves Penha e d'um tabellião do julgado, passaram o Tamega, em frente da quinta de Santa Eulalia. Tiraram pela sineta do portão com força.

Francisco Bragadas, que estava na eira, de barriga ao sol, recozendo os seus oitenta annos, quando ouviu tilintar a sineta, disse a um neto:

—Vae ver quem é. Teremos mais algum engeitado? Estou a ver quando começa o desafôro de os trazerem mesmo de dia!

Aberta a porta, entraram os tres sujeitos. Francisco, para os ver quando subiam por entre a alea de faias e olmos, poz a mão na testa contra o sol, e disse entre si: «Querem ver que temos penhora na quinta?» E, levantando-se

encostado a um forte tanchão de sóbro, perguntou:

—Querem alguma coisa?

—É este cavalheiro que quer comprar esta quinta—disse o tabellião.

—Vai dizer isso á senhora, rapaz—mandou Bragadas com grande tristeza, e accrescentou: —a quinta não se dá menos de dez mil cruzados.

—Dez mil cruzados! — disse o tabellião espantado — Nas hypothecas está avaliada em seis.

—Não quero saber d'isso; as hypothecas é isto; são dez mil cruzados, livres para a vendedora—resmuneou o ancião.

—Vossemecê é o sr. Francisco Bragadas?—perguntou o general.

—Para o servir. Não conheço a sua pessoa.

—É o sr. general Queiroz, da casa de Cimo-de-Villa.

—Ah! bem me lembro d'elle quando era moço, ali como aquelle meu neto. Quantas vezes

nós conversamos no rio! Eu andava com as rédes, e elle pescava á cana na Insua. Está muito acabado, e mais V. S.^a não é velho. Velho sou eu que já tenho dois carros e mais um.¹

N'este comenos, chegou o rapaz que levara o recado, dizendo que a senhora mandava subir para a sala.

Queiroz, subindo as escadas, amparava-se no braço de Gonçalves Penha, e dizia-lhe ao ouvido:

—Nunca me senti n'este abatimento nos combates do Recife e do Lima. As batalhas do coração são as peores. Esta impressão para mim vem tarde.

—Então, coragem!—alentou o desembargador.

Pouco depois que entraram á sala, appareceu Maria Moysés. Ergueram-se todos; mas o general apenas fez um gesto. Não podera, e senta-

¹ N'estas provincias do norte contam-se por carros de quarenta medidas as idades que excedem dois carros, ou oitenta annos.

ra-se, balbuciando palavras que não se perceberam.

Maria era alta, refeita, loura e bella como Josepha de Santo Aleixo: mas de uma belleza mais senhoril, menos rica do colorido da saude e das insolações tepidas, e do ar puro das serras. Tinham passado por ella alguns annos de convento, e uma vida longa de domesticidade, que desmaia a epiderme compensando-a nas graças morbidas da belleza aristocratica.

Mas, como quer que fosse, era o retrato de sua mãe, favorecido pela palheta de artista caprichoso que desadorasse as fortes e vivas côres das formosuras do campo; era Josepha de Santo Aleixo, depois de respirar em dez invernos o ar do theatro de S. Carlos, e em dez estios o ar latrinario dos Passeios de Lisboa.

E ahi está a rasão porque o general, colhido de sobresalto quando esperava a filha sem presumpção anticipada da sua figura, entreviu a mãe. O desembargador, para encher o vacuo do silencio que se fez, disse que o seu amigo, o sr.

general Queiroz de Menezes, desejava comprar a quinta de Santa Eulalia.

—São dez mil cruzados—repetiu Francisco Bragadas que já estava encostado á hobreira da porta.

—Visto que aqui está a dona, esta senhora dispensa procurador—observou o tabellião.

—O meu cazeiro diz a verdade — confirmou Maria Moysés com tristeza e irresolução — eu não dou a quinta por menos de dez mil cruzados.

O tabellião ia replicar com a coarctada das hypothecas, quando o general, fazendo-lhe um gesto de silencio, perguntou a D. Maria :

—Acceitando eu a quinta pela quantia que se pede, poderei hoje fechar este contracto ? Já trouxe commigo o sr. tabellião para se lavrar a escriptura.

—Preciso ver os titulos—disse o funcionario.

—Vou buscal-os . . . Então—perguntou ella ao general com hesitação e visivel magua — v. ex.^a quer occupar a quinta immediatamente?

—Não é forçoso isso. Quero compral-a simplesmente . . . Depois . . .

—É porque eu tenho uma numerosa familia de creanças que por aqui se crearam e estão educando.

—Desejo vê-las — disse o general com os olhos cheios de lagrimas.

—Pois não, sr. general! — acudiu Maria alegremente. — Ó tio Bragadas, diga á sua Joaquina que mande cá os pequenos.

—A canalha toda? — perguntou o velho.

—Toda — respondeu o general.

—Oh! que ingranzeu elles ahi vão fazer! — tornou o Bragadas, indo cumprir as ordens de má vontade.

—Parece-me que está com saudades da sua quinta, senhora D. Maria — disse Antonio de Queiroz.

—Pode-se dizer que nasci aqui, ou pelo menos aqui vi a luz e o amor de uma madrinha que me creou e me deixou esta propriedade por esmola, por que eu nada tinha . . . Fui engeita-

da, e tenho querido dar aos infelizes que não tem mãe nem pai o bem que recebi dos meus bemfeitores. Infelizmente os recursos não me chegaram. Empenhei a quinta, e agora sou obrigada a vendel-a por que os juros são grandes e mais tarde ou mais cedo as confrarias hão de tomar conta d'isto tudo. Vendendo eu a quinta por 10:000 cruzados, pago cinco e tanto que devo, e poderei com o restante amparar alguns annos mais estes pobresinhos.

N'este instante, entrou um rancho de treze meninos e meninas. Os rapazes vestiam uniforme de cotim escuro, e as meninas de riscadinho azul. O mais velho tinha onze annos, e era aleijado, encostava-se ás moletas, e entrara muito contente, saltando na unica perna, com uma alegria de idiota. Comprimentou os circumstantes com desempenho de grande sociedade, e retirou-se ás recuadas para a frente do grupo.

—Este aleijadinho é o que ensina os outros a ler; tem muita habilidade, e ajuda-me muito

—disse Maria, e accrescentou:—Eu vou agora buscar os titulos.

—Não é urgente, minha senhora. Os titulos, depois—disse o general.—O sr. tabellião lavra a escriptura, em quanto eu vou dar uma vista de olhos por estas janellas—e encostando-se ao desembargador, segredou-lhe:—Preciso ar.

—Sr. general—disse Maria Moysés.

—Minha senhora.

—Se v. ex.^a hade ter cazeiro n'esta quinta, peço-lhe que conserve aquelle velhinho, que tem muitos filhos e netos.

—Sim, minha senhora—respondeu elle com a voz tremente das lagrimas.

—Devo a vida a este homem... Foi elle quem...

—Está bom, está bom—atalhou Bragadas, limpando as lagrimas com a manga da jaqueta.

—Foi elle quem a encontrou no rio...—accrescentou o general.

—É verdade.

—N'um berço de vime—ajuntou Antonio de Queiroz.

—Que eu ainda conservo—disse ella sorrindo—porque é a herança de meus paes; pelo menos, é possível que minha mãe tivesse aquella canastrinha na mão. . . .

—Parece incrível que o naviosinho não fosse a pique!—disse o desembargador.

—É muito bem tecido—explicou ella.—Eu já fiz experiencias no Tamega com os meus engeitados, e não foram ao fundo pondo-os eu á flor da agua dentro do meu berço. Se vv. ex.^{as} querem vel-o?

—Estimava—disse o general.

—Vae buscal-o, Joaquina.

—Chegue-se cá, sôr Bragadas—disse o general—vossê é meu cazeiro, e hade dar-se bem commigo, esteja certo d'isso.

—Olhe, senhor, o que eu queria era ficar perto da minha ama—disse o velho.

—Já não sou sua ama, tio Francisco; mas sou sempre a sua amiguinha—e abraçou o an-

cião, que sacudia a cabeça porque o importunavam os soluços.

Chegára o berço. O general parecia examinal-o attentamente; Maria Moysés sorria-se ao reparo do fidalgo, e dizia :

—Está já muito velho o meu berço; quando olho para elle é que eu conheço que já tenho muitos annos.

—Esteve este berço nas mãos de sua mãe...
—disse Antonio de Queiroz.

—Talvez—observou ella—mas quem sabe? Póde ser que nem ella me visse... Custa a crer que minha mãe, com suas proprias mãos, me entregasse á corrente de um rio...

*

* *

Estava lavrada a escriptura.

O desembargador Gonçalves Penha contou dez mil cruzados em soberanos sobre a mesa onde o tabellião escrevera.

—Aqui está a quantia estipulada—disse Quei-

roz.—A renda d'esta quinta continua o sr. Francisco Bragadas a pagal-a á mãe carinhosa dos engeitados.

—Á minha ama?!—bradou o ancião.

—Á sua ama.

—Mil anjos o acompanhem na vida e na morte, sr. general! — exclamou Maria.

—Mil anjos são muitos — disse elle. — Um anjo só me basta na vida, e esse quero eu que me assista na morte. — E tomando as mãos de Maria, proseguiu: — Se eu morrer debaixo da luz dos teus olhos, Deus me chamará a si, não pelos meus merecimentos, mas pelas virtudes de minha filha. Pedirás então a Deus por teu pae, Maria?

—Eu! Jesus! Eu! sua filha! — clamou ella, pondo as mãos convulsas, quando elle a beijava na fronte.

Maria cahiu de joelhos, pendente dos braços do pae; e os velhos, e as creanças ajoelharam tambem, trementes e extaticos, sob a faisca electrica d'aquelle sublime lance.

Thomaz Ribeiro, com o teu coração, se tens n'elle uma lagrima, imagina este quadro e descreve-o, se podes, que eu não posso, nem quero, porque o ultimo feitio das novellas é não pintar, com o colorido gothico dos românticos, os quadros commoventes que rutilam na alma a faisca do enthusiasmo. Agora sómente se pintam as gangrenas com as côres roxas das chagas, e com as côres verdes das podridões modernas. Nos litteratos o que predomina é o verde, e nas litteraturas é o pôdre.

FIM

O DEGREDADO

CINQUANTO ANNI

NOVELLAS DO ALZBUO

1850

IX

O DEGRADADO

O DEGRADADO

Este livro contém a narrativa de
um dos mais interessantes casos de
degradação humana que se conhece
na história da humanidade.

LISBOA

Publicado em 1850 por
a Typographia Nacional, sob o
n.º 100 da Rua de S. Paulo.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVELLAS DO MINHO

PUBLICAÇÃO MENSAL

IX

O DEGREDADO

... Por se não perderem da memoria dos
homens que escreverem depois de
nós, tão gloriosos feitos.

JOÃO DE BARROS, *Decada 1, Prologo.*

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^a

68 —Praça de D. Pedro — 68

1877

A propriedade d'esta obra pertence a Henrique de
Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

AOS SENHORES FIDALGOS DA CASA REAL

E

CAVALLEIROS PROFESSORES DA ORDEM DO CRISTO

Offereço a Vossas Excellencias por dois tostões esta biographia de um seu confrade. Vão as suas pessoas, senhores fidalgos e cavalleiros professores, ufanar-se do irmão d'armas que tiveram na sua cavallaria.

Deus guarde a Vossas Excellencias para confusão de Bonança, de Latino Coelho, de Oliveira Marreca e das outras cabeças da hydra.

De S. Miguel de Seide, aos 20 de Novembro de 1876.

ADVERTENCIA PREAMBULAR

Este opusculo é um fragmento do meu NOBILIARIO. Quando a obra completa vier a lume, terei esboçado o perfil do meu paiz n'este quartel do seculo XIX. No anno 3000, a historia das actuaes traças e mánhas portuguezas será estudada no meu *Nobiliario*. Se houver lacunas e imperfeições n'este livro, serão preenchidas e sanadas pelos annuncios eroticos e fescininos dos jornaes medianeiros nas coisas mais secretas e delicadas do peito humano:— completa madureza da civilisação pela imprensa. Se o *Jornal de Noticias* me consente a presumpção, af-

foito-me a vaticinar que na podridão do fidalgo de ruim casta hade tresandar mais a ethnographia do seculo XIX do que no alcayotismo dos amoríos estampados e atirados nas azas dos quatro ventos a milhares de leitores (*Tiragem: 25:500 exemplares*).

Estudiosos que patinham no marnel dos meus commendadores hão de ser em maior numero, se não me engano, que os curiosos em descobrir quem fosse a senhora do annuncio — *chapeu verde, luneta de tartaruga* — a qual bem pode ser que fosse uma tartaruga de lunêta.

Seja como fôr, lá vamos todos para a posteridade.

O DEGREDADO

Tem Portugal uns povoados sertanejos que os politicos e os litteratos exploram, mettendo a riso as coisas e as pessoas de lá. Aqui ha trinta annos, os folhetinistas deitaram a garra a Figueiró dos Vinhos e Freixo de Espada á cinta. Mal diriam elles que d'este velho burgo acastellado havia de sahir o fulminador de Jehovah e do diabo, o sr. Guerra Junqueiro, o mais bizarro pintor de uma sociedade morphetica, e o mais canoro secretario geral que ainda ouviram ministros do reino e governadores civis! Eis o ponto culminante onde pode trepar um *aédo* portuguez — fallando á grega como elles —

se cavalga pegaso sem esparavões. Poeta que, hoje em dia, com os seus cantares, apanhe emprego de lotação de 400\$000 rs. afóra emolumentos, corresponde ao grego Simonides que, em concursos poeticos, ganhou 56 bois. Bons tempos! Um hymno grego rendia uma manada de rezes pezando pouco mais ou menos 32:000 kilogrammas; hoje, e aqui no paiz da madre-silva e da lorangeira, não ha quem abra concurso de sonetos a meio bife.

A omnipotencia do plectro, ainda assim! No periodo tenebroso dos Cabraes, quando o poeta era um ilota que queimava as azas do genio em meios-ponches fiados no Marrare das Sete-portas, o sr. Guerra Junqueiro, se florecesse então, vingaria enternecer ministerios em pezo, para demonstrar que na Thracia e em Portugal apparecem Orpheus, quando é necessario mover ursos ao som da lyra. ¹

¹ Quem quizer saber o que eram os Cabraes e a Poesia, ha trinta annos, em Portugal, medite n'este trecho de um folhetim de *Braz Tisana*, «Periodico dos Pobres» de 14 de março de 1845:

Alli, em Freixo de Espada á cinta, nasceu tambem o primeiro jesuita portuguez, o padre Gonçalo de Medeiros. Dois filhos que não parecem da mesma mãe. Compensações. O mál que fez o jesuita anda o poeta a remedial-o.

Depois, chegou a vez á *aldeia de Paio Pires, a Maçãs de D. Maria, a Cucujães, e Ranhados*. A ironia fez d'estas povoações uns symbolos de morgados lórpas, de morgadas nutridas, de deputados parranamente beldroegas e de trovistas ainda iscados do romantico soláo. Ninguem já ousava dizer que nasceu alli. Muita gente não se baptisava para não haver documento de haver nascido. As familias decentes emigraram, falsificando os passaportes. É que a ironia dos noticiaristas passara por alli assoladora como as

A sr.^a D. Antonia Gertrudes Pusich acaba de enriquecer o Parnaso lusitano com uns lindos versos sobre o Judeu Errante... Esta senhora é tanto mais digna de elogios quanto por vergonha nossa vemos a Poesia dada em droga na patria de Camões, de Ferreira, de Bocage e de Filinthe Elysio... Parece que a Politica é inimiga da Poesia.

Estas seis linhas pintam o cyclo negro das lettras patrias com tal precisão e relêvo que parecem de Cornelio Tacito.

patas dos cavallos numidas e a cimitarra dos filhos do crescente.

Hade haver um seculo que a aldeia mais chasqueada era a *Samardan*.¹ Filinho Elysio valeuse d'aquella aldeia todas as vezes que necessitou naturalisar um patola. Entre varios lanços das suas obras, escolho o seguinte :

Sahiu da Samardan certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca da fortuna ;
Embarca, vai-se ao Rio, deita ás Minas,
E lida, e fossa, e súa, arranca á Terra
O luzente metal, que o vulgo adora.
Vem rico a Samardan ; vinhas, searas,
Casas, moveis, baixélla compra fôfo :
Brocados veste, vae-se nos domingos
Espanejar á Igreja, acompanhado
De lacaios esbeltos ; vem o Cura,
Saúdal-o com agua benta ; os mais graudos
Do logarejo a visital-o acorrem ;

¹ *Samardan* é de raiz persa. O successor de Cambizes e predecessor de Dario chamava-se *Samardous*. Estes meus processos etymologicos são da eschola do *Amador Patricio* das «Antiguidades de Evora» que *Samardou* viesse e desse o nome á *Samardan* é hypothese melhor de aceitar que a outra de ter vindo o heroe de Homero fundar Lisboa ; porque chamando-se o heroe *Odisseus* não é crível que em Lisboa se crismasse em Ulysses.

Para elle os rapapés, as barretadas
Se apostavam de longe a qual mais prestes.
Fallavam-lhe os visinhos e a gazeta
Na celebre Paris, cidade guapa
Onde todo o estrangeiro nobre ou rico
Vae fazer seu papel. Eil-o azoado
Que deixa a Samardan, que se apresenta
Na capital franceza; roda em côche,
Alardeia librés; passeia Louvres,
Versalhes, Trianões. Volta enfadado
À sua Samardan.—«Gabam tal gente
•De polida! Oh! mal haja quem tal disse!
•Corri cas as, palacios, corri ruas;
•Não vi um só, nem grande nem plebeu,
•Que, ao passar, me corteje c'o chapeo.»

O padre Francisco Manuel, se em vez da Samardan,—serrana e fragosa aldeia, que não tem egreja nem cura—escolhesse para terra natal do seu rico parvajola alguma das cidades notaveis do reino, teria escripto um conto verosimil.

Do Porto da minha mocidade, abalavam ás vezes *para a Europa*, diziam elles, uns moços dinheirosos que não tinham perfeita certeza se a rua da Sovella ou da Reboleira, onde haviam nascido, estavam dentro da Europa. Cada um le-

vava quatro malas inglezas, como quem ia para os confins da alta Azia. Mandava inscrever o seu itinerario no *Periodico dos Pobres*, e gastava quinze dias a despedir-se de parentes e amigos com o ar pensativo de quem ia fazer uma viagem de circumvalação.

Estes Franklins e Cooks de cabotagem deixavam as amadas com ataques hysthericos, nervosas de ciumes das dansarinas de Paris, das grandes lorettes ou loureiras, portuguezmente fallando, da Cora Pearl, de mad. Paiva, que tinha palacio com escadaria de onix, e era esposa d'aquelle galhardo moço portuguez-macaense, que lá se matou ha seis annos, cerrando com o suicidio a mêda dos desatinos. As princezas da *Nova Babylonia* de Eugène Pelletan eram conhecidas até á Porta de Carros. Vogava então o *chic* em Paris, — o *chic* nacionalisado em Portugal trinta annos depois, quando lá em França já diziam *Zing*.¹

¹On ne dit plus chic. C'est recoco. C'est bourgeois. Et quand une femme a du genre et de l'élégance, on dit qu'elle

Da parte das damas zelosas, diga-se verdade, era isto um luxo de ciumes. Aquelles mancebos entravam em Paris, serios e sôrnas como o nosso padre Simão Rodrigues quando ia ao collegio de Santa Barbara conferenciar coisas do ceo com o seu amigo Ignació de Loyolla.

Escolhiam aposentos em bairro de celebrada gravidade, no *Saint-Germain: hôtel de Londres*, ou *hôtel des Ministres*. A barba britannica do viajante, a sua taciturnidade de inglez em jejum, o ar recolhido de quem está ruminando a *Guia de conversação*, requeriam casa pacata, vedada a estroinas mettediços com quem está calado, e a mulheres que viajam cheias de um cosmopo-

a du Zing. «Diccion. de l'argot» 1872. Paris. Ha 40 annos que Th. Gauthier escrevia *chic*. A brilhante escriptora a Sr.^a D. Guiomar Torresão applica em vez do *chic* o moderno *du chien*. (Almanak) Já não é bem moderno. CHIEN.—Flamme artistique, feu sacré. Abreviation de *sacré chien* (aguardente) pris dans une acception figurée—Elle á réellement du chien, cette femme-lá. (Droz) etc. Tambem se liga o Zing com o *chien*. Exemplo: Une toilette pourrie de Zing et persillée de chien. (*Vie parisienne*, 1866.) Isto era ha nove annos. Bem pode ser que hoje o vasconso dos *estaminets* e das *boulevardieres* não diga *chic*, nem *zing* nem *chien*.

litismo palavroso e comprometedor para sujeitos que não aprenderam, de transfusão, as linguas como os apóstolos. Pegavam logo de estar tristes, e a sentirem saudades da Porta-Moré, do Café-Guichard e da Assembléa da Trindade. Quando ouviam sinos em dia sanctificado, o coração voava-lhes para a missa do meio dia nos Congregados—a igreja do tom onde a Fé, que manca, entra sempre encostada ao hombro do deus de Gnido.

Passeavam nostalgicos as suas indigestões de trufas pelos boulevards. Á noite, esporeados pelo tedio, entravam em Mabilie, e respiravam um ar saturado de anisette, de patchouly, de marasquino e almiscar — o bafio das carnes nuas bezuntadas e sacudidas pelo regambolear do *cancan et demi*.¹ Sahiam d'ali, todavia, frios e impollutos como os sacerdotes de Cybele; e, ao outro dia, afivelavam as malas, e regressavam da

¹ *Nous avons le cancan gracieux, la Saint-Vemonienne, le demi-cancan, le cancan, le cancan et demi, et le chant. Cette dernière danse est la seule prohibée.* Alph. Karr.

Europa, cheios de cansaço e com mais alguns gallicismos, a restaurar-se no jardim de S. Lazaro e nas Fontainhas.

O padre Nascimento não iria á penhascosa Samardan procurar personagens, se houvesse florecido n'estes tempos modernos em que o di-
nheiro abriu caixas filiaes da Samardan nos centros das grandes cidades.

*

* * *

Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze annos. Está situada na provincia Transmontana, entre as serras do Mesío e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas dos lobos descem á aldeia e sevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancellar as portas dos curraes; á mingua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimaria, uivam lugubrememente, e embrenham-se nas gargantas da serra, illudindo a fome com rapo-

zas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi alli que eu me familiarisei com as bestas-feras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagaes das cidades, taes e tantas que me irriçaram os cabellos.

Na vertente da montanha que dominava a Samardan, havia um fôjo — uma cêrca de muro tosco de calháos a êsmo onde se expunha á voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo, engodado pelos balidos da ovelha, vinha de longe, derreado, rente com os fragoedos, de orelha fita e o focinho a farejar. Assim que dava tento da preza, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rez expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ella escabujando sobre o espinhaço; porém transpor de salto o muro era-lhe impossivel, por que a altura interior fazia o dobro da externa. A fera provavelmente comprehendia então que fôra lograda; mas em vez de largar a preza, e aliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o

salto, a estúpida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Prezenciei duas vezes esta carnagem em que eu — animal racional — levava vantagem ao lobo tão sómente em comer a ovelha assada no forno com arroz.

De uma d'essas vezes, puz sobre uns sargaços a *Arte* do padre Antonio Pereira, da qual eu andava decorando todo o latim que esqueci; marinhei com a minha clavina pela parede por onde saltara a fera, e, posto ás cavalleiras do muro, gastei a polvora e chumbo que levava granzando o lobo, que raivava dentro do fojo atirando-se contra os angulos asperrimos do muro. Desci para deixar o lobo morrer soceadamente e livre da minha presença odiosa. Antes de me retirar, espreitei-o por entre a junctura de duas pedras. Andava elle passeando na circumferencia do fôjo com uns ares burguezes e sadios de um sujeito que faz o chylo de meia ovelha. Depois, sentou-se á beira da restante metade da rez; e, quando eu cuidava que elle ia morrer ao pé da victima, acabou de a comer.

É forçoso que eu não tenha algum amor-proprio para confessar que lhe não metti um só graeiro de cinco tiros que lhe desfechei. As minhas balas de chumbo n'aquelle tempo eram inoffensivas como as balas de papel com que hoje assanho os colmilhos de outras bestas-feras.

Este conto veio a proposito da Samardan, que distava um quarto de legua da aldeia onde passei os primeiros e unicos felizes annos da minha mocidade.

*
* *

Conheci na Samardan um padre Francisco Vieira, bom sacerdote, amigo de ler, e que sabia de cór as *Viagens de Anacharsis*; e, como desejasse possuir uma erudição completa, pediu-me que lhe ensinasse a conta de repartir por quatro letras, segundo o systema do sr. Emilio Achylles Monteverde. Elle estava munido do *Manual Encyclopedico*; mas não percebia nitidamen-

te o que fosse *dividendo*, *divisor* e *quociente*; todavia, como era bastante subtil, padre Francisco, com assiduo estudo e trez mezes de exercicios, conseguiu repartir por quatro lettras, e tirar a prova pela regra dos nove. Este padre morreu novo; se continuasse a estudar, talvez viesse a responder com acerto a este problema do *Manual Encyclopedico*, pag. 178, ediç. de 1870: *Pergunta-se: quando é que uma pessoa nascida em 1864 terá completado 25 annos?*

Que recordações! e que saudades!

Nas tardes de estio, iamoz nadar a uma levada de um correjo que se despenhava da serra. A agua era frigidissima, lodosa e impenetravel ao sol. A ramaria entrelaçada dos freixos e amieiros fazia d'aquelle poço um banho ageitado á castidade de Suzana e á nossa. Padre Francisco, a ultima vez que lá entrou commigo, sahiu gelado e sem sentidos como Frederico Barbarôcha de certo rio da Armenia. Estou-me a ver derreado com o padre ás costas, sem attentar, no auge da minha afflicção, que eu o levava como se fugisse

do Paraiso com meu avô Adão chloroformisado. Acudiram-me os camponezes, depois de me contemplarem de longe e espavoridos como os sa-loios de Troia quando viram sahir Eneas da cidade com o pae ás cavalleiras. As mulheres não ultrapassaram as fronteiras de uma honesta curiosidade assim que viram aquella nudeza grega e antiga de mais para a Samardan; e os homens, com o meu exemplo, começaram a friccional-o com as suas mãos de cortiça tão efficaçmente que o padre veio a si, dando os gritos agudos de um esfollado. Estava salvo. Fizeram resu-mar á pelle o sangue congestionado. Se morresse n'aquella occasião, ia sem saber o que era o quociente.

Ás vezes, depois de jantar, sahiamos pela aldeia a esmoer a gallinha e o prezunto. A sr.^a Luiza, esbelta e farta irmã do clerigo, dava-nos em cada jantar uma gallinha loura reclinada sobre um escabello de prezunto, com travesseiros de chouriço.

Havia um grande *dividendo* de aves na ca-

poeira d'aquella casa; os *divisores* eramos nós; o *quociente* era metade das gallinhas para cada um. Fiz-lhe comprehender ao padre com este simile de cozinha os mysterios da arithmetica.

E eu saía impando por aquellas barrocas da Samardan, meditando e dizendo com o meu Horacio:

Ibam forte Via Sacra, sicut meus est mos, etc

As pessoas esquecidas do seu latim não se figure que padre Francisco ia fazer *Via Sacra*. Não lhe faltaria vontade e devoção; mas Samar-dan não tem calvario-nem egreja senão a que Filinho Elysio lhe phantasiou nas citadas trovas.

*

* * *

Uma vez, em um d'esses passeios, ao cerrar da noite, fiz reparo n'um grande pardieiro descolmado com dous descancelados portaes que rossavam pelo beiral do tecto.

—Aqui vive gente, padre Francisco?— perguntei.

—Não. Este cazarão era a córte da arreata do João do Couto. Mal o conheci, mas ainda me lembro de o ver á frente de vinte machos d'este tamanho.

E, dizendo, levantava o braço tres palmos acima da propria cabeça.

Continuou:

—Os machos traziam chocalhos grandes como sinetas que se ouviam badalar a meia legua. Quando João do Couto entrava por aqui dentro com a sua récua, vinha toda a gente ás portas comprimental-o. O seu negocio era lá para o sul. Ia a Lisboa todos os mezes levar prezuntos de Lamego e salpicões de Chaves. Ganhava muito dinheiro, chegou a ter seis mil cruzados em peças; mas, afinal, gastou tudo, arruinou a czinha dos pais, vendeu os machos, fugiu da terra, e taes proezas fez no Alemtejo que foi degradedado para Africa por toda a vida—hade haver quinze ou vinte annos. Por aqui ha homens

da sua criação que podem contar-lhe as extravagancias do João do Couto. Era um rapaz mal encarado, e valente como as armas. Jogava o páo por tal feitio que, em romaria onde elle fosse, as bayonetas dos soldados voavam das espingardas; e, sendo preciso, saltava por cima de um homem, e ficava em guarda com o páo atravessado. A justiça perseguiu-o por pancadas que deu; gastou com isso dinheiro grosso; mas quem no arruinou foram as mulheres.

N'este ponto da narrativa, o padre fez um parenthesis, e revelou conhecimentos não vulgares, citando philosophos e santos padres mui apropositadamente. Disse que Platão duvidara se ajuntaria as mulheres com os homens, se com os brutos. Quantas conhece o leitor unidas aos ultimos para realisarem a hypothese do divino Platão! Accrescentou que lêra em certo auctor antigo que a cabeça do homem tem tres miolos e a mulher um.

Padre Francisco não me pareceu que tivesse os tres perfeitos, teimando em dar credito ao seu

auctor, depois que eu lhe mostrei anathomica-mente o cerebro de uma gallinha igual na estrutura e na forma ao de um capão que se comeu por amor da sciencia. A instrucção d'este homem sahiu-lhe toda da capoeira.

Não obstante, desfazendo sempre nas mulhe- res, contou-me o caso tragico d'onde se motivou a ruina do frascario almocreve.

*

* * *

Havia nos arrabaldes de Villa Real, em uma aldeia chamada Borbelinha, um cirurgião, casa- do com uma rapariga bonita. ¹

João do Couto, se varria uma feira, nem sempre sahia com a cabeça illesa. Quando lh'a quebravam, ia curar-se a Borbelinha, e prezen-

¹ A novella tem a liberdade de alargar as fronteiras das provincias quando lhe convem. Estou historiando factos oc- corridos na provincia transmontana; porém, como o remate d'esta biographia ha de passar-se no Minho, espero que os geographos se não aproveitem d'isto para me vedarem o accesso ao templo dos immortaes, onde ha logar para todos.

teava bizarramente o facultativo. Desde que lhe viu a consorte, deixou-se avassalar da tentação. Quando estava em caza descançando ou arranjando frete para Lisboa, ia aos domingos no seu mais nedio macho, com gualdrapa e cobrejão es-carlate de borlas, e testeira de chapas amarellas, visitar o cirurgião e brindal-o com algum mimo da côrte. A esposa d'este sujeito, era algum tanto ligeira, e d'aquellas que auctorisaram o sabio antigo a assignar-lhes um só miôlo. O marido, não extranho á phrenologia, descobriu-lhe a bossa, e começou a espreital-a pé ante pé como quem traz pedra no sapato; e, além da pedra, trazia um par de pistolas reiunas nos coldres da egua. ¹ O valentão da Samardan não lhe mettia medo com a sua chibantice. Apprendera o cirur-

¹ Os dictionarios decerto desconhecem o adjectivo *reiunas*. Nas provincias do norte espingarda ou pistola *reiuna* são as dadas pelo rei á infantaria ou cavallaria. Agora, depois que por um milagre de esforço e contensão de espirito se descobriu que não é o rei, mas sim o povo que paga as armas com que a linha vertical do mesmo povo se mantem entre a ponta da bayoneta e a parede, as armas não são *reiunas*, são do Estado.

gião de Borbelinha a arte nas ambulancias do exercito anglo-luzo. As amputações sanguinosas, o estertor dos agonisantes e o tráfego com a morte levaram-no a dar á vida humana importancia insignificante. Ganhára fama de bravo no exercito, porque nunca o viram nas bagagens. O seu posto voluntario era onde as fileiras metralhadas rareavam. Ás vezes, tirava a espingarda da mão ainda quente de um cadaver, mordida o cartucho e punha o fito com tal olho e firmeza que não perdia uma bala. «Vou logo procural-a, entre a quarta e quinta costella d'aquelle francez, dizia elle.»

Quando recolheu da guerra, casou com a filha de um lavrador sua parenta. Grangeou merecida fama, e em poucos annos adquiriu bastantes bens. A mulher, creada na liberdade do campo, nas romarias, nas funçanatas das esfolhadas, estranhou o resguardo que lhe impunha a sua qualidade de esposa de cirurgião. Verdade é que ella o tinha conversado d'amores n'outro tempo; mas então era elle simplesmente san-

grador e dentista de boticão; foliava nas esturdias, nas mascaradas, e tocava requinta. Agora, porém, achava-o mudado. A casaca de briche, o chapéo de felpo, os berloques, o tom sentencioso dos dizeres, a seccura de marido que dá á esposa a honra de lhe tratar das piugas, desconvinham ao genio trêfego da moça.

Ora João do Couto era a encarnação do ideal de Rosa de Borbelinha. Quando ella o viu, teve uns assomos de doidice franca e lorpa como só nas aldeias ainda se encontra. Vira a fórmula palpavel do seu sonho. Depois, o juizo reagiu á explosão da sua inconsciente e selvagem alegria. Tornou-se por isso sombria e velhaca, olhando de esguêlha para o almocreve. Foi então que Manoel Baptista, o cirurgião, suspeitou e disse de si comsigo, olhando para João do Couto: «Estás bem aviado. . . .»

O da Samardan temia-o; havia uma força grande que o acovardava: era o amor, ou talvez que fosse o involuntario acatamento que lhe impunha o direito irrefragavel dos maridos. O certo é que

o almocreve não deu aos seus deshonestos propositos o desenvolvimento que habitualmente coroava as suas emprezas da mesma laia. Como o cirurgião o recebesse de má catadura, absteve-se de ir a Borbelinha; mas, intermettendo uma alcôfa bem remunerada nos seus planos, Rosa estava a pique de perder-se, passando-se do esposo para o amante.

Entretanto, Manoel Baptista soube que D. João VI dava no Rio de Janeiro liberalmente habitos de Christo a quem lá ia felicitá-lo pelo triumpho alcançado sobre Napoleão. Justamente indignado, viu condecorados uns sujeitos sem serviço algum; e resolveu por isso atravessar os mares e ir á côrte apresentar os documentos da sua bravura nas batalhas, e pericia nos hospitaes de sangue. Queria o habito de Christo para inaugurar em Borbelinha a entrada d'aquella ordem na sua pessoa, e tambem para humilhar em Villa Real uns bachareis em medicina que o não tractavam de collega nem admittiam a votar nas consultas.

Rosa viu com satisfação preparar-se o marido para a longa viagem; mas, chegado o tempo da partida, esmoreceu, quando Manoel Baptista lhe disse que ella ficaria no convento de Santa Clara em Villa Real em quanto elle andasse ausente. E, sem intermissão de dias, conduziu-a ao seu destino, dizendo-lhe que dava aquelle passo para amordaçar as más linguas, visto que, na ausencia dos maridos, as mais castas esposas se expunham a juizos temerarios.

Volvidos dias, na feira de Gravellos, João do Couto, que esbravejava em abafados rancores a sua paixão, passando rente pelo marido de Rosa, não o cortejou; e pouco depois encontrando um seu intimo de Adoufe, façanhudo marchante, que fôra dos dragões de Chaves, convidou-o a beber jeropiga, e tão copiosamente o fizeram, que alli se trocaram reciprocas e intimas confidencias.

—Por uma pouca de má vergonha—disse o almocreve—é que eu não atiro ao inferno a alma do Manoel Baptista.

—Eu cá—disse o Joaquim Roixo de Adoufe—se a historia fosse commigo, já o tinha posto a escutar a cavallaria.

—Homem—observou modestamente João do Couto—olha que elle é tezo.

—A quem tu o dizes! Vi-o eu no meio do fogo bater-se como um soldado razo, e cortava pelos francezes como um porco-espinho no matto; mas um homem desfaz-se de outro, quando é preciso, sem lhe dizer que se ponha em guarda.

—Eu cá não;—redarguiu o da Samardan—á traição não sou capaz de bater n'um homem. Já bati em seis de cara a cara; tenho espalhado com a ponta do páo romarias em pezo; vou ahi para a bocca d'um bacamarte como quem bebe este copo; mas palavra de honra, cato respeito ao Manoel Baptista. Ai!—e arrancou dos seios da alma um convulso arranco—Eu tenho uma paixão de matar pela Rosa! Antes de a ver, era eu um rapaz alegre, affeito, que me não trocava por ninguem. Agora não durmo, não como, não trato de nada, os machos lá estão na estrebaria

sem sahir, morreram-me dois que me custaram trinta moedas d'oiro, e eu fiquei como se não fosse nada commigo. E então, depois que a Rosa está no convento, e eu não sei d'ella nada, dão-me guinas de metter uma navalha no coração! Foi o diabo que me appareceu aquella mulher! O que eu devia ter feito era vir a Borbelinha, atiral-a para cima d'um macho, e fugir com ella por esse mundo além... Sabes tu que mais? —bradou elle, esmurraçando o balcão da taverna—eu sou homem para atacar o convento com mais uma duzia de homens de pello na venta, e raios me partam, se a não tirar de lá!

—Estás prompto, João do Couto! — atalhou o Roixo — mette-te n'isso que ficas estirado á porta do convento. Cada freira de Santa Clara tem um official de milicias a rondar-lhe o convento por fóra, quando lá não está dentro. Se tu deres o ataque, tens de te bater com o regimento inteiro. Olha, João — proseguiu fallando-lhe ao ouvido—só te vejo um remedio: quando ella ficar viuva, caza com ella. Sabes como se

faz viuva uma mulher casada? Não te digo mais nada. Lá vae o ultimo copo á saude da tua Rosa. Vá a virar!

—Abaixo!—exclamou João do Couto.

E despejaram o ultimo quartilho.

Depois, montaram nas suas possantes mulas, e sahiram da feira pela estrada de Villa Real.

A poucos passos, viram Manoel Baptista que levava a passo o seu cavallo adiante d'elles.

—Elle lá vae—disse o Roixo.

—Já o vi; deixal-o ir.

—Tens-lhe medo a valer, ó João!

—Tenho medo mas é d'uma pinga a maior que me vae cá por dentro a queimar o coração. Eu não quero matal-o, já t'ó disse.

—Mas deixa andar o macho, não lhe puxes a redea. O homem se dá fé que vamos ficando, cuida que tens medo. Eu cá á minha beira não quero cobardes. Cahia-me a cara, se um dragão de Chaves ficava á rectaguarda do cirurgião de Borbelinha.

E, dizendo, metteu as rozetas das esporas nos ilhaes da mula, que rompeu a galope. João do Couto trotava rente d'elle, resmuneando :

—Qual medo nem qual diabo !

O cirurgião, ouvindo a tropeada das cavalgadas, olhou para traz ; e, como reconhecesse os cavalleiros, desacolchetou os coldres, soffreu com firmeza e resguardo a redea do potro alfário, e deu-lhe de esporas quando elle se descompunha corveteando e rinchando ao aproximarem-se as mulas.

Joaquim Roxo, com o chapéo cahido sobre a nuca, páo de choupa debaixo da perna esquerda, e braço pendido segundo a estardiota dos de sua laia, ia do lado do cirurgião. A estrada era larga ; mas quer fosse proposito, quer a embriaguez desgovernasse o freio da mula, o páo ferrado do marchante rossou rijamente na perna do facultativo.

—A estrada é larga, seu bebado ! — disse Manoel Baptista.

O Roxo soffreu a mula ; e, quasi deitado na

anca, deu um piparote na aba do chapeo, e perguntou :

—A quem é que chama bebado ?

—A vossê — respondeu lealmente Manoel Baptista:

—Anda d'ahi ! — bradou João do Couto puxando-o pelo braço.

—Larga-me, João—disse o Roxo, atravessando-se na estrada, e endireitando-se sobre o albardão com as difficuldades contingentes ao desequilibrio da cabeça com a cintura.—Larga-me, já te disse !—E, voltando-se para o cirurgião—Conhece-me, ó patrãosinho ?

—Conheço ; mas não quero relações com tal conhecido. Desempache-me o caminho, quanto antes, é o que tenho a dizer-lhe.

O marchante, arrancando o páo, desenroscou um canudo de cobre que escondia uma choupa de aço de mais de palmo. Manoel Baptista sacou de um dos coldres uma pistola, e esperou sem lhe erguer o cão; o destemido ebrio floreado o longo páo de lódão fez-lhe uma pontoada

ao peito, da qual o salvou o cavallo empinando-se. O cirurgião engatilhou e disparou á cabeça de Joaquim Roxo, que instantaneamente cahiu de borco sobre o pescoço da mula.

N'este conflicto, João do Couto apeou d'um salto, abriu uma navalha hespanhola, e cresceu sobre o cirurgião, exclamando :

—Vossê mata-me o meu amigo, ó su alma do diabo ?

O aggreddido respondeu com segundo tiro ; mas as upas do pôtro não lhe consentiram aproveitar a bala com o seu costumado escrupulo. O almocreve cahiu sobre o joelho direito, por onde a bala superficialmente resvalára.

Havia já ao pé dos luctadores muito povo que vinha da feira, e entre a turba estavam alguns que conheciam o marchante, e por isso gritaram á d'el-rei contra o cirurgião, agarrando-lhe as re-deas do cavallo, e dando-lhe voz de prezo.

*

* *

Todas as testemunhas uniformemente depozeram que viram Manoel Baptista disparar dois tiros, matando Joaquim Roxo e ferindo João do Couto. O cirurgião allegava que em justa defeza matara e ferira; mas a lei, aguilhoada pela implacavel vingança do almocreve, e obrigada a ser severa, respondeu que só se dava morte em justa defeza quando o atacado não podia fugir. Ora as testemunhas deposeram que elle, se quizesse, podia fugir para traz. Foi Manoel Baptista sentenciado a degredo perpetuo para a Africa Oriental. Dizia João do Couto, gabando a justiça, que lhe custara dois mil cruzados aquella sentença.

Quando o condemnado sahiu da cadeia de Villa Real para a Relação do Porto, sua mulher acompanhou-o voluntariamente, e contra a espectativa do perseguidor do marido. Não foi o

amor que a moveu a seguir o condemnado; mas, na desgraça de Manoel Baptista, havia a coragem que é sympathica, se a não ennegrece a maldade. Rosa respeitava o marido, e accusava-se de ter sido causa do seu infortunio, posto que elle a não arguisse, nem ella se suppozesse suspeita de haver pensado em deshonorar-o. Em 1820 sahiu Manoel Baptista com sua mulher para Moçambique.

*

*

*

João do Couto nunca mais curou de restaurar com o trabalho os haveres desbaratados. Seu pae, Antonio Alves, que possuiria uma pequena lavoira grangeada no fabrico do carvão de urze, morreu quando o filho vendeu os ultimos machos; e sua mãe, a tia Maria Florencia, perdeu o juizo, e andava a encommendar as almas, por noite morta, trepando-se aos cabêços da serra. Entretanto, João do Couto, reduzido á pobreza

pelo jogo, e perseguido pelos crédores, fugiu da sua provincia e passou ao Alemtejo, onde, para amparar a vida, se fez jornaleiro em carvoarias de S. Thiago de Cacem, e com o vigor de alma de um penitente se entregou a esse aspero trabalho, fazendo-se estimar de seus patrões. Para se distrahir de lembranças dolorosas da sua alegre e abastada mocidade, jogava a esquineta com os seus companheiros, logrando-os, ou lhes ensinava o jogo do páo por um pequeno estipendio, moendo-os. Corridos dois annos de vida bem comportada, foi admittido em uma sociedade de carvoarias de sobro, por onde lhe seria possivel readquirir os bens esbanjados; mas, apenas a fortuna lhe sorriu, a sua indole brava, sopeada pela pobreza, partiu as algemas, e tornou ás antigas proezas e ribaldarias com o fêmeaço.

A biographia de certos personagens que floreceram antes da liberdade da imprensa está sumida nos cartorios dos antigos escrivães dos juizes de fora e corregedores. De 1833 em diante

as pessoas extraordinarias tem os seus annaes nas partes de policia, no noticiario do jornalismo e na Gazeta dos tribunaes. A idade média portugueza, pelo que respeita á obscuridade da vida social, terminou ha quarenta annos, com a primeira local de gazeta em que se contou a historia de duas facadas na Madragoa. Antes d'isso, encontrava a gente na rua dos Capellistas um homem no meio da escolta que o levava ali á forca do caes do Sodré, perguntava-se que mal tinha feito o homem: ninguem sabia responder. Lá o esganavam depressa ou de vagar segundo a agilidade do carrasco, e assim acabava com o padecente o segredo de um romance, em que decerto se confundiria a perversidade ingenita do homem e a estúpida razoira da lei com admiraveis lances de paixões nobres.

N'esta espessa treva se escondem os pormenores da vida de João do Couto no Alemtejo. Sabe-se positivamente que elle matara dois homens a páo e faca; disse-me alguém que os mortos foram trez; quatro parece-me exagera-

ção. A justiça bastaram dois para o agarrar, não sem grandes perigos, e o metter no Limoeiro, onde esteve desde 1824 até 1827, suspenso entre o patibulo e degredo perpetuo com trabalhos forçados.

N'estes tres annos foi soccorrido pelos seus patricios. Conheci em Villarinho, aldeia da mesma freguezia de João do Couto, um velho de nome João Claro, almocreve, que todos os mezes sahia a mendigar para o seu camarada prezo, e lhe levava ao Limoeiro as esmolas. Tenho saudades d'este jovial ancião que nunca me chamou pelo meu nome; tratava-me sempre pelo sr. *Rei Telles*: não sei como elle descobriu em mim aquella dynastia dos Telles. Havia n'isto fundo mysterio que João Claro levou comsigo aos abysmos insondaveis da morte.

*
* *
*

Coube a João do Couto degredo perpetuo para Moçambique. Tinha predestinação auspiciosa. Todos lhe agouravam pena ultima. Ninguem se empenhara a favor do homicida; salvara-o talvez dizerem as testemunhas que elle prestára bom serviço á sociedade matando os dois facinorosos.

Esta nova alegrou-o duplicadamente. Ia para Moçambique onde estava Roza, a perturbadora da sua vida, a unica mulher que elle amara de veras, a causa adorada das suas desgraças.

Alguns degredados, cumprida sentença, voltavam da Africa, e iam ao Limoeiro procurar os seus amigos: não os achavam n'outra parte; e procediam discretamente não exorbitando da sua roda, por que diz um proverbio inglez que não tem esphera nenhuma quem sahe da sua.

João do Couto perguntava pelo cirurgião Ma-

noel Baptista aos repatriados que vinham da Africa Oriental. Todos lhe diziam que o cirurgião estava a enriquecer, que tinha a principal freguezia da cidade, que era o medico do capitão general e do bispo, e que já havia comprado uma quinta em Mossuril; accrescentavam os informadores que a mulher do cirurgião abrira uma grande padaria na rua de Bancanes, de que tirava muito dinheiro, com o qual mandara fazer muitos cazebres na Missanga, que alugava aos negros.

João do Couto de si para si reflexionava que Manoel Baptista, se lá o visse, o mandaria matar por um cafre ou por algum portuguez degredado—peor casta de inimigo.

Não obstante, como adquirira o habito de matar, dispunha-se a não perder esse costume em Moçambique, visto que é bom adoptar os usos de cada terra. Ia por tanto resolvido a vender cara a vida, se o não deixassem vivê-la com socegada honra — outra excellente disposição que elle levava — viver honradamente em Moçambi-

que, e implantar alli os costumes innocentes da Samardan.

Revirara-se a má cara da fortuna seis annos adversa ao degredado. Quando chegou a Moçambique, e perguntou novas de Roza, disseram-lhe que o cirurgião era fallecido recentemente na Bahia de Lourenço Marques, onde havia ido por ordem do governador geral visitar o governador enfermo.

Alargou-se-lhe o vasto peito para abranger os borbotões de esperança que lhe golphavam do coração. Foi á rua de Bancanes, e parou defronte de uma grande padaria servida por mestiços. Não viu Roza. Perguntou por ella com a voz trémula de amor, de receio e de esperança. Apenas proferira as primeiras palavras, assomou, por entre duas cortinas de chita vermelha, a viuva com o semblante espavorido de quem se ouvisse chamar do fundo de um sepulchro. Reconhece-o, hesita, avança, recua, e faz aquelles tregeitos proprios e já tão nossos conhecidos do prosce-nio que hoje em dia todos estamos habilitados a

receber artisticamente a apparição d'um pae que não conheciamos; e de muito vêrmos essas mimicas, já quando topamos um sujeito que não vimos desde a semana passada, abrimos a bocca e os braços como se se encontrassem Castor e Polux nascidos no mesmo ovo, depois de uma ausencia de quatro lustros!

Lá estava, pois, a imagem do galhardo almo-creve, indelevel e aberta a fogo de saudade, no seio de Rosa de Borbelinha. Levou-o comsigo a mostrar-lhe os seus aposentos, o seu dinheiro, tudo que valia menos que o seu amor. Offereceu-lhe com honesta franqueza a sua casa, a sua meza e as suas roupas. Não lhe offerecia a sua mão, porque ainda não sabia e tremia de lhe perguntar se era solteiro.

O cadaver de Manoel Baptista ainda não estava delido na lama paludosa da Bahia de Lourenço Marques, e já a sua viuva conjugalmente reaquecia o thalamo, como quem quer dizer que casara com João do Couto.

Ninguem nos soube dizer porque motivo o

segundo marido de Rosa começou então a assignar-se *João Evangelista Villa Real*. O sobrenome adoptado do apostolo querido, *Evangelista*, seria para que a mulher, primeiro ligada a um *Baptista*, estivesse sempre em relações indirectas com S. João? Mais um enigma indecifrável n'esta biographia. Quanto ao appellido *Villa Real*, provavelmente adoptou-o da comarca onde nascera.

Prosperou a olhos visto o commercio de João Evangelista em todos os effeitos negociaveis na colonia. A felicidade intima correspondia á boa sorte das empresas. Amavam-se doidamente. João abençoava os desastres que o arrojaram ao degredo, abençoava a memoria e resava talvez pela alma dos dois alemtejanos que elle matara á paulada; quatro que houvesse descaideirado, abençoal-os-hia tambem o ditoso João Evangelista. A felicidade tem generosidades quasi absurdas!

A importancia politica do marido de Rosa — que já não traficava em padarias — principiou

em 1835 quando os cafres landins fizeram provocada carnagem nos colonos de Inhambane. A sublevação dos cafres comvisinhos d'aquella villa já a tinha previsto o governador Sebastião Xavier Botelho, quando assim descrevia Inhambane: «...Povoada de degredados facinorosos e aziaticos aventureiros que ajuntam á desmezurada cobiça, aquelles a maldade em que tem jubilado, e estes uma refinada preguiça que os desvia do mais leve trabalho...»¹

A guarnição da feitoria foi espostejada pela vingança dos negros; a tropa enviada em soccorro dos fugitivos pelo capitão-general fugiu diante da nuvem negra dos cafres, que excedia em disciplina e ferocidade a horda de degredados enviados de Moçambique. Aquelles aguerridos selvagens, «se os accomettem, não voltam rosto, jogando adargas e azagaias com alaridos, coragem e ligeireza. Em quanto as armas são de arremeço, não ha dobral-os, nem vencel-os: pele-

¹ Memoria estatistica dos dominios portuguezes na Africa oriental, Lisboa, 1835, pag. 104.

jam como leões; mas como ouçam tiros de arcabuzes, cozem-se com o chão, embrenham-se, e desaparecem na espessura dos bosques, que rompem e trilham melhor descalços que os seus inimigos calçados e armados.»¹

Sabida na capital a derrota da tropa ás mãos dos negros, João Evangelista Villa Real, que era portuguez semelhante aos do seculo xv e xvi, que por ali andaram a erguer padrões de civilisadores, sentiu-se arder em patriotismo, como ha poucos annos, na Africa occidental, ardeu outro mais celebrado aventureiro, José Teixeira do Telhado. Em patriotismo não ha como portuguezes! Um grande patife lá fóra, nunca deixa de ser um grande patriota.

Dirigiu-se ao capitão general, pediu-lhe cinquenta homens escolhidos entre os degredados, e estipulou que os vestiria e alimentaria á sua custa, com tanto que se lhe desse patente de alferes. Não se consultaram Regimentos militares

¹ *Ibid*, pag. 102.

nem pundonores de dragonas. João Evangelista cingiu a banda, disciplinou e vestiu cincoenta homens, e, arrancando-se aos braços da esposa chorosa, foi para a feitoria de Inhambane, com um phrenesi de acutilar cafres como se fosse vingar os manes insepultos de Manoel de Sousa de Sepulveda. Rebentavam dentro do ricasso mercador umas excrescencias dos figados do carvoeiro alemtejano. Foi um raio que se espargiu em coriscos por sobre aquella cafraria. Arcabuzou nas brenhas os que não retalhou no campo, e recolheu a Moçambique com duas alcofas cheias de cabeças de sovas. O capitão general abraçou-o, e disse-lhe que ainda havia portuguezes de lei. Os seus soldados, erguendo-o nos braços, conclamavam que iriam conquistar a Inglaterra, se elle os commandasse. É que João Evangelista, esbrasiado e ebrio pelo cheiro do sangue, parecia o Lucifer de Milton despenhado no meio d'uns pretos que não soubessem fazer o signal da cruz, como de facto não sabiam aquelles.

Augmentava cada dia a consideração do alferes de milicias. A gente mais qualificada honrava-se com a sua estima, e deplorava que cidadão por tanta maneira egregio não pudesse voltar á patria, nem com serviços tão relevantes conseguisse suavisar a desesperada sentença de degredo perpetuo.

Sete annos decorridos, em 1842, revoltou-se o presidio da Bahia de Lourenço Marques. O governador e os principaes proprietarios haviam sido assassinados. A plebe opprimida e conjurada com os degredados que vestiam a farda de soldados portuguezes, vingara os vexames que soffrêra até perder a esperança dos recursos levados ao governo geral. «Não ha cousa que sirva de barreira—escrevia o energico par do reino Sebastião Xavier Botelho—a certos governadores e feitores para se contentarem com grosso cabedal grangeado boamente, deixando ao mesmo tempo viver os pobres, senão que alguns querem abarcar tudo para si com absoluta exclusão dos outros, atraiçoando, roubando e ma-

tando: que de tudo isto aqui ha exemplos: o ponto é enriquecerem-se no praso mais curto, e para este effeito empregam a perfidia e a força... Tem alli havido uma serie de governadores a qual d'elles mais avaro, ambicioso... Cifro-me em dizer que todas as torpezas e devassidões tem ali andado não só desenfreadas, mas auctorisadas... »¹

Quem auctorisava as devassidões auctorisou João Evangelista Villa Real a organizar o seu terço de aventureiros, e já com a patente de capitão de milicias ir castigar os revoltosos á Bahia de Lourenço Marques.

A lucta foi carniceira e longa. O gentio dos reinos de Inhaca e de Manhiça, os vermes e os anzotes desceram das serranias, pensando que era chegada a hora de lavar com o sangue portuguez as affrontas de tres seculos. O bravo da Samardan entrara n'esta segunda campanha com a vida entalada no dilemma de morrer ou con-

¹ Obr. cit., pag. 91 e 92 e seg.

quistar a liberdade pelo indulto. N'este proposito, os seus atrevimentos eram o espanto dos proprios soldados e o terror do inimigo. Eu, que conheci na paz a cara sinistra d'este capitão de milicias, imagino o que ella seria na guerra.

Ao cabo de dezoito mezes de carnificina, João Evangelista Villa Real recolheu a Moçambique, onde foi recebido em triumpho. Repicaram todos os sinos desde o bairro de S. Domingos até ao da Marangonha. A guarnição apresentou-lhe as armas, e o capitão general brindou-o á sua meza, fazendo votos porque o governo de S. M. F. recompensasse os serviços de tão bravo portuguez, restituindo-o á patria, pela mesma razão que um monarcha lusitano restituira á liberdade Geraldo Sem Pavor—o conquistador de Evora, ladrão de seu officio.

Estava presente n'este jantar um cirurgiãomór de appellido Miranda, o qual, brindando á saude do ministro do ultramar, disse que a estrellada do digno e ditoso ministro lhe propiciara a vinda de João Evangelista Villa Real para Mo-

çambique durante o seu governo. Historiando a defeza do territorio portuguez na Africa oriental, comparou João Evangelista a D. Estevão de Attaide que desarvorara as caravellas dos hollandezes. Depois, em vibrações de enthusiasmo aquecido pelos clamores dos convivas, disse que iria elle a Lisboa solicitar o indulto de João Evangelista; e, quando os *bravos* e os *hurrahs* o deixaram concluir, exclamou:

—E, se eu não obtiver o indulto em Portugal,

Acabe-se esta luz alli comigo

É inexprimivel o effeito d'esta feliz reminiscencia dos Lusiadas!

Eu tambem conheci este Miranda, cirurgiãomór de caçadores 3, em Villa Real, quando elle veio negociar o indulto do capitão de milicias. Em casa estava sempre meio vestido de turco, com turbante, cazacão de seda amarella, chinelas carmezins e refestelado sobre um coxim azulferrete, a fumar por cachimbo de porcelana. Era

um pouco rachitico, pouquissimo mussulmano de sua figura; mas em verdade parecia um sátrapa em uso dos caldos peitoraes ferruginosos da pharmacia Franco. Recitava-me as suas « Africanas », umas poesias que tinham da Africa sómente serem versejadas em Moçambique, e pelo seu contexto e lingua não desdiziam de moiras.

Foi este pois o encarregado de promover o indulto, munindo-se dos attestados do capitão general, de uma baixella de ouro enviada por João Evangelista á casa real portugueza, dizem uns, ao ministro competente, modificam outros, respeitando, como eu, os altos personagens. Miranda é que o sabia ao certo, e tambem o sabe o possuidor da baixella.

Como quer que fosse, o indulto foi obtido; abriram-se as portas da patria ao capitão de milicias do presidio de Moçambique, assim denominado no decreto e nos subseqentes alvarás nobiliarios que o esperavam na patria.

Devia ser immenso o jubilo do cirurgião mór

Miranda portador do indulto ; mas, no mar alto, morreu abrazado no incendio do navio em que partira. Deu-se o desastre em 1851, se bem me recordo. Quem tiver curiosidade ou memoria pode esclarecer a data e as miudezas do sinistro em que pereceu, na flor dos annos, o vate Miranda, e, por boa sorte das lettras patrias, o manuscripto inedito das suas *Africanas*. Recordo-me que, estando eu hospedado em Lisboa n'um hotel—onde tambem se hospedara um velho cirurgião militar vindo de Africa, e inimigo de Miranda—aquelle, ao dar-me a noticia do naufragio com ares dolentes, accrescentou : « O mar e o fogo disputaram entre si a ver qual dos dois havia de matar aquelle desmedido bruto ». Em Africa aprende-se esta caridade.

*

* *

João Evangelista, o bravo, que nunca mudara de côr quando as azagaias hervadas lhe zi-

niam nas orelhas, chorou e desmaiou ao receber a nova de que estava perdoado. A alegria poderia enlouquecel-o, se não se desse nos mesmos centros nervosos a repercussão de uma penetrante angustia. Rosa, quando tratava de enfiar as suas riquezas, imaginando-se coberta de seda e recamada de ouro em Borbelinha, foi atacada de uma pernicioso, e morreu ao cabo de algumas horas de agonia.

O viuvo cahiu de cama e desejou acabar. Rodearam-no, porém, as geraes sympathias da gente da terra, insinuando-lhe apêgo á vida para poder na sua patria fazer brilhante figura. Quando elle ia cedendo aos rogos e á natureza, aggravou-se-lhe a enfermidade, bojando-lhe na espinha cervical um antraz da peor casta. Mandaram-no confessar, e elle teve medo a Deus n'aquella hora, primeira vez na sua vida em que sentiu a vaidade de se julgar tão duradoiro espiritualmente eterno como o proprio Criador. Antes, porém de se confessar, quiz ver se negociava a vida, compromettendo-se com a Di-

vindade pelo mais extravagante voto de que tenho noticia: *Cazar com a primeira mulher perdida que encontrasse, assim que pozesse o pé no chão da patria.* Ao cabo de quarenta e oito horas, a gangrena parou, a escara do carbunculo despegou-se, e João Evangelista Villa Real estava salvo.

Em 1852, liquidados os bens e os escravos que prefizeram centena e meia de contos, veio para Portugal. Desembarcou no caes das Columnas ás dez horas da manhã, e foi direito á Ribeira Velha, em busca de uma estalagem onde costumava pousar com a recova dos seus machos, quando era o famoso almocreve transmontano. Lá estava ainda a estalagem. Os antigos donos eram já mortos. Á porta da taberna estava frigindo pescadinhas marmotas uma rapariga arremangada, de braços vermelhos, roliços e brunidos das unccões do azeite que espirrava da frigideira. Era a primeira mulher com quem fallava o João Evangelista do voto.

—Ha quarto onde se durma?—perguntou elle.

A taverneira mediu-o da cabeça aos pés, e paizou a sua observação no grosso grilhão e no alfinete de esmeraldas rutilantes que destacava da gravata escura de setim.

— O senhor quer cá ficar?!—perguntou ella maravillhada de hospede tão limpo.

—Quero, sim, menina.

—Olhe que isto aqui é estalagem de almoceves e de lavradores do Ribatejo.... Eu logo lh'o digo.

—Bem sei. Dê-me o quarto das duas janelas.

—Ah! o senhor já conhece a casa...

—Ha mais de trinta annos.

—Então suba, que lá está o patrão no primeiro andar.

—A menina não é a patroa?

—Nada, eu sou criada. Patroa! tó-carocha! quem dera d'isso...

E dizia estas coisas com tregeitos muito desnalgados e frandunos.

A mocetona ainda não tinha visto a bagagem

do hospede : eram oito bahus, afora malas e malletas, um casal de pretos carregados de viuinhas, de papagaios, periquitos, um sagui, um terra-nova, tudo recordações vivas da sua defuncta.

Recolhido ao seu quarto, conversou com o estalajadeiro assombrado da bagagem.

—V. S.^a — disse o homem — não sei como não quiz ir para as hospedarias dos brazileiros, para o Alexandrino ou...

—Estou aqui á minha vontade. Já dormi n'este quarto muitas noites... Deus me dê os regalados somnos que eu dormi n'esta cama... Ainda a conheço... estou mais acabado que ella...

—Então V. S.^a é cá de Ribatejo? No meu tempo não me lembro de o cá ver; e mais já aqui estou ha vinte e dois annos.

—Eu tenho cincoenta e seis, e a ultima vez que aqui dormi tinha vinte e quatro...

O estalajadeiro fez a conta e disse :

—Isso então foi no tempo do Damião Camba-

do. Esse homem é que ganhou dinheirama! No tempo d'elle havia almocreves de rópia, que se acabava o mundo quando elles entravam com arreatas de vinte machos por essa Lisboa dentro. Eu ainda fui curador do Damião. Vinham aqui pouzar o Machado de Çarçãõ e o João do Couto, lá de Traz-os-montes, e outros que jogavam ahi a ronda a moeda e mais. V. S.^a hade querer almoçar, ou já almoçou? A cozinheira não é de todo peste.

—É a rapariga que estava a frigir?

—É, sim, senhor. Boa cosinheira é ella; mas doida de pedras. Está sempre com a tacha arreganhada a quem lhe diz graçolas, e deixa esturrar os tachos. Agora deu-lhe a têlha de querer casar com um aspeçada de artilheria. Leva boa peça, não tem duvida. . .

—Mande-me o almoço—disse João Evangelista a pensar no voto.

Quem poz a toalha na meza foi a Clemencia. Chamava-se Clemencia. Vinha muito rosada do lume, e sorria com um esmalte de dentes irre-

prehensíveis. Fazia uns gestos de quadris e movimentos largos enfunando a saia côr de roza, e apertando o balão de junco na estreiteza da porta por onde servia o almoço. Tinha que vêr então.

Findo o almoço, disse João Evangelista :

—Ha muito que não comi com tanto appetite, palavra de honra !

—Que lhe preste, meu senhor.

Tirou elle do dedo um argolão de ouro, deu-lh'o e disse :

—Desde hoje em diante [pense em mim, se quizer ser rica.

Clemencia, moderadamente espantada, pegou do anel, remirou-o, e balbuciou :

—V. S.^a dá-m'o ? Está a mangar, acho eu !

—Dou. Ouvi dizer que a menina ia casar. Não caze, sem que eu lhe faça uma pergunta.

—Está o amo a chamar-me—disse ella pressurosa para esquivar-se a suspeitas malevolas.

—Vá ; que poucos dias hade ser creada de servir.

*
* *
*

A mudança de clima adoentou-o e produziu-lhe sezões diarias. Clemencia abandonou a cozinha, tanto que João Evangelista avisou o estalajadeiro que desde aquella hora em diante considerasse a rapariga uma hospeda, porque precisava d'ella para sua enfermeira. É inexcedível o carinho e zelo com que ella velava as noites adivinhando-lhe as vontades á cabeceira do leito. As caricias sahiam-lhe tão expontaneas que não pareciam interesseiras.

Ao cabo de trez mezes, João Evangelista Vila Real erguia-se restabelecido, e cumpria o voto repetido n'esta segunda enfermidade: cazava com D. Clemencia, que é hoje uma senhora a quem a minha penna não ousa adjudicar as condições estipuladas no voto. As reticencias são pontos sem fórma litteral porque só com ellas se consegue não dizer nada, ao passo que todas as in-

delicadezas se acham contidas no *A-b-c*; por mais que a gente se cance em inverter a verdade com o artificio das syllabas, quando se evita a offensa, resalta sempre a ironia. Por tanto...

.....

*

*

*

João Evangelista apresentou-se a dois ministros com as cartas de recommendação do capitão-general. O dos negocios do ultramar gostou de conhecer pessoalmente o heroe de Lourenço Marques. O sol da Africa bronzeara-lhe um sympathico semblante de beduino. Usava bigode espesso e grisalho. Os cabellos eram ainda bastos, negros e lustrosos. Espaduas largas, bem conformado, mas extremamente descarnado no rosto, em que mais por isso realçava o coriscar sinistro dos olhos. Na testa serpeavam-lhe veias pretas, e tinha um nariz movediço e adunco. Contou modestamente ao ministro as suas façanhas

attribuindo-as á valentia dos seus soldados. Deu conselhos, propoz alvitres e pintou com acerto o estado das colonias e o modo de as conservar com utilidade. Quanto ás suas liberalidades na sustentação de um troço de homens, nada disse; mas o ministro sabia que João Evangelista desembolçára vinte contos na guerra de 1842. Ao despedir-se, o secretario de estado perguntou-lhe se pretendia alguma cousa, alguma mercê. João Evangelista respondeu que se considerava que farte remunerado com o indulto. Não obstante, dias depois era agraciado com o habito de Christo.

Deliberou residir na capital da sua provincia, em Villa Real. Transferiu-se para lá; e, sem dizer quem era, foi á Samardan. No caminho, perto de Gravellos, viu uma cruz de pau sob um docel pintado de vermelho, um vermelho que parecia sangue. Na peanha tosca da cruz lia-se o nome de Joaquim Roxo, o assassinado pelo cirurgião de Borbelinha. Descobriu-se e rezou-lhe um Padre Nosso por alma. D'ali em diante, pelo ca-

minho fóra, apossou-se do cavalleiro professo da Ordem de Christo grande melancolia. Via em si o alegre almocreve de trinta e cinco annos antes, e tinha saudades da sua vida de então. Parecia-lhe ver a seu lado a sombra de Manuel Baptista e olhava sobre a esquerda onde por entre os castanhaes alvejava a torre da egreja de Borbelinha. O pensamento ia d'ali a Moçambique, via o rosto cadaverico de Rosa, e demorava-se a imaginar-lhe os ossos ainda vestidos de carne sob a terra gretada pela chuva.

Chegou á Samardan ao lusco-fusco. Bateu á porta dos Vieiras, e pediu gasalhado por uma noite. Já não vivia o padre que me mostrára o pardieiro de João do Couto. Disse que ia para Traz da Serra, e receiava metter-se ao caminho. Com grande pasmo da familia hospedeira, sahiu noite alta, e andou percorrendo a aldeia. Sentou-se á porta da casa onde nascera, curvado, com a cabeça entre as mãos, e chorou! Chorou, senhores, aquelle homem que só devia chorar quando não teve mais pretos que matar, assim

á maneira de Alexandre quando viu que se lhe acabava mundo que avassalar! Ah! n'aquella hora, se os cafres tivessem alma, e as creanças dos cafres tivessem o direito humano de se queixarem orfanados de paes e mães, que legiões de phantasmas não voltariam em redor d'aquelle cavalleiro de Christo!

Ao outro dia, ao despedir-se da familia que lhe dera hospedagem, revelou quem era, e pediu que se avisassem os seus parentes pobres e os seus credores, ou os herdeiros d'elles.

Confluiram a Villa Real tantos primos que o homem antes se quizera ver a contas com os pretos da terra dos Fumos. Como elle era *Alves e Gonçalves* por paes e avós, todos os *Alves e Gonçalves* d'aquem e d'além Córrego entraram ás chusmas em Villa Real. Ás cavalleiras dos paes iam as creanças, e escarranchados nas albardas dos jumentos cabeceavam os macrobios. A estalagem do Ferro-Velho onde pousára João Evangelista parecia a Kaaba. As caravanas disputavam-se grãos de parentesco no pateo da estalagem.

Distribuiu João Evangelista liberalmente os seus donativos pelos parentes; mas fugiu de Villa Real quando alguns vadios, que não eram seus primos, lhe enviaram cartas anonymas designando as quantias que necessitavam e indicando os logares em que elle, se queria viver, devia deposital-as. O capitão de milicias de Africa fez então o elogio da civilisação dos negros, e evadiu-se para o Porto, visto que não lhe era permittido chamar do presidio de Moçambique a sua ala, e implantar em Villa Real alguns exordios de justiça.

Estabeleceu-se no Porto em 1853, e começou a edificar uma corrente de elegantes casas na rua Bella da Princeza. João Evangelista Villa Real montava sempre um cavallo preto de boa estampa; seguia-o um preto a pé, e precedia-o um cão da Terra Nova. Nos dias santificados, passeava sua esposa, uma senhora dotada de gorduras carminadas, e arquejante debaixo do peso dos grilhões de ouro que lhe bamboavam sobre o promontorio dos seios. Adivinhava-se ali um pas-

sado de fressuras e mãosinhas de carneiro ricas de açafão.

*

* *

Tinha este homem no seu foro intimo as seguintes cousas :

Primeira. Pancadaria á mão tente na primeira mocidade; navalha hespanhola na bocca, e pau de choupa em riste, nas feiras e romarias.

Segunda. As raparigas da Samardan, e as circumjacentes perdidas de modo que nem o ceo lhes podia valer; porque diz Santo Agostinho que nem Deus póde restituir a virgindade perdida.

Terceira. O pomo da discordia atirado ao seio da familia de Manuel Baptista; o amigo assassinado por amor d'elle; o cirurgião sentenciado a perpetuo desterro, e morto das febres putridas do presidio de Lourenço Marques;

Quarta. O assassinio dos dois alemtejanos,

que eram maus, mas tinham direito á vida que representava o pão de muitas creanças.

Quinta. A torpe ficção de patriotismo com que se investiu para indultar-se de matador de dois brancos, espedaçando centenas de negros que haviam estrebuchado sob o pé de ferro que os esmagava no chão onde o missionario implantára a cruz.

Por sobre estas cousas do foro de dentro, queria ter por fóra o foro de fidalgo da casa real.

Isto seria absurdo, se uma fatalidade geographica não pozesse João do Couto entre o rio Minho e o Cabo da Roca. Se elle não visse duas commendas da Conceição apresilhadas nas lappellas de dois seus vizinhos apanhados em flagrante assalto de quadrilha em Ponte Ferreira; se não visse a farda escarlata n'um réo convicto de testamenteiro falso—ousaria pedir brazão de armas a el-rei seu amo? Se então não coroassem de barão portuguez um corretor de meretrizes no Rio de Janeiro, João do Couto, o ho-

micida lavado na sangoeira dos cafres, pediria a el-rei a faculdade de ir saborear um refresco nas salas da Ajuda? Elle não pensava n'isso. João Evangelista Villa Real, se acceitou o habito de Christo, foi porque soube que Vasco da Gama o tinha acceitado; e, quando pediu o foro de fidalgo, attendeu a que Affonso de Albuquerque e Pedro Alvares Cabral o não tinham regeitado.

Requereu, pois, brazão de armas para encimar o portal do palacete que tencionava construir. O real pulso rubricava o titulo de nobreza d'este homicida rehabilitado pela carniceria de Africa, ao mesmo passo que a indigencia ralava na obscuridade os voluntarios de D. Maria II nas possilgas da cidade heroica, onde João Evangelista fabricava palacios.

O brazão é passado a 2 de junho de 1861, e registado no Cartorio da Nobreza d'estes reinos, no Livro IX, folha 42 v. O sr. visconde de Sanches de Baena traslada-o assim no seu *Archivo heraldico-genealogico*, pag. 286:

João Evangelista Villa Real, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de milicias da provincia de Moçambique; filho de Antonio Alves, negociante, e de sua mulher D. Maria Florencia Alves; neto paterno de Manuel Alves, proprietario, e materno de José Caetano Gonçalves, proprietarto, e de sua mulher D. Maria Gonçalves. Um escudo com as armas dos Gonçalves.

O escudo de Gonçalves é em campo verde uma banda de prata carregada de dois leões vermelhos rompentes. Timbre um dos leões. ¹ Este é o escudo de armas passado a Antão Gonçalves que devia de ser tronco d'aquellas vergontes que florejaram na Samardan.

Darei succinta noticia de algumas familias Gonçalves, extinctas e redivivas na pessoa de João do Couto. No *Nobiliario* do conde D. Pedro, tit. 22, pag. 134, D. Egas Gomes de Sou-

¹ *Thesouro da Nobreza de Portugal*, por fr. Manuel de Santo Antonio, reformador do Cartorio da Nobreza.

sa, senhor da Honra de Novellas, cazou com D. Gontinha *Gonçalves*, filha de D. Gonçalo Mendes da Maya, o *Lidador*; querem outros que D. Gontinha *Gonçalves* fosse terceira neta de D. Ramiro II, rei de Leão. Lá como quizerem: João do Couto não discutia isso, nem lhe importava que o genealogico Manuel de Sousa Moreira puzesse aquelle D. Egas na linhagem da casa de Lafões.¹

Temos outra vez, n'esta familia dos *Gonçalves* da Samardan, D. Mor *Gonçalves* casada com Affonso Lopes de Bayão. Por este ponto os leões de João do Couto encontram-se com as aguias da Honra de Azevedo, pela alliança de um neto de D. Alvaro de Bayão com a supradita *Gonçalves*.² Giravam outrosim nas arterias de João do Couto alguns globulos do sangue do rico-homem de Castella D. Gomes *Gonçalves* Girão,

¹ *Theatro historico-genealogico y Panegirico de la excellentissima casa de Sousa*, pag. 94. N'estas materias graves a exactidão das citações é cousa capitalissima.

² *Historia genealogica da Casa Real*, tom. XII, parte I, pag. 237.

irmão do senhor da casa de Girões. Consulte-se *Gludiel* «Compendio de los Girones» pag. 48.

Desastres, transformações, mudanças de tempos, quedas e renovações de nobreza, em tempos de Affonso III, de D. João I, de D. João II, dos Filippes, de D. João IV fizeram que os Gonçalves avós de João Evangelista vivessem de fazer carvão nas serras da Samardan; todavia, o lavrante do alvará, repondo os prenomes de *Donana* tia Maria Florencia e na tia Maria Gonçalves, mãe e avó de João do Couto, endireitou esta linhagem que andava torta, e limpou-a do pó das carvoarias.

*

* *

João Evangelista Villa Real, cavalleiro professo na Ordem de Christo e fidalgo com exercício, viveu a longa vida dos anciãos que encaneceram com a serena consciencia dos patriarchas, e em propectos annos se mantiveram para exemplo da

mocidade. Devia de orçar pelos setenta e sete, quando ha quatro annos adormeceu no infinito somno dos cavalleiros professos, envolto no manto da ordem com o seu largo peito ornado da cruz vermelha. Ali, no jazigo do ultimo descendente bem aproveitado dos Gonçalves, apodrece o primeiro fidalgo, e porventura o derradeiro da Samardan.

Não deixou descendencia, porque tinha de menos na arte de fazer homens o que lhe sobrava no engenho de os desfazer. A sua viuva passou a segundas nupcias com um sobrinho remoto do defunto. Não sei se ha raça de Gonçalves n'esta enxertia; mas D. Clemencia entrou segunda vez na corrente de D. Gontinha.

*

* *

N'esta novella-biographia ou biographia-in-novellada, não a quiz fazer chorar, minha senhora. Vossa excellencia já sabe que eu—o der-

radeiro cultor do romance plangente n'este paiz onde a litteratura se está refazendo com fermentações de côres varias e jogralidades vasconsas, —premindo com o dedo umas certas molas do mecanismo da sentimentalidade, faço tremeluzir no setim de suas pestanas umas camarinhas de preciosas lagrimas. Tambem não quiz que vossa excellencia se risse. Este livrinho tem intuitos graves, e encerra uma idéa encoberta, porque idéas descobertas já raramente apparece uma. Tenho o desvanecimento de conjecturar que a philosophia d'este opusculo hade dar de si. Pretendo anniquilar a fidalguia d'estes reinos movendo vossas excellencias a não consentirem que seus esposos, afidalgando-se como João do Couto, concorram juridicamente aos bailes do Paço com facinorosos de torna-viagem.

FIM

ALGUMAS OBRAS EDITADAS

PELA CASA DE

MATTOS MOREIRA & C.^a

68, PRAÇA DE D. PEDRO, 68

LISBOA

- Album de caricaturas, phrases e anexins da lingua portugueza**, por Bordallo Pinheiro (Raphael), com um prefacio (especie de biographia do auctor) por Julio Cezar Machado — 1 elegante vol. em papel velino, com excellentes e graciosas gravuras em madeira, proprio para brinde..... 1\$200
- Almanach de Caricaturas**, contendo muitas historietas e anedotas illustradas, alguns retratos de pessoas conhecidas, tudo tendente a despertar o riso, sem a minima offensa, por Bordallo Pinheiro (Raphael), 1874, 1875, 1876 — Cada um 200 rs. Os tres \$400
- Arte de cosinha**, por João da Matta — 1 vol. contendo dez jantares completos de primeira ordem, muitas receitas de cosinha ao alcance de todos, uma variada secção de doces, massas, molhos, caldos, compotas, maneira de pôr a mesa e de a servir, etc. \$700
- Cantares**, versos por Alberto Pimentel, com uma carta-prologo do sr. conselheiro Thomaz Ribeiro — 1 v. \$500
- Casamentos do Diabo**, romance por D. Enrique Perez Eserich, traducção de Alfredo de Mello — 3

vol. com 30 gravuras de pagina, desenhos de Boddallo Pinheiro (Raphael).....	1\$500
Chapeu (o) de tres bicos , romance humoristico por D. Pedro de Alarcon, vertido por Meyrelles do Canto e Castro e illustrado por Manoel de Macedo — 1 vol.....	\$600
Comedia do Campo , scenas do Minho, por Bento Moreno—1 vol.....	\$500
Contos e lendas , de Rebello da Silva (com o retrato do auctor), 1 vol.....	\$600
Contos singelos , por Gabriel Pereira—1 vol.	\$500
Demonio (o) do ouro , romance por Camillo Castello Branco—2 vol. com quatro estampas, desenhos de Boddallo Pinheiro (Raphael).....	1\$000
De noite todos os gatos são pardos , romance historico e posthumo, de Rebello da Silva—1 vol...	\$600
Diccionario de invenções, origens e descobertas antigas e modernas , compilado e accrescentado com diversas noticias relativas a Portugal, por Alberto Pimentel. Está publicado o 1.º vol. A-E....	1\$200
Continua a publicação ás folhas, e ainda se recebem assignaturas.	
Filha (a) do Regicida , romance historico em continuacão ao <i>Regicida</i> , por Camillo Castello Branco —1 vol.....	\$500
Filho (o) de Marat , romance, traducção de Pinheiro Chagas—4 vol.....	\$480
Filhos (os) da Fé , romance por D. Enrique Perez Escrich, traducção de Cunha Moniz—3 vol. com 24 gravuras de pagina, desenhos de Manuel Macedo.....	1\$500

Historia do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França , nova edição, illustrada com muitas gravuras de pagina—1 vol. enc.....	₣500
Historia resumida de Hespanha , desde a occupação dos carthaginezes até á actualidade, por Carlos Lisboa—1 vol.	₣500
Inveja (a) , romance por D. Enrique Perez Escrich, traducção de J. B. de Mattos Moreira—3 vol. com 23 gravuras de pagina	1₣500
Mulher (a) adultera , romance por D. Enrique Perez Escrich, traducção de J. B. Mattos Moreira—4 vol. com perto de 200 illustrações de Raphael Bordallo Pinheiro	2₣000
Novellas do Minho , publicação mensal, por Camillo Castello Branco :	
1. ^a Gracejos que matam	₣200
2. ^a O Commendador	₣200
3. ^a O Cego de Landim	₣200
4. ^a A Morgada de Romariz	₣200
5. ^a e 6. ^a O Filho natural, 2 vol.....	₣400
7. ^a e 8. ^a Maria Moysés, 2 vol.....	₣400
9. ^a O Degredado	₣200
Obras (as) de Misericordia , romance por D. Enrique Perez Escrich, versão de J. B. de Mattos Moreira, illustrações de Raphael Bordallo Pinheiro—4 vol.....	2₣000
Perdição (a) da mulher , romance por D. Enrique Perez Escrich, traducção de Cunha Moniz—3 vol. com 24 gravuras de pagina, desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro.....	1₣500
Portugal antigo e moderno , diccionario geographi-	

co, estatístico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico, de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal, etc., por Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal.—Publicados: I—A-B.	2\$000
II—C-D	1\$800
III—E-J	1\$500
IV—L	1\$800
V—M	2\$000
VI—N-P-E	2\$400
Encadernado custa mais 300 réis cada volume. Continua a publicação, e ainda se recebem assignaturas aos fasciculos, na razão de 100 réis cada um.	
Os que riem e os que choram , romance por D. Enrique Perez Escrich, traducção de J. B. de Mattos Moreira—3 vol, com 24 gravuras de pagina, desenhos de Manoel de Macedo.	1\$500
Regicida (o) , romance historico por Camillo Castello Branco—1 vol.	\$500
Remorso (o) vivo , romance por Francisco Gomes de Amorim—1 vol.	\$500
Rosto e coração , romance contemporaneo por J. B. de Mattos Moreira—1 vol.	\$500
Selvagens (os) , romance por Francisco Gomes de Amorim, 1 vol.	\$500
Tempestades do coração , romance contemporaneo por J. B. de Mattos Moreira—2 vol.	\$240
Terremoto (o) de Lisboa , romance historico por Pinheiro Chagas—1 vol.	\$500
Theatros (os) de Lisboa , por Julio Cezar Machado, illustrações de Raphael Bordallo Pinheiro —1 v.	\$600

Des
4996

